Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 271
Outubro 1983
Segunda-feira

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

A "pista búlgara" dá-nos uma pista

As agências noticiosas difundiram a informação de que o cidadão turco Ali Agca, autor de um atentado contra a vida do Papa, acaba de ser inculpado por falso testemunho no caso das acusações ao cidadão búlgaro Serguei Antonov.

Segundo as agências noticiosas, Ali Agca é acusado de ter feito «denúncias caluniosas contra Antonov» pelo juiz-instrutor Ilario Martella. A decisão do juiz italiano vem pôr em causa a histérica campanha internacional sobre o que se chamou a «pista búlgara» ou a «conexão búlgara».

Do dia para a noite, da noite para o dia, a pequena Bulgária, das rosas e dos festivais infantis da Paz, das praias turísticas do Mar Negro e da respeitada tradição antifascista — da Bulgária nos veio o exemplo da primeira insurreição popular contra o Fascismo — transformou-se num ninho de espiões, de terroristas, de mercenários criminosos. A soldo dos Búlgaros, ou de um búlgaro, Ali Agca tentara matar João Paulo II. Falou-se, também, para actualizar o projecto e dramatizar as intenções, num atentado contra Lech Walesa. Os búlgaros foram, na Imprensa internacional, o longo braço executor do «terrorismo» dos Países Socialistas.

De dia para a noite, da noite para o dia, um juiz italiano o sr. Ilario Martella, descobre que o turco fanático poderia ter sido manipulado para fazer «revelações» e decide inculpar o impostor por «denúncias caluniosas» contra o cidadão búlgaro Serguei Antoniov. Será prudente não considerar a questão encerrada. O processo de intoxicação da opinião pública não vai esmorecer com esta derrota. Há quem aposte no envenenar das relações entre os povos. Há quem tudo faça, e tudo imagine, para impedir as relações entre países com sistemas sociais diferentes, a convivência internacional, o intercâmbio cultural, a coexistência, o desanuviamento e a paz.

A desmistificação da «pista búlgara» pela justiça da Itália é apenas uma pista para outras desmistificações. Os povos querem a verdade e falar verdade continua a ser o contrário de mentir.

Em causa o monopólio do jogo no Estoril

Jorge Figueiredo opõe-se à venda do Estoril-Plage

•Negócio de 900 mil contos envolve capitais árabes

Um contrato-promessa de compra e venda da totalidade da Estoril Plage por 900 mil contos, entre o árabe Albakar e a totalidade dos accionistas poderá ser inviabilizado por Jorge Figueiredo que, além de não ter assinado tal contrato, juntamente com sua mulher e D. Irene Duarte Figueiredo, vai empreender as acções jurídicas necessárias para que a operação não se concretize.

Jorge Figueiredo, que depois da última assembleia geral passou a fazer parte da administração da Estoril Plage, vai fundamentar a sua contestação no Decreto-Lei 1/71, que determina que nenhuma empresa concorrente pode adquirir mais de 20 por cento de outra e que nenhum accionista com mais de 20 por cento do capital pode vendê-lo.

A notícia foi confirmada esta manhã pelo próprio ao «DL» que afirma estar em condições de, oportunamente, trazer ao conhecimento público diversas revelações sobre a forma como nos bastidores se tem desenrolado esta tentativa de venda da Estoril Plage que, a concretizar-se, constituiria um passo importante no sentido do monopólio do jogo e do turismo no Estoril por interesses estrangeiros.

Cunhal no Alentejo com 'cinco razões' para um Governo de 'dias contados'

Pág. 6

Invicto o rei da "Invicta"

À 5.ª rodada do campeonato, o Futebol Clube do Porto é o espelho ideal da Cidade Invicta: nem um ponto perdido, nem um golo consentido, comando em todos os ângulos da classificação, enquanto já começa «ardendo» a viagem dos **azuis-brancos** ao Estádio da Luz (domingo próximo) com a sua nova coqueluche: Jaime Magalhães (aqui com a bola), ontem o produtor do golo dois nas redes vimaranenses.

Págs. 15, 16 e 17

Discursando no encerramento do Congresso

Soares vence V Congresso do PS

Adeus Marx vou para Belém!

Págs. 4 e 5

Trinta pessoas envenenadas por bolos em dois casamentos em Lagos e Sagres

Os bolos fornecidos por uma pasteleira particular estiveram, em princípio, na origem da intoxicação que vitimou um pequenito de oito anos e levou à hospitalização de trinta outras pessoas, durante dois casamentos realizados em Sagres e Lagos no último sábado. O garoto Filipe Manuel Arez, faleceu no Hospital de Faro, poucas horas depois de ali ter dado entrada.

Quanto às trinta pessoas socorridas no Hospital de Lagos já tiveram alta, tendo sido a última a sair Maria do Carmo Arez Pacheco da Silva, mãe do pequeno Filipe Miguel. A pasteleira, Maria Vicência, de 54 anos, casada, residente em Lagos não está licenciada e também deu entrada no mesmo hospital, onde ao fim desta manhã ainda se encontrava, não por intoxicação, mas por depressão nervosa na sequência de uma inspecção policial realizada a sua casa após o duplo incidente. Segundo o dr. Nunes da Silva, subdelegado de Saúde de Lagos, os diagnósticos feitos em todas as vítimas apontaram para uma gastro-enterite provocada por salmonelas, bactéria do grupo tifóide. Entretanto, os ovos que ainda se encontravam em «stock» na casa da pasteleira Maria Vicência já foram enviados para Lisboa, a fim de serem analisados com mais rigor no Instituto Ricardo Jorge.

EUA defendem "tiro nuclear de aviso" para a sua acção no Médio Oriente

Alice Nicolau

Portugal, ou, mais especificamente, a base aérea de Beja, poderá vir a acolher unidades das Forças de Intervenção Rápida, equipadas com armas atómicas, que poderão ser utilizadas para agressão aos povos do Médio Oriente, no âmbito do chamado Comando Central (CENTCOM), criado no dia 1 de Janeiro deste ano. A criação deste comando visa autonomizar as acções agressivas dos EUA contra os povos do Médio Oriente em relação aos parceiros da NATO, uma vez que o CENTCOM passou a constituir uma entidade inteiramente separada da Aliança Atlântica. Isso não significa, porém, que as potências europeias da NATO fiquem de fora dos planos agressivos dos EUA. O exemplo português é prova do que afirmamos. Por outro lado, e, segundo declarações do ex-presidente Nixon à revista oeste-alemã «Stern», os «euromísseis» que os EUA pretendem instalar na Europa servirão para Washington controlar o Norte de África e os poços do petróleo do Médio Oriente.

ATÉ ao dia 1 de Janeiro deste ano, a África do Norte e o Médio Oriente eram militarmente da responsabilidade do comandante superior das FFAA dos EUA na Europa, que, ao mesmo tempo, é comandante superior da NATO. No entanto, com a criação do CENTCOM produziu-se uma divisão: Israel, o Líbano e a Síria continuam sob «controlo» do comandante da NATO. Ao abrigo do CENTCOM são colocados os seguintes países: Paquistão, Afeganistão, Irão, Iraque, Jordânia, Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos, Koweit, Bahrein, Qatar, Oman, Iémen do Norte, Iémen do Sul, Quénia, Somália, Djibuti, Etiópia, Sudão e Egipto. A divisão de responsabilidades é interpretada como um meio de facilitar a aplicação no Médio Oriente da doutrina da «advertência nuclear», contida num ponto secreto do estudo do Pentágono «Acerca das Necessidades Militares até 1988», estudo esse que a UPI transcreveu parcialmente em 17 de Janeiro deste ano.

Por incumbência do chefe do Pentágono, Caspar Weinberger, foi incluído nesse documento um parágrafo secreto intitulado «Opções nucleares para dissuadir a expansão soviética na Ásia do Sudoeste».

Estas opções — e muito provavelmente a opção nuclear também — foram reafirmadas num memorando do Pentágono tornado público no dia 21 de Setembro de 1983 (V. «International Herald Tribune» desse dia) e elaborado por instruções de Paul Thayer, subsecretário da Defesa. O memorando culminou um longo debate no Departamento da Defesa com vista a tomar as primeiras decisões sobre o orçamento militar para 1985. Duas zonas são consideradas prioritárias: a América Central e o Golfo. Deixando de lado a Amnérica Central, esclareçamos que a permanência da zona do Golfo como prioritário vem confirmar a célebre «doutrina Carter» enunciada pelo Presidente do mesmo nome e que decidiu que a zona do Golfo era de interesse vital para os EUA. No memorando Thayer, e de acordo com o jornalista Richard Halloran (jornal citado) ratifica-se totalmente o desejo **reaganista** de rearmar os EUA e de projectar o poderio militar norte-americano no exterior. O Exército e a Força Aérea são incumbidos de atribuir fundos para efectivos humanos e aviões suplementares nas bases de Marrocos, Omã e Diego Garcia. A Armada e a Força Aérea foram convidadas a aumentar a sua mobilidade e a colocar a ênfase na defesa marítima. Foi decidido acrescentar um quarto porta-aviões à lista dos que os EUA têm no estrangeiro (um, no Mediterrâneo, outro, no pacífico, outro, no Índico), muito embora não se cite o local para onde a nova unidade será destinada. Por outro lado, recomenda-se que o Exército destina a quinta divisão mecanizada de Fort Polk, na Luisiana, para uma «nova missão na região à volta do Golfo».

A advertência nuclear

O grande campo de combate que os EUA escolheram para contrapor àquilo a que chamam o «expansinismo soviético» é o Terceiro Mundo. Significativamente, depois do incidente com o «Jumbo» sul-coreano, era patente a alegria dos expoentes da direita cavernícola dos EUA, que diziam (citações lidas no «International Herald Tribune»): «depois disto, temos o Terceiro Mundo connosco». Para além de outros meios não militares, decidiu o Pentágono demonstrar por força das armas ao Terceiro Mundo que os EUA são a única potência verdadeiramente mundial e capaz de aplicar os meios adequados de poder ilimitadamente e em todos os pontos do globo. Saliente-se que a intervenção directa dos «marines» norte-americanos na guerra civil do Líbano, explicitamente destinada, em termos oficiais de Washington, a impedir que as forças progressistas libanesas conquistassem o ponto estratégico de Suk-El-Garb, vem comprovar, de certo modo, esta asserção. A acrescentar a isto, há um elemento de significado transcendente: um dos vasos enviados para as costas libanesas é o «New Jersey», recentemente agregado à 7. Armada dos EUA e que está equipado com mísseis nucleares. Significa isto que até no Líbano — país não incluído no CENTCOM, os EUA, em último recurso, podem ter encarado a aplicação do «aviso nucelar».

Porquê a «opção nuclear»? Entre o surgimento de uma «ameaça» provinda do inimigo e a deslocação das forças convencionais para o teatro eventual de operações, medeia um lapso de tempo que favorece o «inimigo» devido às contingências de ordem geográfica. Assim o uso selectivo de armas nucleares seria um meio apropriado de ultrapassar esse **handicap** e de intimidar, ao mesmo tempo, o adversário. Isto teria, além do mais, a «vantagem» de impedir uma guerra nuclear em grande escala. Para socorrer uma potência local, amiga sujeita a fogo nuclear, a URSS teria de ripostar usando os seus próprios meios, gesto que Moscovo decerto não se atreveria a tomar, dados os riscos de confrontação nuclear global. Imagine-se que os EUA (ou Israel: esta hipótese é uma das que a estratégia de «tiro de aviso» comporta) atacavam a Líbia com armas nucleares, para efeitos intimidatórios. A Líbia não poderia responder da mesma forma, porque não dispõe de poderio nuclear.

Para Washington, é impensável que Moscovo pusesse os seus meios atómicos em acção numa situação destas. Significa isto que os EUA encaram a hipótese de «ataques nucleares de intimidação e aviso» concebidos em tais termos que não provoquem a grande catástrofe e que dêem por isso uma eficácia real ao fogo atómico.

Segundo o estudo citado do Pentágono, o «tiro atómico de aviso» seria utilizado nas seguintes situações: — acções militares directas de Moscovo em países agitados da zona (exs.: intervenção no Irão ou envio de contingentes para a Síria); acções militares de regimes ou forças árabes apoiados por Moscovo (exs: acções da Líbia contra o Sudão ou o Egipto) ou ataques terroristas de forças locais contra as instala-

Continua na pág. 19

PSD tirou-lhe o tapete...

APU e CDS acusam "bloco central" pela demissão do presidente de Faro

FARO, 3 – A demissão do presidente da Câmara Municipal desta cidade continua a suscitar as mais diversas reacções nesta região. O CDS e APU justificaram ontem, a razão por que o «caso» continua na ordem do dia. Centristas e comunistas voltaram a alijar quaisquer responsabilidades em todo o processo que levou o coronel Manuel Francisco da Silva a demitir-se.

A Comissão Política Distrital de Faro do CDS reuniu-se em Albufeira e acusou o «bloco central» formado pelo PS e pelo PSD de «movimentações» que conduziram à demissão do presidente da Câmara de Faro, eleito pelas listas da AD.

Os centristas afirmam em comunicado que apoiaram o coronel Manuel Francisco da Silva «tal como ficou demonstrado na Assembleia Municipal em que o ex-presidente pediu a demissão»

No encontro foi aprovado um Plano de Trabalho para executar até final de 1983 e que culminará – adiantam – com a eleição de novos dirigentes da distrital. Decidiram também implementar as acções do gabinete de Estudos dirigido pelo prof. Pereira Neto e dinamizar a Associação de Autarcas Centristas Algarvios.

Na reunião do CDS em Albufeira foram abordadas questões da política nacional e decidido intensificar as acções de formação política dos seus aderentes.

Sobre a renúncia do presidente da CM Farense, diz a APU em comunicado que as razões apontadas para tal atirude foram, fundamentalmente «a falta de apoio da força que o elegeu (AD/PSD) e do Governo (PS-/PSD). Em nossa opinião – afirma-se no texto –, também influiu na decisão à catastrófica situação financeira, situação esta que a APU já previa e denunciava de há vários anos e que se veio a agravar continuamente, com a gestão incompetente dos anteriores executivos, agudizada com a não aplicação da Lei das Finanças Locais.

Sem embargo desta situação, – refere a APU – o Executivo saído das eleições de Dezembro tinha condições para funcionar democraticamente e para resolver os problemas mais prementes do Município. Tal não sucedeu devido a esse funcionamento democrático ter começado a ser boicotado, tanto por parte da AD/PSD, faltando com o seu apoio ao presidente da Câmara, como por parte do PS, que desde sempre se recusou a assumir as responsabilidades que lhe competia no órgão para que fora eleito.

Por outro lado, a situação política e as perspectivas de acções a implementar contra a política governamental dominaram os debates das reuniões de militantes do PCP em Faro, Vila Real de Santo António e Portimão.

Com a presença de dirigentes nacionais, nos encontros foi abordada a economia do País e a «tensão social» após o lançamento das medidas de restrições postas em prática pelo Governo.

No decorrer das reuniões os comunistas algarvios expressaram apoio aà manifestação sindical nacional a realizar no próximo dia 15 e que no Algarve terá centralização em Faro.

Nos encontros foram também discutidos pontos da política interna do partido com vista ao congresso do PCP que decorrerá de 16 a 19 de Dezembro, no Porto.

Um apelo à comunidade científica mundial

Realizou-se em Paris, na segunda quinzena de Setembro, a 13.ª Assembleia Geral da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, à qual se seguiu um simpósio sobre «A Ciência e a Crise do Desenvolvimento». Durante o simpósio foram debatidos problemas relacionados com a utilização da Ciência e das Novas Tecnologias. A «Cooperativa de Actividade Científica: Diálogo», filiada na F.M.T.C., participou nos trabalhos da Assembleia Geral e do simpósio.

A Assembleia Geral da F.M.T.C. aprovou o seguinte «Apelo à Comunidade Científica Mundial»:

APELO À COMUNIDADE CIENTÍFICA MUNDIAL

Perante o novo e grave perigo que constituiria para toda a Humanidade o recomeço da corrida aos armamentos nucleares neste final do ano de 1983, as organizações de trabalhadores científicos, reunidas por ocasião da XIII Assembleia Geral da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, bem como os seus aderentes individuais, consideram necessário manifestar a sua apreensão e apresentar as suas propostas para que seja travada esta engrenagem do terror.

Apelamos para o conjunto dos nossos colegas da comunidade científica mundial, a fim de que, para além da diversidade das suas opiniões políticas, religioss e filosóficas, se amplifique a intervenção de todos quantos consideram indispensável que as negociações de Genebra conduzam à não-proliferação de novas armas nucleares (designadamente, dos mísseis Cruise e Pershing II), à redução das armas nucleares existentes (o governo soviético propôs uma redução dos SS20, caso não seja m instalados os Cruise e os Pershing II), à instituição de um sistema que alicerce a segurança dos povos e das nações na pacificação, no desarmamento progressivo, controlado, igual por todo o mundo, e tanto das armas nucleares como não-nucleares. Processo esse que deveria abranger o abandono do perigoso complexo da militarização do espaço.

Visto que cada uma das duas principais potências possui diversas vezes a capacidade nuclear de destruir a outra, de que maneira poderá o acréscimo de armamentos ser dissuasivo e reforçar a segurança? Por outro lado, a perspectiva do recomeço da corrida aos armamentos implica uma modificação considerável da estratégia militar, dado que a implantação de novos mísseis nucleares na Europa se baseia na ideia absurda de que os progressos científicos e técnicos actuais, e a superioridade neste domínio, permitem encarar a hipótese de uma guerra nuclear limitada à Europa como «ganhável».

Qualquer novo passo numa tal direcção, não só não preservaria a segurança dos povos, mas agravaria consideravelmente os perigos de uma conflagração nuclear mundial. Apreciamos positivamente a decisão do governo soviético ao comprometer-se a não ser o primeiro a utilizar as armas nucleares, e convidámos todos os governos a tomar uma posição semelhante.

Enquanto que milhões de pessoas morrem de fome e de doença por subdesenvolvimento económico, social e sanitário; enquanto que nações inteiras se encontram na iminência de derrocada económica; enquanto que as economias ocidentais lutam desesperadamente contra a recessão e o desemprego; e na altura em que se revelam incomensuráveis as necessidades de desenvolvimento científico e técnico para se atacarem estas calamidades e se permitir que a Humanidade dê um passo decisivo na construção do seu futuro – não é concebível que 650 mil milhões de dólares (o dobro das despesas mundiais com a saúde) e que 30% dos cientistas e do seu saber sejam absorvidos numa corrida para a morte.

O progresso científico e técnico não conduz inelutavelmente à corrida aos armamentos: não existe nenhum nexo mecânico entre estes dois termos. O progresso científico e técnico faculta aos partidários da engrenagem do terror possibilidades novas, mas abre igualmente imensas possibilidades de desenvolvimento económico e de promoção social. Em definitivo, a utilização destas possibilidades, num ou noutro sentido, depende das opções estratégicas e políticas decididas pelos governos.

É por isso que a intervenção dos povos, na qual tomam parte importante os trabalhadores científicos, é decisiva para orientar as políticas governamentais no sentido de um sistema internacional de desarmamento que permitiria libertar, para outras finalidades, as potencialidades científicas e técnicas actualmente reservadas ao armamento.

Através de toda a Europa, nos Estados-Unidos, no Japão, e em muitos outros países, desenvolve-se um movimento pacifista sem precedentes. Milhões de homens, de mulheres, de jovens, ávidos de paz, de independência, de liberdade, exprimem a sua exigência de uma pausa nuclear e de um desarmamento autêntico. Este vasto movimento, rico da sua diversidade, contribuiu já para que se encetem negociações e para que, mau grado as tensões, a Coferência de Madrid tenha chegado a um acordo. Podem obter mais ainda; e os trabalhadores científicos, se, cada vez em maior número, nele participarem, podem daí conseguir que se concretize a sua aspiração a que os seus conhecimentos e o seu engenho sirvam plenamente, o progresso económico, a independência e a liberdade dos povos, o futuro da Humanidade e o seu próprio futuro.

Neste sentido, as organizações de trabalhadores científicos reunidas nesta data em Paris, consideram que é da mais alta importância reforçar e alargar a sua participação e a de seus colegas nas iniciativas de paz que se irão realizar, especialmente por ocasião da Semana Internacional da ONU para o Desarmamento, de 24 a 31 de Outubro próximo.

Paris, 21 de Setembro de 1983.

Soares da Costa anuncia trinta inquéritos

Transporte ilegal de gado alvo de processos disciplinares

AVEIRO, 3 – O Governo tomou já medidas sobre a passagem ilegal de guias para transporte de gado abrindo trinta inquéritos, alguns dos quais transformados em processos disciplinares.

A revelação foi feita pelo ministro da Agricultura, Alimentação e Florestas em Estarreja, onde Soares da Costa reuniu com agricultores desta área aveirense. «Aumentar a produção e melhorar a produtividade» foram os dois objectivos considerados prioritários pelo titular do MAAF. Na óptica de Soares da Costa, uma das causas dos baixos rendimentos dos agricultores assenta numa deficiente produtividade do sector.

O aumento do investimento na agricultura, a adaptação tecnológica e a formação profissional são etapas a desenvolver para combater a má produção. Um outro «problema grave» neste domínio é a elevada média etária dos agricultores, disse ainda Soares da Costa, ao que parece alheado da realidade que são as baixas pensões para os rurais que, por impossibilidade de sobreviverem de forma minimamente condigna, têm que trabalhar não só para além do que seria razoável, mas também para além das suas próprias energias.

O titular do MAAF considerou que «temos um excesso de população activa na agricultura», que crescerá à medida que se agravar a crise da construção civil, preconizando que «não podemos deixar de tentar fixar jovens nas actividades agrícolas».

Entretanto, peritos norte-americanos opinam que a produção de carne não é rendível em Portugal. Há três anos a estudar, entre nós, a economia portuguesa e os efeitos da política agrícola, esses peritos divulgaram em Oeiras algumas das conclusões da sua análise, uma das quais aponta nesse sentido: a escassa rendibilidade da produção de carne (porco, bovino e frango). O estudo revela ainda que «critérios desiguais e frequentemente incoerentes da política agrícola portuguesa criam desequilíbrios nas explorações».

Congresso nacional dos técnicos de contas em Leiria

Com uma sessão solene presidida pelo governador civil, Rui Garcia da Fonseca, iniciou-se no passado fim-de-semana em Leiria o primeiro Congresso Nacional dos Técnicos de Contas.

Aberta a sessão, o presidente da assembleia geral da delegação regional de Leiria da APOTEC — Associação Portuguesa dos Técnicos de Contas — entidade organizadora do congresso —, deu as boas-vindas aos convidados e congressistas, salientando os os objectivos a atingir com a realização deste encontro nacional.

Seguiu-se a intervenção de fundo, por Horácio dos Santos Porto, director do Curso Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, que abordou o tema «ensino e formação do técnico de contas».

política de A a Z

Princípios claros, ideias claras, atitudes claras

RELEIO António Sérgio. Páginas que são das últimas que em vida deu à estampa e que, por essa imediata razão, poderão ser consideradas o ponto a que chegou, ao cabo de uma vida de luta em várias frentes, o maior pensador português. Num plaino nu o seu vulto alteia-se. E faz sombra. Sombra que inquieta e irrita. E apetece rir, com rabelaisiana gargalhada, dos críticos e dos hipercríticos que se comprazem a falar do seu «caso» e do seu «malogro».

Compreende-se que o façam os que se situam «à direita». Mas a moda alastrou, arrasta jovens ao caricato de comentarem – com doutoral pesporrência – o que tão apressadamente, tão incompletamente, leram. Ou que só leram em segunda leitura, através de outras lentes, à transparência de interpretações de duvidosa inspiração e tendencioso objecto.

Releio António Sérgio numa tarde quente. Chegam-me os ecos de discussões que um António Sérgio – não fosse a inexorável lei da vida – poderia ter ajudado a clarificar. Pergunta-se: poderá um «partido socialista» ser branco? Ser um partido sem «ideologia de classe»? Ser um partido neutro quanto ao sistema económico? Ser – em síntese – um «partido sem princípios», ou, como disse, em desespero de causa, o socialista Manuel Alegre, ser um partido «envergonhado dos princípios»?

2

«As doutrinas ambíguas, com um objectivo quimérico, criam por si próprias uma atmosfera pútrida, que corrompe o fruto das nossas melhores intenções. Podem gerar-se, aí, certas aparências cândidas; porém, nenhuma obra profunda, nenhuma realidade sólida. Não é empresa exequível, essa de infundir harmonia, dirigismo fecundo, entendimento estável, no sector capitalista da actividade económica. A produção realiza-se, no sector capitalista, para alcançar para o capital o maior dividendo possível, e não para satisfazer as necessidades dos homens...»

António Sérgio

*Dos homens se cura no «socialismo». Mas os agentes operacionais do processo de transformação social terão que ser os trabalhadores, **todos** os trabalhadores: os manuais, os quadros técnicos, os intelectuais, os criadores científicos, literários e artísticos. Se um «partido socialista» se torna «interclassista» ao ponto de a «doutrina ser ambígua» e do «objectivo (ser) quimérico», então – como escreveu António Sérgio em 1956, a curto intervalo do seu trágico silêncio – «nenhuma obra profunda, nenhuma realidade sólida» será viável. Temos o «socialismo possível na coligação necessária»? Talvez. Mas ter-se-á perdido de vista pelo chamado «realismo político», ou, simplesmente, pelo carreirismo, pela «governamentalite», a nobre finalidade de «satisfazer as necessdades dos homens...».*

O pão, claro. Mas nem só de pão vive o homem.

3

«Todos podem enganar-se, todos nós erramos; é sempre possível, todavia, o exame de consciência e a correcção dos erros. Quererão pensar nesta possibilidade de modéstia, de autocrítica corajosa, de conversão sincera, os que têm tido a ingenuidade de se suporem os únicos – pela inteligência, pela boa intenção, pelo saber – nesta pobre Pátria que deveria ser de nós todos?»

António Sérgio

Releio Sérgio. E verifico, sem surpresa mas com amargura, que tão mal, e tão pouco, tem sido retida a lição admirável de moralidade cívica que se empenhou em transmitir-nos. Nos lábios de muitos anda o seu nome citado em vão. E desses que o citam, e sergianos se inculcam, ou sergianos se proclamaram um dia, quantos estarão dispostos à «autocrítica corajosa», quantos amarrados a preconceitos velhos e a interesses novos, serão capazes da «conversão sincera»?

Ser «socialista» e «democrata» não é fácil nesta terra e nestes dias. Vemos como lestos e prazenteiros os adeptos da «coligação necessária» enterram o «socialismo possível». Vemos como vai esquecido o ditame de Rosa: «Não há socialismo sem democracia; não há democracia sem socialismo». Vemos que, levando uma fúnebre coroa às comemorações esquecidas do centenário da morte de Marx, lhe fazem pressurosos um funeral ideológico. Com «vergonha dos princípios» – disse Manuel Alegre.

4

«Nós temos o direito de ser enfim escutados, e acabaremos um dia por nos fazer ouvir. Será, provavelmente, já depois de eu morto; mas sinto-me intérprete de um ideal que não morre; o ideal de uma civilização verdadeiramente cristã, sem lutas de interesses, igualitária e livre.»

António Sérgio

*Dentro e fora dos «partidos políticos» muitos cidadãos interrogam-se preocupados, angustiados. Não é de uma **revolução** que cogitam, é numa **clarificação** que estão empenhados. Querem entender. Querem ver claro. Ambicionam viver nessa sociedade de que falou Sérgio, a de «uma civilização verdadeiramente cristã, sem lutas de interesses, igualitária, livre». O que não parece possível com «doutrinas ambíguas», com partidos políticos ambíguos, com homens ambíguos.*

É necessário pôr um termo à habilidade, às estratégias calculistas, ao maquiavelismo, ao carreirismo – à ambiguidade. É necessário – para que Portugal se recomponha e avance – introduzir a clareza na vida pública, impor a clareza no pensamento político, exigir que sejam claras as tácticas, clara a estratégia, transparente, translúcida, a Democracia.

Bem-vindo, Presidente Samora Machel

J. Laginha Serafim

Bem vindo a Portugal! Obrigado pela mensagem de amizade e de cooperação que nos traz! É transcendente a sua visita! E é nos seus sgnificados político, humano, económico e cultural. É, talvez, a mais transcendente de todas as visitas presidenciais a Portugal que já tiveram lugar; é, por isso, um Marco Histórico.

Duas raças que se opuseram e dois povos que não viveram no mesmo plano de igualdade, estão agora no caminho do completo entendimento por desejo deles próprios, como V. Excelência exprime com a sua visita. E isso é uma lição de grande significado para todo o mundo.

Esta sua viagem a Portugal é o corolário da que o nosso Presidente Ramalho Eanes fez a Moçambique em Novembro de 1981. Quem a essa assistiu não mais se esquecerá do entusiasmo, do carinho, da fraternidade com que o seu povo saudou o Presidente e a comitiva portugueses. Então, mesmo fora da capital, no campo, a alegria e a felicidade também atingiram os mais altos níveis de emoção. A sua visita de agora poderá ter outra expressão nos sentimentos, mas é também governada, estou certo, pela fraternidade que os nosso dois povos desejam para o futuro. É que os dias de muita amargura terminaram por nos unir. O fascismo está morto, a guerra findou. Agora podemos caminhar de mãos dadas!

O povo português sabe de ciência certa de há já séculos, que são iguais os homens que povoam o planeta, que é um só. Não saberão explicar porque «os vários filhos de Adão» terão peles de cor diferente, umas escuras outras claras, mas sabem que como «irmãos» são iguais: na sua capacidade humana, nos seus anseios do espírito.

Os portugueses tiveram aqui, no fecho do Mediterrâneo, longo contacto com uma civilização – a dos árabes –, que também há muitos séculos tem contactos com o povo moçambicano e alguns terão conhecido a filosofia de igualdade racial no poema de Avicena, o médico árabe-asiático do século X:

«Onde vivem os Zanj (os de Zanzibar) há calor que
modifica os seus corpos
até que as suas peles ficam pretas.
Os nórdicos adquirem a brancura
até as suas peles se tornarem macias»

No lado de Moçambique, foram os portugueses encontrar, de novo, essa civilização que inicialmente lhe deu provas de amizade como é argumento o piloto árabe de Vasco da Gama (Ibn Madjid) do qual Camões escreve na partida de Melinde:

«No piloto que leva
não havia
Falsidade, mas antes
vai mostrando
A navegação certa e assim
caminha
Já mais seguro do que
dantes vinha»
(Canto VI, est. 5 dos «Lusíadas»)

E este «abraço à África», concretizado por Pero da Covilhã-Vasco da Gama, não teria sido possível se os portugueses não soubessem, como sabiam, como sabem, conviver em plano de perfeita igualdade com os outros povos.

A nossa amizade vai ter influência em todo o Mundo: na África Austral, como nas Américas e não só. O nosso entendimento irá servir de paradigma e será necessariamente copiado.

O africano dispõe de um contingente de grandes espaços e de enormes riquezas. O europeu vive apertado e dispõe de tecnologia «que sobra». Geograficamente, cientificamente, podem complementar-se. O africano tem enorme sensibilidade para as artes, o europeu para as ciências. Social e economicamente também podem ser complemento mútuo. Juntos podem completar-se lá e cá. De economias pobres, separadas, podem resultar economias conjuntas ricas. Isso é fácil, a história recente o demonstrou. Há que o reconhecer: o surto de desenvolvimento de há dez anos em Moçambique estava a dar alguns passos visíveis com os muitos portugueses que lá viviam.

Agora que somos ambos livres, esses passos podem ser mais concretos e mais justos, mais sólidos e mais equitativos. Mas, para isso, temos aqui que nos mentalizar melhor, mais completamente. Temos de «acordar de um certo torpor», temos de readquirir a coragem que perdemos. O trabalho português em Moçambique faz Portugal extra-europeu, dá-lhe relevante di-

Continua na pág. 14

ponto a ponto

A Comissão Promotora da Romagem dos Centros Republicanos aos Túmulos dos **Heróis da Revolução** exorta o povo de Lisboa a comparecer no cemitério do Alto S. João, no próximo dia 5 de Outubro pelas 10 horas. Segundo a Comissão, que integra Manuel António Correia, Carlos Vilhena, Ramon de La Feria, Raul Rego, Xavier Rodrigues, Raimundo Seabra, Raquel Reis e Fausto Lucas Martins, «esta tradicional romagem é não só a justa homenagem aos revolucionários de 5 de Outubro e aos políticos da I República, como também uma reafirmação da pureza dos princípios que ainda hoje deverão constituir para todos um poderoso incentivo à continuação da nossa luta, em unidade de acção na defesa da Pátria, da República e da Democracia».

COMO tem sido noticiado, é esta noite que vai efectuar-se, pelas 21.30, na Fundação Gulbenkian, uma sessão solene comemorativa do I Centenário do nascimento de **António Sérgio.** O Presidente da República preside à sessão que conta ainda com as presenças do presidente da Assembleia da República, do vice-primeiro-ministro, do ministro de Estado e de outros membros do Governo. No âmbito das mesmas comemorações, tem amanhã início, às 9.30, no mesmo local, um seminário sobre Cooperativismo e Desenvolvimento.

PORTUGAL e o Vanuatu estabeleceram relações diplomáticas, segundo um comunicado divulgado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O Vanuatu, antigamente chamado Novas Hébridas, tornou-se independente em 1980.

Com cerca de 110.000 habitantes, fica situado no Pacífico, perto da Austrália.

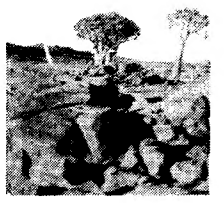
O embaixador do Brasil em Lisboa, **Dário Castro Alves,** ao cessar a sua missão no nosso país, condecorou com a Ordem do Cruzeiro do Sul, o prof. Castelo Branco, funcionário superior da CML e membro da Academia Portuguesa de História e Eduardo Rodrigues Cardoso, dirigente da delegação do Instituto do Vinho do Porto em Lisboa, pela contribuição que deram para a aproximação de Portugal e do Brasil.

AS demissões dos vogais do PSD e PS da Junta de Freguesia de Monforte da Beira (Castelo Branco) fizeram cair aquele órgão autárquico, obrigando a repetição das eleições da Assembleia de Freguesia.

Monforte da Beira tinha João Nunes, cabeça de lista da APU, como presidente da Junta, por esta coligação ter obtido, em 12 de Dezembro de 1982, 228 votos contra 150 da AD e 120 do PS.

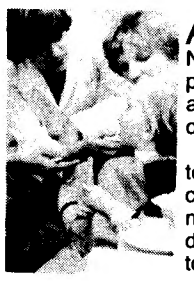
O PSD e o PS conjugaram-se contra tal presidência e como João Nunes se nõ demitisse, os vogais efectivos e suplentes socialistas e sociais-democratas demitiram-se em 19 de Setembro. A Câmara Municipal de Castelo Branco marcou para 11 de Dezembro a repetição das eleições.

O secretário-geral do PS, dirigentes socialistas europeus e representantes dos países da **África Austral** no Congresso daquele partido estiveram reunidos para análise da situação nesta zona do globo – informou o Gabinete de Imprensa do PS. A próxima reunião da Internacional Socialista sobre a África Austral foi também tema da reunião.



No encontro participaram, pelos socialistas europeus, além de Mário Soares e do responsável pelas relações internacionais do PS, Rui Mateus, Ernest Gleen, presidente do grupo socialista ao Parlamento Europeu, Martan Van Traa do PS holandês, e membros da Comissão da Internacional Socialista para a África Austral.

Pela parte africana, estiveram na reunião Eduardo João Filipe Martins e Vandunen, respectivamente vice-ministro da Educação e embaixador em Lisboa, da República Popular de Angola, Armando Panguene da Frelimo (Moçambique), Goodfrey Motseppe do Congresso Nacional Africano (ANC – África do Sul) e P. M. Kwalombola do UNIP (Zâmbia).



A colocação de **médicos policlínicos** no Nordeste Transmontano é uma das preocupações do governador civil de Bragança, que a considera «problema maior do Nordeste» – disse à ANOP Telmo Moreno.

«Neste momento o concelho de Vimioso tem problemas sérios neste sector» – acrescentou o chefe do distrito (que também é médico), que informou ainda que «os serviços de urgência nocturnos são problema sério em todo o distrito».

ADERENTES ao «Movimento para o Aprofundamento da Democracia» (MAD) da Zona Norte reuniram-se sábado, no Porto, para debater «um modelo novo de desenvolvimento». Perante cerca de 60 pessoas, o coordenador regional do MAD, Nuno Grande, disse que o Movimento «considera que a crise não é meramente económica, mas também tem um fundo cultural que tem de ser previamente equacionado e encontrado».

V Congresso do Partido Socialista

Almeida Santos e Vítor Constâncio

À espera de 1985

Eles são dois dos mais importantes dirigentes deste PS, saído do V Congresso. Ambos preferidos de Soares, os dois a afirmarem-se pelas suas próprias qualidades. Nem um, nem outro tiveram qualquer papel significativo durante os debates. O «DL» ouviu Almeida Santos e Vítor Constâncio, porque são dos mais bem colocados na corrida da sucessão. Estão, parece, à espera de 1985.

Vítor Constâncio

«DL» – *Qual é o balanço que faz deste Congresso?*

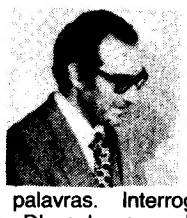
VC – Penso que este foi um Congresso de responsabilidade e de revitalização. De responsabilidade porque numa situação difícil para o País, foi possível estabelecer uma plataforma política de entendimento entre a maioria e a minoria de ontem, não se caindo na falsa demagogia, nem na tentação de usar o poder para esmagar a minoria de ontem. O partido deu uma prova de maturidade política.

Revitalização porque essa plataforma permitiu ultrapassar barreiras internas e possibilita a participação de todos na vida interna. A expressiva votação da lista que integrei foi a garantia de que o trabalho de todos é bem vindo no partido e de que existem condições de renovação interna para termos um partido vivo, inovador e verdadeiramente plural.

«DL» – *Qual o significado da sua assinatura na proposta que pretendia indigitar Mário Soares como candidato à Presidência, em 1985?*

VC – Ele é evidente na própria assinatura. De qualquer maneira, como disse o próprio secretário-geral, penso que era uma proposta prematura.

Almeida Santos



No final dos trabalhos, Almeida Santos, se não quis ser silencioso, foi parco em palavras. Interrogado pelo «DL» sobre a conclusão a tirar do Congresso, o ministro de Estado considerou que nele *foi dado um passo em frente*. Em sua opinião o V Congresso é um marco na pacificação do partido. Quanto às percentagens de lugares obtidos quer pela maioria, quer pela minoria, Almeida Santos disse-nos que não houve qualquer alteração significativa e que, se estatutariamente não podem existir grupos organizados dentro do PS, o mesmo não sucede já com as «sensibilidades» que deverão existir.

O discurso

Adeus Marx

A inspiração marxista deixou, formalmente, a partir de ontem, de ser reclamada pelo PS. A questão foi polémica, suscitou intervenções inflamadas e acabou por ser votada indirectamente através de uma habilidade de Jaime Gama. Foi este o virar de página do PS, no V Congresso, quase sempre morno e sem grande tempo para discussão.

Ontem, às 19 horas, quando encerrava o Congresso, Mário Soares falava num virar de página na história do PS. Não se referia, porém, à desmarxização, mas sim à pacificação que, em seu entender, tinha conseguido, entre a maioria e a minoria. Este não foi, todavia, o facto mais significativo do Congresso, tanto mais que restam dúvidas quanto aos resultados do apregoado apaziguamento.

Relativamente à candidatura de Soares a Belém, avançada logo no primeiro dia por António Macedo, verificou-se um recuo. E foi o próprio Mário Soares que, numa encenação quase perfeita, obrigou os congressistas a recuarem, adiando o problema para mais tarde. Os dirigentes máximos do PSD, presentes, ouviram o recado...

EM termos globais, o V Congresso do PS vai ficar registado na história do PS como o Congresso da desmarxização. «Não renegamos o nosso passado, nem a nossa história»... mas os tempos são outros – esta foi a tónica de Mário Soares para defender a descaracterização do PS relativamente à Declaração de Princípios aprovada em 74.

Esta questão foi ao longo dos três dias de Congresso a mais polémica. Foi a pedrada no charco, ontem à tarde, já no termo do congresso.

O socialismo morreu?

Tito de Morais, fundador do PS, tal como Manuel Alegre, aqueceram o ambiente ao defenderem que não havia condições para proceder às alterações àquela declaração. Nenhum delegado quando foi eleito tinha conhecimento das propostas apresentadas (uma da maioria, outra do ex-secretariado). «Somos o maior partido, com a declaração que temos e não precisamos para ganhar novas eleições de mudar o nosso Programa e muito menos a Declaração de Princípios», disse Tito de Morais. Nem uma **esquerda festiva**, nem uma **esquerda envergonhada**, é a fronteira que estabelece depois, arrancando fortes aplausos dos delegados.

(Nessa altura entra no pavilhão a delegação do PSD. Soares pede aplausos. Os assobios começam por ser mais fortes embora acabem sufocados pelas palmas de grande parte dos congressistas. O líder socialista não deixou passar uma única oportunidade para elogiar a coligação e os seus aliados...)

Fechando o parênteses, Alegre toma a palavra e leva ao rubro os congressistas. «O socialismo não morreu». E por isso, opõe-se à **dessocialização** do partido, referindo o facto de ter sido com a actual Declaração de princípios que o PS venceu a «batalha da liberdade».

Aqui, Jaime Gama entra na liça para defender a proposta de alteração que tem mais o seu dedo do que o de qualquer outro dirigente. Pede ao Congresso que aprove na generalidade a proposta e que remeta para a nova Comissão Nacional a responsabilidade de retocá-la tendo em conta outras contribuições que não atentem, no entanto, contra o seu teor. Mário Soares também vem a terreiro. «Não renegamos o nosso passado», mas... é preciso rever «um certo folclore ideológico que vinha do século XIX». Assim se dirige Soares ao Congresso. Só que, ao contrário do que sucedera com Tito de Morais e Alegre, não recolhe aplausos. Afinal, aquilo que parece ser «uma treta» para o líder socialista – a questão do marxismo e da luta de classes –, não o é assim tanto para os congressistas...

Bastante mordaz seria a intervenção de Aquilino Ribeiro. O objectivo da alteração pretendida, diz, é «correr à vassourada o velho ideólogo da libertação operária». Entre os delegados: risos e aplausos.

Após outras intervenções acabou por vencer a perspectiva de Gama, com um aditamento proposto por Eduardo Pereira. Só que a votação decorreu de tal ordem que uma boa parte dos congressistas não percebeu que acabava de dizer «sim», na generalidade, à proposta que desmarxiza o PS. E pronto.

João Cravinho ao defender o projecto do ex-Secretariado que acabaria por ser indirectamente recusado, disse que o PS está no poder não «para gerir a crise do capitalismo, mas para consolidar a democracia não só no plano político, mas também no plano económico e social; para garantir o direito ao trabalho e à participação; para criar emprego, e não desemprego».

Acordo rasgado?

Outro momento com algum calor ocorrera quase no fim dos trabalhos de sábado. Foi mesmo em cima da votação das moções. Numa intervenção de poucos minutos, Soares limita a possibilidade de serem votadas moções sectoriais (do ex-Secretariado) que fossem contrárias à sua moção («Manter o rumo, enfrentar a crise»). Que se assim não acontecesse seria o mesmo que «pôr uma bomba debaixo da coligação», já o tinha prevenido o líder socialista. Assim o entendeu a maioria dos congressistas, apesar dos protestos de membros do ex-Secretariado. Votada a sua moção e as duas que ele próprio decidiu apoiar (a de Emanuel Fernandes, da Madeira, e a de Maria Belo) as restantes sete moções sectoriais ficaram totalmente prejudicadas.

O processo é tão pouco claro que até dirigentes da maioria o consideraram incorrecto. Um ou outro delegado fica mesmo incomodado a ponto de abandonar os trabalhos. E da parte de alguns elementos dm ex-Secretariado só se ouvem comentários dm género: «Isto é rasgar o acordo». Referem-se à proclamação de princípios e objectivos negociada durante semanas e votada logo no primeiro dia do Congresso. Como será a partir de agora?

Quero, posso e mando – era o sentido da actuação do líder socialista. A sua moção recolhe 642 votos a favor, 131 contra e 44 abstenções. É assim ratificada a política do Governo e a estratégia política de Soares para o PS até 85. Segundo a moção, a aliança com o PSD não é entendida como «o menor dos males», mas antes como «um grande projecto nacional interpartidário».

Soares em todas

A indicação de voto aos congressistas não se ficou, de resto, pela votação das moções. Mário Soares, que tratou o congresso por tu, esteve em todas, foi um interventor imparável. Em quase todas as propostas e particularmente naquelas em que temia uma votação contrária à sua vontade, o líder socialista intervinha. Sempre no fim, imediatamente antes da votação. E a maioria cumpria o desejo dele...

Para além deste aspecto, o debate esteve bastante prejudicado por exemplo nas alterações aos estatutos, pelo impedimento feito pela mesa à participaçâm de quem não fosse subscritor de qualquer proposta. Daí o alheamento visível de uma boa parte dos congresistas. «Isto é um congresso administrativo, e não um congresso socialista» – diz-nos num desabafo Marcelo Curto.

O caminho de Belém

O último acto do Congresso, bem encenado, foi a corrida para Belém. António Macedo havia dado o tom logo na abertura do Congresso na sexta-feira. Ontem, logo de manhã, a proposta para colocar desde já Mário Soares no trilho presidencial, começa a circular. Recolhe cerca de 500 assinaturas e à tarde, logo após os resultados das eleições para os órgãos partidários, a proposta é lida. Soares, semblante grave, entre o enfado e o espanto, levanta o braço para o presidente da mesa do congresso, faz sinal de que quer falar.

Lida a proposta, os aplausos sobem de tom, sob o olhar dos dirigentes do PSD. Mário Soares vai á tribuna, solene, agradeu «de todo o coração» a prova de confiança, mas diz «não». Agora é cedo. Seria um **erro político,** diz duas, três vezes. E explica porquê: «É desestabilizador para

Maria Belo propõe, Soares aceita, Congresso vota "SIM" AO ABORTO

A proposta de Maria Belo sobre a legislação do aborto foi a única das propostas parcelares (deixando de lado uma sobre questões regionais da Madeira) a ser aprovada por uma quase unanimidade no V Congresso do PS: depois de apresentada, Mário Soares revelou-se logo disposto a aceitá-la. O mote estava dado, os congressistas limitaram-se a aceitar a sugestão do secretário-geral. Pouco mais de uma dezena, entre votos contra e abstenções, não estiveram de acordo com a despenalização do aborto. Ao grupo parlamentar cabe agora levá-la à prática. E ao PSD repensar a questão, depois de ter votado contra o ano passado, na Assembleia da República.

A solução, segundo fontes socialistas, poderá estar encontrada — todos os deputados da «maior maioria» terão liberdade de voto.

Publicamos na íntegra o texto apresentado por Maria Belo:

«Está o Partido Socialista num momento difícil: é responsável por um Governo que herdou o resultado das governações catastróficas dos últimos quatro anos, o qual não pode assim, numa tentativa de evitar a desesperança social e política, deixar de levar a cabo uma prática governativa de austeridade e dificuldades económicas que farão muitos roçar a miséria. O enorme aumento do custo de vida e, fundamentalmente, o desemprego espreitam, ameaçadores.

«Deverá o partido tudo fazer para que essa austeridade não perca de vista os ideais do socialismo democrático. Mas deverá também o PS, e nomeadamente o seu grupo parlamentar, secundarem habilmente o Governo no sentido de encontrar todas as formas possíveis de diminuir o sofrimento e as injustiças inevitáveis que tal governação imporá, lutando contra todos aqueles que são evitáveis.

«Nesse sentido lembramos a maneira forte e humana como o camarada Almeida Santos defendeu a despenalização do aborto, em Novembro de 1982, expressando assim o apoio unânime que os deputados do PS dariam ao projecto de lei n.º 309-II.

«Foram então salientadas todo o tipo de situaçções de injustiça evidente que milhares de mulheres sofrem regularmente obrigadas a abortar em condições degradantes, por via da clandestinidade. Foi também salientado então que são as mulheres de menos recursos económicos as que estão mais expostas a essas situações. É, pois, quase desnecessário salientar agora que as dificuldades das mães solteiras e das mães de filhos numerosos, a miséria económica, o desemprego, a falta de habitação, etc. são hoje maiores e sê-lo-ão nos próximos tempos, obrigando as mulheres a recorrer aos métodos abortivos cada vez menos caros possível e consequentemente os menos seguros para a saúde física e psíquica das mães.

«Propor e fazer votar na Assembleia da República a despenalização do aborto, com número de votos decisivo desta feita, 'substituindo o aborto clandestino pelo aborto feito em normais condições de higiene e assistência' não só é uma atitude que nem traz encargos financeiros ao Estado, nem é apenas uma machadada na corrupção ligada a alguns sujos negócios que se alimentam do aborto clandestino. É antes uma enorme benesse para a população, sobretudo aquela que menos defesas tem contra a austeridade. É sem dúvida uma resposta digna do Partido Socialista a um grave problema humano que o nosso país arrasta tal qual o herdou do regime da ditadura.

«Assim, propomos que o V Congresso do Partido Socialista delibere que o grupo parlamentar socialista tome, desta vez, ele próprio, a iniciativa de apresentar à Assembleia da República o instrumento jurídico que acabe de vez com o 'hermético e sectário artigo 358.º do Código Penal', como o classificou o camarada Almeida Santos.»

V Congresso do Partido Socialista

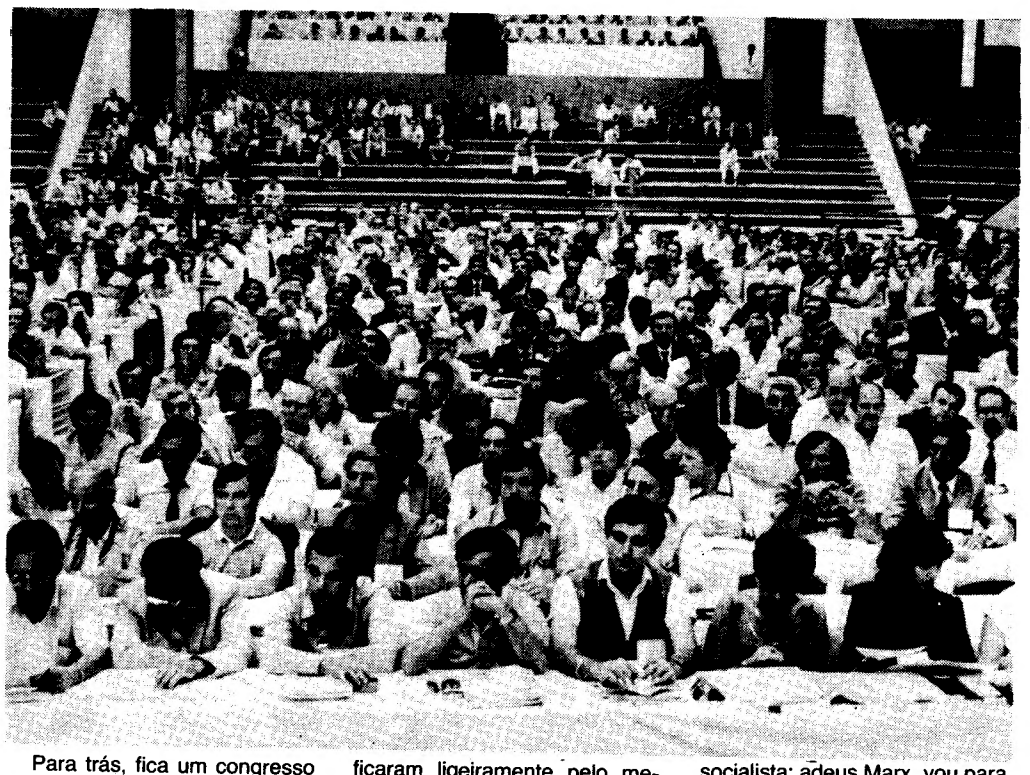
de Mário Soares

vou para Belém...

o regime democrático abrir-se um processo eleitoral a uma distância de dois anos. A democracia tem regras, as regras devem cumprir-se, os calendários também». Em termos de discurso este é o principal momento para Soares. Mais do que a sua candidatura a Belém, neste momento, diz que, o importante é manter a coligação com o PSD. «O nosso objectivo é salvar Portugal». Para Mário Soares a proposta saiu das bases e não das cúpulas, o que muito o conforta. No final, a esperança: que a seu tempo, com o consenso e a **unanimidade** do PS, a proposta volte a ser formulada...e, então sim.

A delegação do PSD estava atenta e ouviu o recado. Em Fevereiro/Março, no seu congresso não podem os sociais-democratas pôr de parte o que acabavam de ouvir, e avançar com o seu candidato...Seria uma infidelidade que Soares não perdoaria ao seu parceiro político.

Estava o V Congresso no fim. Vieram as saudações, os agradecimentos, os hinos...«Bem unidos façamos/desta luta final/ uma terra sem amos/ a Internacional» – teve coro alto, apesar da desmarxização. Eram 19 horas.



Para trás, fica um congresso mais morno do que pacífico, quase incolor, marcado por uma negociação prévia, cujos efeitos ficaram ligeiramente pelo menos, abalados. Uma ideia, porém, ficou clara e firme. Depositamo-la na boca do líder socialista: adeus Marx, vou para Belém...

Luís Humberto Marcos

Até 1985

Entre a paz e a guerra

NA história do PS, este V Congresso não terá relevância de maior. Ele foi apenas uma passagem rápida de um momento para outro.

Ao defender na tarde de sexta-feira a plataforma de pacificação acordada entre a maioria e a minoria, Jorge Sampaio encerrou na realidade o IV Congresso socialista e o processo de divisão que o prolongou por dois anos e meio.

Depois tratou-se apenas de limpar as armas e preparar as tropas para 1985. Em vários sentidos. Mário Soares precisa de um partido unido atrás de si nas presidenciais. Conseguiu-o. Precisa também de estar livre de fidelidades empenhadas para ser o candidato presidencial de todo o Partido. Conseguiu-o. Não pôde indicar sucessor na liderança do PS. O que também conseguiu, ao deixar todos os potenciais candidatos (quatro ou cinco) integrados na harmonia partidária (Zenha está, por isso, afastado dessa corrida).

E são esses quatro ou cinco candidatos que a partir de agora se vão defrontar na guerra da sucessão.

Mas tanto para Soares (que foi indiscutivelmente e mais uma vez o vencedor do Congresso) como para o futuro líder do PS, últimas e decisivas batalhas serão travadas em 1985.

Chamam-se Eleições Presidenciais e VI Congresso do PS.

José Manuel Vilaça

Ex-Secretariado só perde três lugares

Equilíbrio de forças mantém-se na Comissão Nacional

As eleições para os órgãos nacionais do Partido Socialista vieram demonstrar que não se registaram alterações significativas desde o último Congresso, na orientação de voto dos militantes socialistas.

Para surpresa dos observadores, e dos próprios, a minoria afecta ao ex-Secretariado perdeu apenas três lugares na Comissão Nacional do partido, apesar de estarem ausentes algumas dezenas dos «seus» delegados do Norte do País.

Em termos de percentagem, o ex-Secretariado conseguiu 32,4 por cento dos votos, o que lhe garante 49 lugares na Comissão Nacional (em 1981 elegera 52).

Ontem à noite, os elementos da minoria celebraram o facto provavelmente recordados que António Campos lhes propusera, no caso de ser apresentada lista única, 21 por cento dos lugares.

A maioria conseguiu 96 dos 151 membros eleitos da Comissão Nacional, com 63,47 por cento dos votos.

A Esquerda Laboral, embora tenha aumentado em percentagem (de 3,97 para 4,121) manteve os seus seis representantes no órgão máximo do partido. No entanto, um deles, Fernando Loureiro (membro da direcção da Intersindical) é do grupo auto-gestionário de José Leitão.

Entre os eleitos pela lista de Mário Soares, pelo menos seis eram em 81 do grupo do ex-Secretariado – Carlos Lage, José Niza, Ladislau Botas, Mata Cáceres e Orlando Magalhães e Gomes Fernandes. Teófilo Carvalho dos Santos que não se tinha candidatado no IV Congresso foi desta vez o número 16 da lista da maioria. Outro regresso de assinalar é o de Maldonado Gonelha, o 18.º candidato. António Macedo, Tito de Morais, Cal Brandão, Raul Rego, Catanho de Menezes Jaime Gama Almeida Santos, Manuel Alegre, Cardia e Walter Rosa ocupavam os primeiros lugares.

A lista do ex-Secretariado era encabeçado por Miller Guerra, seguindo-se-lhe António Arnaut, Vítor Constâncio, Jorge Sampaio, António Guterres, João Cravinho, Carlos Candal, Luís Filipe Madeira, Alberto Oliveira e Silva e António Reis. José Manuel Galvão Teles, que não fora eleito em 1981, regressa agora, porque estava colocado em 13.º lugar. Maria Belo que teve um papel activíssimo durante o Congresso era n.º 50 da lista e por isso a primeira a não ser eleita.

Outros dos não eleitos são Consiglieri Pedroso, Beja Santos, Adelino Teixeira de Carvalho, Gualter Basílio, João Lima e Joaquim Mestre.

Pela Esquerda Laboral os mais conhecidos dos eleitos são: Marcelo Curto, António de Portugal, Teresa Portugal.

Para a Comissão Nacional de Fiscalização de Contas o embate foi apenas entre maioria e minoria. A lista proposta por Soares teve 677 votos (74,39 por cento) e a da minoria 233 (25,6). Foram eleitos Rocha Cabral, Manuel Garcia, Vítor Vasques, Fernando Abecassis e Fernando Gomes (pela maioria) e Torres Campos e Alfredo Pinto da Silva (pela minoria).

A Comissão Nacional de Conflitos era a expressão da unidade do partido – apenas uma lista, negociada com dificuldade devido às reticências postas a muitos nomes que foram sendo apresentados. Recolhendo 851 votos (86,92 por cento) é agora presidida por Olindo de Figueiredo, e integra, entre outros, Luís Saias, Beatriz Cal Brandão, Carolina Tito de Morais, Roque Lino e Júlio Carrapato.

Mas as maiores dificuldades na apresentação das listas tiveram a ver com os apoiantes de uma e outra sensibilidade, muitas vezes melindrados com os lugares que lhes eram atribuídos. Mário Soares, proponente da lista vencedora, teve mesmo que afirmar não concordar com a distribuição de lugares na sua lista. Foi uma forma de recuperar a insatisfação de muitos militantes que não gostaram do processo. E que escreveram ao secretário-geral, revelou Soares aos jornalistas, inúmeras cartas de protesto.

Moção aprovada por aclamação

Timor-Leste conseguiu unanimidade dos congressistas

Um voto de apoio ao povo de Timor-Leste foi o único a merecer consenso unânime dos delegados ao V Congresso do PS, que o aprovaram por aclamação. Nesse voto, os socialistas manifestam-se preocupados pela situação naquela antiga colónia portuguesa, nomeadamente depois de ter sido anunciada uma nova ofensiva indonésia.

Uma delegação da FRETILIN assistiu ao Congresso, juntamente com representantes de partidos socialistas de todo o mundo e dos partidos no poder nos países africanos de expressão portuguesa.

No entanto, apenas são conhecidas as saudações enviadas ao Congresso pelo MPLA, da República Popular de Angola, endereçada a Mário Soares e subscrita por José Eduardo dos Santos; a do Comité Central do Partido Comunista Japonês e, finalmente, a do Partido Socialista do Chile.

O presidente do grupo socialista no Parlamento Europeu foi o único delegado estrangeiro a usar da palavra, para assegurar o empenhamento que os socialistas põem na entrada de Portugal na CEE.

Portugueses

O PSD foi o partido português mais bem representado durante o congresso, Mota Pinto na tarde de sexta-feira e ontem, na sessão de encerramento, uma «forte delegação» (como a qualificou Mário Soares) composta por Nuno Rodrigues dos Santos, Eurico de Melo, António Capucho e Amândio de Azevedo, fiscalizaram os trabalhos dos socialistas depois de apresentados aos delegados pelo próprio secretário-geral . ASDI, UEDS e MDP/CDE fizeram-se representar pelos seus dirigentes nacionais, enquanto que o PCP e o CDS tiveram uma presença mais discreta.

Nova Esquerda

A Nova Esquerda enviou uma saudação ao V Congresso dos socialistas em que afirma que «o PS enquanto partido não tem apostado na mdança, não se tem empenhado na revitalização do dinamismo dos sujeitos culturais, sociais e económicos presentes na sociedade portuguesa».

«O PS, afirma-se também, não pode esgotar-se na política governamental, tem de preparar o futuro...»

A mensagem da Nova Esquerda diz ainda que «só um PS unido, solidário e plural, com determinação e ousadia e imaginação nas propostas que enfrentem as dificuldades económicas, renovado na teoria e na prática... poderá ser o lugar de confluência das correntes do Socialismo Democrático...»

À Margem

Benfica de branco – Foi esta a imagem que encontrou Manuel Alegre para caracterizar a forma como estava ornamentado o vasto pavilhão onde decorria o congresso. Inflamado, Alegre defendia a não «dessocialização do PS». Discutia-se a alteração da Declaração de Princípios do PS e Alegre disse que «o PS não deve ter vergonha das suas próprias cores»...

Sectários – No final do Congresso, Soares teve um 'brieffing' com os jornalistas. Falava-se das listas para a Comissão Nacional e às tantas Soares sai-se com esta: «há sectários de ambos os lados». Para ilustrar a luta por um lugarzinho, o líder do PS disse aos jornalistas que tinha recebido diversas cartas com provas de fidelidade e protestos pelo 'esquecimento' ou pelo fraco lugar obtido...

Em ponto de rebuçado – É exactamente assim que está o PS, neste momento, segundo a terminologia de António Campos.

Funcionários – ONão têm estatuto, nem regalias sociais. Antes de abrir o congresso fizeram saber que 'iam partir a loiça'. As promessas não tinham sido cumpridas. Soares almoçou com alguns deles, deitou água na fervura e obrigou-se a fazer aprovar o estatuto do funcionário. Brevemente.

Manuel Lima Viana – Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, abandonou ontem à tarde o Congresso, despeitado. Afirmou ao «DL» que o PS subiu alguns milhares de votos nas últimas autárquicas e que a lista para a Assembleia Municipal teve mesmo mais votos que a da Câmara. Por isso não podia concordar com o lugar que lhe deram na lista de Mário Soares para a Comissão Nacional – era o 25.º suplente. Ainda por cima sem ser consultado e sem ter assinado a necessária declaração de aceitação!

Mário Sottomayor Cardia – Passou fugazmente pelo Pavilhão dos Desportos na tarde de sábado. Depois não se viu. Nem quando se votou a alteração à Declaração de Princípios, proposta por uma comissão em que, diz-se, Cardia teve um papel fundamental.

Organização – António Campos deve ter sido o mais contestado dos dirigentes socialistas. O frio computador que ele domina no Largo do Rato leva ao rubro os protestos dos militantes. Foi mesmo apupado quando Mário Soares se lembrou de falar dele. António Janeiro foi o homem martirizado da organização. Lamentava-se que queriam (os delegados) melhor aparelho do que na Assembleia da República. No entanto, ele merece uma nota positiva. Em termos de funcionamento a infra-estrutura do Congresso esteve muitos pontos acima do habitual. Aliás, o mesmo aconteceu com o Gabinete da Imprensa.

Cunhal no Escoural:

"Na hora da verdade a coligação PS/PSD estalará..."

«Não há trabalhadores «excedentários». Há sim capitalistas a mais, capitalistas excedentários. Há latifundiários excedentários. Há especuladores excedentários. Há agentes de polícia de intervenção excedentários. Há deputados de direita e ministros de direita excedentários. Pode até dizer-se que há hoje um governo excedentário» – assim comentou, no Escoural (Montemor-o-Novo), Álvaro Cunhal, o propósito do governo despedir em massa trabalhadores sob o protexto de que há trabalhadores «a mais», «excedentários».

Com humor, imaginação e emoção (Cunhal comoveu até às lágrimas os milhares de alentejanos presentes ao evocar o exemplo combatente de Caravela e Casquinha, assassinados pela GNR), o secretário-geral do PCP fez um balanço da situação política actual, com particular e natural destaque para a Reforma Agrária.

«Gosto pela vida...»

Lemrbou o dirigente comunista o significado concreto para a economia nacional das realizações da Reforma Agrária, nomeadamente o cultivo de mais 200 mil hectares, a passagem de oito para mais de 30 por cento da taxa de ocupação cultural, o aumento substancial das áreas de regadio e de forragens, a subida dos rendimentos e da produção em termos de cereais, criação de gado, os melhoramentos fundiários, o aumento do parque de máquinas, etc., para sublinhar que na sua realização e defesa *uniram-se populações inteiras para as quais a reforma agrária se tornou, justamente o maior bem, a mais querida conquista, o próprio motivo do gosto pelo trabalho e pela vida.*

Recordou também as perseguições, sabotagens, roubos, destruições, agressões, atentados que latifundiários e diferentes reaccionários, sob apoio governamental moveram contra aquela realização do 25 de Abril. Acentuou a ilegalidade do não-cumprimento dos acórdãos do Supremo Administrativo e acrescentou que «em relação à reforma agrária, Mário Soares como Primeiro-Ministro não é melhor do que Balsemão, ou Mota Pinto ou Sá Carneiro».

Sobre a argumentação do Governo de que «não há alternativa para a sua política», o secretário-geral do PCP acentuou que em relação ao Alentejo e Ribatejo «é bem simples» a definição de uma política capaz de contribuir para a saída da crise, reduzindo o défice das importações agrícolas. E sugeriu a paragem da ofensiva contra a R.A., o cumprimento das sentenças do STA, pagamento das dívidas às UCP's e Cooperativas, apoio técnico, em suma «deixar trabalhar, deixar produzir».

Cunhal criticou ainda o «lay off» (a prenunciar um milhão de desempregados até ao fim do ano), o roubo do 13.º mês, o agravamento de impostos, o alinhamento «de cócoras» perante os EUA, as tentativas de instrumentalização da Informação e o reforço dos corpos de repressão. Sobre este último caso, referiu o Grupo de Operações Especiais e a Polícia de Intervenção «agora aumentada em *mais 10 chefes de esquadra, mais 29 subchefes, mais 303 guardas.*

«É – disse – a nova lei do dedo no gatilho empurrando a polícia a usar com mais frequência as armas de fogo».

«Os dias contados»

Tal como em intervenções recentes, Álvaro Cunhal não deu muito tempo de vida ao actual Executivo, considerando que será «cada vez mais fraco» que «tem os dias contados e acabará por cair».

E apresentou cinco razões: 1) o Governo agravará todos os problemas nacionais (nos planos económico e social); 2) a sua base política está a reduzir-se «dia-a-dia» com o «levantamento» contra a sua política de «milhares e milhares de portugueses que tinham esperanças» nessa política; 3) a coligação é mais entre os chefes dos dois partidos do que entre os dois partidos («na hora da verdade a AD estalou por todos os lados, o mesmo acontecerá na hora da verdade à coligação PS/PSD...» – frisou Cunhal); 4) as instituições democráticas (PR, AR, Poder Local e Tribunais) funcionam apesar da «farronca» com que o governo as afronta e «derrotarão o Governo PS-PSD»; 5) a luta continua e continuará, formará uma grande torrente popular de indignação e protesto...

A terminar, Cunhal referiu de novo a política de informação do Governo, referindo o silenciamento do comício da Festa do Avante, com a participação de mais de 200 mil pessoas. E porquê? «Porque as imagens do comício desmentiriam, aos olhos de milhões de portugueses a campanha do governo segundo a qual o PCP está isolado, segundo a qual o PCP não tem capacidade de mobilização...» sublinhou o dirigente comunista depois de assinalar que o PCP «considera como o mais alto prémio à sua actividade o apoio dos trabalhadores. É esse apoio activo de uma grande parte da população portuguesa – esse apoio o PCP contra com ele».

Encontro de Poder Local

Carlos Costa divulgou, entretanto ontem aos jornalistas, as conclusões do encontro de quadros do PCP sobre o trabalho nas autarquias de maioria APU.

A reunião analisou a política do Governo em relação ao Poder Local (particularmente a questão das Finanças Locais, a pretensão de diminuir o número de autarcas e a participação directa das populações na gestão do Poder Local e de definir a composição e o funcionamento de uma Associação Nacional de Municípios).

Considerou-se – disse aquele membro da comissão política do CC do PCP – necessário reclamar ao Governo o envio imediato às autarquias dos projectos de diploma sobre o Poder Local para discussão atempada; o respeito pelos princípios de descentralização e autonomia e não interferência na Associação de Municípios.

Ramalho Eanes à A.I.M.

Visita do Presidente Samora é um passo muito importante

«A visita oficial do Presidente Samora Machel a Portugal será uma nova e importante oportunidade para reforçar os laços de bom entendimento que existem entre Portugal e Moçambique», afirmou o Presidente da Réplica, general Ramalho Eanes, numa entrevista à Agência de inofrmação de Moçambique, conduzida por Aquino de Bragança, director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane e Carlos Cardoso, director daquela agência e na qual participou também o delegado da AIM e da Rádio Moçambique em Lisboa, Eugénio Corte Real.

Ramalho Eanes acrescentou que a visita do presidente Samora Machel «deverá também constituir um passo muito importante na passagem para uma fase mais evoluída da nossa cooperação, na medida em que chegou o tempo da definição efectiva das acções conjuntas a desenvolver».

«De facto, afirma o Presidente da República, o nosso bom entendimento deve agora ser traduzido em acções práticas que tenham em conta as nossas possibilidades próprias e também as oportunidades de cooperação mais alargada com outros países dentro do nosso espírito de compreensão e de rigorosa não interferência nos assuntos internos de cada país. Esta será a melhor e mais efectiva forma de dar sentido histórico de progresso e de liberdade à nova era que se iniciou com o processo de descolonização».

Interrogado sobre se existia actualmente em Portugal «um consenso nacional» quanto às relações com Moçambique, Ramalho Eanes disse que «a interpretação histórica do processo de descolonização ainda alimentará, e julgo que por algum tempo, a expressão de posições diversas», mas que «é justificado considerar-se que há um largo consenso no povo português quanto à necessidade e quanto à justificação da descolonização».

«Há em meu entender, sobretudo uma consciência clara de que importa olhar para o futuro, estabelecendo, pelos resultados práticos, a confirmação das vantagens mútuas que este novo relacionamento entre o povo português e o povo moçambicano oferece.

Poderá haver ainda algumas posições divergentes a esta linha política, mas elas não se traduzem em forças com significado, seja no plano eleitoral, seja no plano das posições partidárias ou mesmo no plano das posições institucionais. Neste sentido não tendo dúvida em afirmar que há um consenso nacional sólido empenhado no reforço das nossas relações com Moçambique. E não tenho dúvidas em afirmar que, à medida que a cooperação avançar, maior será a aceitação global desta nova realidade conjunta, maior vai ser o empenhamento nacional português no desenvolvimento da cooperação com o Estado de Moçambique».

Relembrando a cooperação que tem vindo a desenvolver-se entre os dois países também no campo militar, e depois de exprimirem ser opinião generalizada de este relacionamento ser «exemplar e indicativo de uma amizade frutuosa entre os dois povos e as Forças Armadas dos dois países», os entrevistadores perguntaram ao general Ramalho Eanes se o factor militar poderia ser importante no futuro das relações com Moçambique.

Ramalho Eanes respondeu que a cooperação militar é também «um campo necessário» dos programas globais de cooperação e que na fase actual é até dos que podem evoluir mais rapidamente.

«Naturalmente a existência desta forma de cooperação é por si só sinal claro de amizade e da confiança que liga os dois países. Mas será também um contributo positivo na segurança na área, ajudando assim a criar bases seguras para o nosso futuro.

Diria, pois, que a preocupação geral de cooperação que deve existir entre os dois países, a componente militar é apenas uma das componentes, mas não deixa naturalmente de ter, como componente que é, uma certa importância.»

Explicitando o sentido da expressão «relações privilegiadas» utilizada várias vezes durante a sua visita a Moçambique, Ramalho Eanes disse entender as nossas «relações privilegiadas» na «maior latitude possível», na medida em que «o conhecimento mútuo que une os nossos dois povos e a vontade de entendimento que caracteriza as autoridades dos nossos dois países justificam a superação de quaisquer obstáculos que possam surgir na evolução das nossas relações.

«Em síntese, existe um conteúdo importante no passado histórico dos dois povos e que é possível alicerçar num relacionamento especial que, em boa verdade, justifica e impõe também essas relações privilegiadas que, como disse, são em meu entender impostas também pelos interesses dos dois povos no respeito natural da soberania de cada um pela soberania do outro».

Empresa pública/Poder Local

CTT e câmaras de Coimbra assinam protocolo "exemplar"

Um protocolo inédito em matéria de cooperação entre o sector público empresarial e as autarquias locais foi assinado em Coimbra entre as câmaras municipais do distrito e os CTT, na presença dos secretários de Estado das Comunicações (Raul Junqueiro) e da Administração Autárquica (Helena Torres Marques).

O documento, formalizado no decurso da visita que os dois membros do Governo fizeram às obras do novo edifício para os serviços postais de Coimbra (com automatização prevista para os níveis já de Lisboa e Porto em matéria de tratamento de correio) registou a adesão entusiástica das câmaras coimbrãs. Aliás, uma proposta do presidente da câmara de Coimbra, Mendes da Silva, aprovada por unanimidade pelos autarcas presentes, manifestou satisfação «pelo clima de extraordinária cooperação, clareza e eficiência» que rodeou os encontros e negociações de preparação do protocolo e manifestou o desejo de que uma cooperação tão «exemplar» venha a ser seguida «por outras empresas públicas».

A cláusula primeira do protocolo estabelece que os CTT através dos órgãos regionais «fornecerão com regularidade ao Governo Civil, a cada um dos municípios do distrito de Coimbra e à Comissão Coordenadora Regional do Centro indicadores de gestão dos serviços de comunicações, a nível municipal e distrital, respectivamente (nomeadamente sobre o parque de postos telefónicos, postos telex, listas de espera, demoras médias na prestação dos serviços, avarias, reclamações, fluidez de tráfegos, redes de telecomunicações e distribuição postal»).

Pela cláusula segunda as câmaras e a Comissão Coordenadora da Região Centro (CCRC) fornecerão com regularidade aos CTT informações económicas e sociais de base sobre os planos de desenvolvimento regional e municipal.

As cláusulas restantes referem-se à definição de formas de colaboração mútua entre as entidades que subscrevem o protocolo e à criação de comissões mistas para acompanhamento da execução dos projectos de investimento de interesse mútuo, análise e estudo de formas de cooperação, procura de soluções para os problemas identificados, etc.

O protocolo com assinatura do documento definitivo prevista para Novembro próximo – estabelece, ainda, a realização de duas reuniões ordinárias, em Janeiro e Junho de cada ano, por iniciativa dos CTT, em instalações por si proporcionadas.

Ano Mundial das Comunicações

Na base deste acordo invulgar de cooperação entre uma empresa pública e autarquias locais terá pesado a acção discreta mas eficaz, do secretário de Estado da Comunicações, Raul Junqueiro, profundo conhecedor do sector pelo trabalho desenvolvido durante anos nos CTT e TLP.

Por sua iniciativa, terá lugar, ainda este ano – e no âmbito da decisão da ONU que considerou 1983 «Ano Mundial das Comunicações» – um Simpósio Nacional de Comunicações.

A inauguração, ontem, da Estação Terrena Sintra III, levada a efeito pela companhia portuguesa Radio Marconi, integra-se, aliás, na série de realizações que assinalarão, entre nós, o Ano Mundial das Comunicações.

Valor estratégico

Ainda relativamente ao encontro de Coimbra e à visita feita a obras em curso que irão minorar as carências da região centro ao nível das Comunicações, o secretário de Estado afirmou a disposição do Governo «em modificar o panorama» actual do país. «Apesar de algumas melhorias registadas, a verdade – reconheceu Raul Junqueiro – é que, por exemplo a rede de distribuição postal precisa de ser reforçada, a qualidade do serviço telefónico é deficiente e o serviço de telex não responde em tempo às necessidades».

Destacou aquele membro do executivo, entre os principais objectivos a atingir pela Secretaria de Estado das Comunicações, a «promoção da melhoria da qualidade de serviços e das mudanças tecnológicas».

«A digitalização das telecomunicações, a evolução da informática, a utilização dos microprocessadores, a robotização, são fenómenos que os países precisam de conhecer, acompanhar e participar, já que irão modificar por completo a vida de todos e introduzir profundas modificações na comunidade internacional» lembrou também Raul Junqueiro na sua intervenção.

Referindo-se, ainda, à importância do sector entre nós, o secretário de Estado indicou, haver, actualmente, 80 mil trabalhadores na área de Comunicações (45 mil nos CTT, TLP e Marconi, 30 mil nas empresas industriais e 7.500 nas empreiteiras) o que atesta «o seu valor estratégico, no presente e no futuro». Precisou ainda que o volume de investimento este ano, só por parte das empresas operadoras, é superior a 21 milhões de contos.

Raúl Junqueiro, secretário de Estado das Comunicações

CNA prepara III Encontro Nacional

Agricultores vão exigir que Governo resolva os problemas da lavoura

Três anos depois do II Encontro das Organizações da Lavoura e dos Agricultores de Portugal, a Assembleia Geral da Confederação Nacional da Agricultura prepara a sua II Reunião Nacional, a realizar em Coimbra no próximo dia 13 de Novembro.

Nesse sentido circulam já em todo o País dois textos, um «documento para discussão» e um apelo «a todas as organizações da lavoura a todos os agricultores de Portugal». O primeiro salienta que «a lavoura está cada vez com menos dinheiro» e destina-se a promover o debate sobre «a gravíssima situação actual» da agricultura nacional, nos seus diversos domínios, considerando-se aberto ao enriquecimento que todos os agricultores e organizações lhe possam dar –segundo a CNA. O apelo visa agrupar todos os agricultores e organizações da lavoura em torno das grandes questões que se colocam ao sector, convidando a uma participação tão numerosa quanto possível para que no II Encontro seja feito um balanço das lutas da classe. Na actividade desenvolvida pela CNA e eleitos os seus corpos gerentes para os próximos três anos.

«O III Encontro da Lavoura será a demonstração da grande unidade dos agricultores e das suas organizações, de Norte a Sul, mostrará a força que temos e a determinação para defender os nossos direitos, valolizará a nossa profissão e desenvolverá a agricultura», sublinha a CNA no apelo dirigido aos agricultores portugueses.

O «documento para discussão» aponta os doze pontos que serão discutidos no III Encontro: preços justos para o agricultor, comercialização, crédito, seguro e subsídios, mecanização e modernização agrícola, aproveitamento da água e da terra, comércio externo e Mercado Comum, gados, baldios, florestas e madeiras, e cooperativismo, associativismo e diálogo.

Sobre os doze pontos propostos para debate e abrangendo os problemas fulcrais da agricultura portuguesa, a CNA apresenta as suas noventa e cinco exigências ou reclamações, susceptíveis de molhrarem – na sua óptica – a situação do sector e a vida dos portugueses. Essas 95 reclamações serão submetidas à discussão, para aprovação, no III Encontro Nacional das Organizações da Lavoura.

Intervenção a realizar no Conselho da Europa

Helena Roseta apresenta relatório sobre resíduos radioactivos

A presidente do Município de Cascais Helena Roseta, apresenta, no dia 20 de Outubro, no Conselho da Europa, em Estrasburgo, um relatório sobre a imersão de resíduos radioactivos no mar, foi revelado em Paris.

A intervenção da autarca portuguesa encerrará a Décima Oitava Sessão da Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais do Conselho da Europa, que terá início na manhã do dia 18, no Palácio da Europa, sob a presidência de Erich Kiesl, presidente do Município de Munique, RFA.

No relatório Helena Roseta descreve os regulamentos e controlos que regem a imersão de resíduos radioactivos, analisa as alternativas à imersão marítima e sublinha a necessidade de se adoptar uma política de informação pública mais eficaz e de se fazer participar as colectividades locais e regionais no processo de tomada de decisão sobre o problema do controlo de resíduos radioactivos.

Segundo a Agência Internacional de Energia Atómica, sediada em Viena, serão produzidos em todo o mundo, até ao ano 2000 cerca de 200 mil toneladas de resíduos de combustíveis irradiados.

A imersão controlada desses resíduos no mar, a grandes profundidades, é actualmente uma das opções para depositar os resíduos de média ou fraca actividade.

Americanos restringem exportação de tecnologia nuclear

A Câmara de Representantes aprovou na sexta-feira passada uma medida para tornar mais rigorosos os controlos da exportação de tecnologia nuclear para países que não tenham aderido ao tratado de não proliferação.

Por 196 votos contra 189, a Câmara adoptou uma alteração proposta pelo representante Howard Wolpe (democrata do Michigan) a um projecto de lei que autoriza os controlos da exportação pelos EUA durante os próximos anos.

Esta alteração permitirá proibir nomeadamente qualquer exportação de material nuclear americano que possa ser utilizado no fabrico de armamento atómico a todos os países que não aceitaram as normas de controlo estabelecidas pela Agência Internacional da Energia Atómica (AIEA) e as visitas de inspecção de especialistas internacionais.

Wolpe declarou que «a capacidade de produzir armas nucleares dos que podem usá-las de maneira irresponsável constitui talvez a mais séria ameaça à nossa nação e à nossa civilização».

Wolpe fez nomeadamente notar que o Governo americano autorizou no mês passado a transferência de 143 toneladas de água pesada para a Argentina, que não assinou o tratado de não proliferação nuclear.

Da mesma forma, disse, a África do Sul, que também não assinou o tratado, utiliza o concurso de uma firma americana para a exploração das suas instalações nucleares.

Eanes regressou dos Açores

Uma visita sempre a pensar na defesa da democracia

O Presidente Ramalho Eanes, após seis dias de visita à Região Autónoma dos Açores, chegou ontem, poucos minutos depois das 22 horas, ao aeroporto da Portela, onde era aguardado por Vasco da Gama Fernandes e outros elementos da Presidência da República, não tendo prestado declarações aos jornalistas.

Ramalho Eanes, que se deslocou ao arquipélago a convite do Governo Regional, manifestou durante a visita o seu empenhamento na defesa da democracia e do sistema autonómico, uma das mais importantes realizações após o 25 de Abril.

Defendeu a liberdade de Imprensa como fundamental ao exercício do regime democrático e referiu-se à necessidade da existência dos poderes regionais e autárquicos.

No primeiro dos dois discursos que proferiu durante a viagem pelos Açores, Eanes acentuou ainda o princípio da atribuição de prioridades ao desenvolvimento das regiões mais desfavorecidas.

Em sessão solene no Parlamento açoriano, o Presidente reafirmou o seu compromisso com as autoridades regionais.

A visita presidencial foi também pretexto para referências da Imprensa regional a uma hipotética candidatura de Mota Amaral à Presidência da República, quando terminar o mandato de Eanes.

O Partido Socialista, que acusou o Governo Regional de partidarizar a visita, estranhou mesmo que o PR não comentasse as referências sobre um eventual apoio a Mota Amaral.

Nas localidades por onde passou, Eanes manteve o habitual diálogo com as populações, o que ocorreu, mesmo, apesar das fortes chuvadas terem sido uma constante ao longo dos seis dias.

Liderança parlamentar do PSD...

JSD apoia João Salgueiro

Reunida nas suas primeiras jornadas parlamentares (sábado e domingo, em Lisboa), a JSD (Juventude Social-Democrata) pronunciou-se pela nomeação de João Salgueiro para presidente do grupo parlamentar do PSD.

Manifestando a disposição de «pugnar» por tal nomeação, os nove deputados da JSD consideram-na «solução politicamente prestigiante e tecnicamente competente».

Na reunião dos deputados da JSD com os presidentes dos órgãos nacionais foi aprovado o estatuto de deputado da JSD, «que visa traduzir no terreno parlamentar a autonomia que a JSD disfruta no campo partidário, salvaguarda da unidade do grupo parlamentar do PSD».

O estatuto será votado no próximo Conselho Nacional da JSD.

Foi igualmente aprovado um documento que aponta para «a necessidade de definição de uma estratégia legislativa da maioria parlamentar» e de «um esquema de ligação com o Governo».

FORD TRANSIT
CADA VEZ MAIS!

2 ANOS DE GARANTIA
Ford

- 2 anos de Garantia Ford ao comprar, agora, a sua Transit.
- Mais uma vantagem extraordinária que só um veículo de qualidades tão comprovadas lhe pode oferecer.
- Ford Transit, o comercial que mais circula em Portugal.
- Não perca tempo.
Contacte já o seu Concessionário Ford!

FORD TRANSIT
FAZ SEMPRE MELHOR
Ford

de ontem para hoje

Feira Popular do Porto disse adeus ao Palácio de Cristal

A Feira Popular do Porto encerrou ontem à noite com um espectáculo no Palácio de Cristal, local onde funcionou desde 29 de Maio último. A sessão de encerramento foi preenchida com um concurso de vestidos de chita e com um programa de variedades. Naquele parte de diversões, funcionaram restaurantes típicos e «stands» com artigos de artesanato das várias regiões do País. Por outro lado, ao longo dos quatro meses realizaram-se espectáculos de variedades, exibiram-se ranchos folclóricos e conjuntos musicais, para além de se terem promovido outras iniciativas. A próxima Feira Popular do Porto deverá abrir as suas portas noutro local da cidade, provavelmente na Quinta do Covelo.

Assassinada a tiro em Carnide

A Polícia Judiciária procura localizar José Augusto Nunes Vilhena, de 22 anos, apontado como o presumível autor da morte de Maria Filomena Dias Ramos (foto), de 23 anos, com quem vivia maritalmente, ocorrida na tarde de ontem, na casa que ambos habitavam, no Bairro da Horta Nova, 27, em Carnide. Maria Filomena, que estava grávida de três meses e que se separara há um ano do marido, foi atingida com um tiro de pistola de 6.35 mm, na presença da sua filha de cinco anos. José Vilhena, já com cadastro por tráfico e consumo de droga, e que foi visto pouco depois do crime num café da zona, ainda teria tentado alvejar uma prima da vítima. Por outro lado, encontrou um cunhado de Maria Filomena a quem disse que tinha umas contas a ajustar com dois indivíduos residentes no Bairro do Padre Cruz, um deles, ao que parece, ligado aos bastidores da droga.

Para não atropelar um cão

Para evitar o atropelamento de um cão, o condutor de um automóvel encontrou a morte na estrada que liga Azeitão a Palmela. Rogério Ruas Dias, de 27 anos, residia em Setúbal. No veículo que ficou imobilizado nos terrenos de cultivo marginais à estrada seguiam ainda António Joaquim Cândido Pombo, de 26 anos e Norberto Maria, de 31, que recolheram ao Hospital de Setúbal.

Cem famílias afectadas em Monchique

Cerca de cem famílias foram afectadas pelos prejuízos causados pelo incêndio que atingiu os concelhos de Silves e Monchique entre 26 e 29 de Setembro último. A informação foi ontem dada pelo comandante dos Bombeiros de Monchique, baseando-se em dados obtidos após um balanço e inspecção à área sinistrada. Carlos Monteiro afirmou que mais de uma dezena de famílias perderam todos os seus haveres, adiantando que a área atingida ultrapassa os cem mil hectares.

A zona desvastada inclui cerca de cinco mil hectares de eucalitptos e cultura de medronho, tendo ardido totalmente duas casas e morrido queimados vários animais.

Tabaco de contrabando em Aveiro

Na zona de Aveiro foram apreendidos, por delito de infracção, 125 mil maços de tabaco estrangeiro, avaliado em quinze mil contos. O veículo que transportava a mercadoria, no valor de 7500 contos, ficou igualmente retido.

Unidos em vida unidos na morte

Otília e Raul Seixas, ambos com 72 anos, que já tinham comemorado as «bodas de ouro», morreram, com o intervalo de poucas horas, na sua residência em Aveiro. Otília foi a primeira a «partir», Raul de Sá Seixas, um dos responsáveis pelo velho Teatro Aveirense, foi funcionário aduaneiro e da Sacor.

Cadáver na Barragem de Picote

O cadáver já em adiantado estado de decomposição de António Viriato Salvador, de 31 anos, residente em Carviçais, nos arredores de Torre de Morcovo, de 31 anos, foi encontrado na albufeira da Barragem de Picote, em Miranda do Douro, tudo indicando tratar-se de um caso de suicídio. O corpo já fora avistado há dias junto às turbinas da barragem, mas estava misturado com detritos, e as pessoas pensaram que era um espantalho.

Mergulho fatal no rio Mondego

Ao experimentar o automóvel que acabara de comprar um jovem de dezanove anos, Martinho Gandarez Baptista, despistou-se, por motivos ainda não esclarecidos, na estrada que liga Coimbra à Figueira da Foz, e acabou por cair num canal do rio Mondego. O corpo de Martinho Baptista, que residia em S. João do Campo, bem assim como o veículo sinistrado, foram retirados das águas por uma equipa de mergulhadores dos Sapadores Bombeiros.

Apresentado às entidades de Bragança

Projecto da barragem de Montezinho custará 500 milhões de escudos

O projecto da futura barragem de Montezinho destinada à produção de energia, irrigação e abastecimento urbano, foi ontem apresentado às entidades do concelho de Bragança, por responsáveis ligados ao projecto.

A iniciativa pertenceu ao núcleo regional do Norte da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos e ao Instituto Politécnico de Bragança.

No decorrer da sessão, o presidente do município brigantino, José Luís Pinheiro, falou das vantagens e dos benefícios do plano. Segundo o projecto, os aproveitamentos da serra de Montezinho apresentarão a seguinte constituição: barragem no Alto Sabor e respectivos órgãos de segurança, tomada de água na albufeira alimentando um circuito hidráulico, uma centra, localizada na margem direita da Ribeira das Andorinhas, onde ficarão instalados dois grupos de 2.100 KW cada e outra central localizada na vertente esquerda do rio Sabor, onde ficarão instalados mais dois grupos de 2.800 KW.

A barragem a construir será de enrocamento e a tomada de água constituída por uma torre em betão armado.

A estimativa dos custos, a preços de 1982, incluíndo as obras de construção civil e as duas centrais hidroeléctricas, ronda os 500 milhões de escudos, mas o custo total do sistema para produção de energia ultrapassará os 800 milhões de escudos – afirmaram técnicos ligados à proposta.

Todavia, os acessos definitivos às barragens no Alto Sabor e Ribeira de Andorinhas, bem como as respectivas centrais, estarão dependentes dos dispositivos de comunicação e transportes que a execução das obras obrigue a adoptar, por forma a realizá-los com menor custo. «Os aproveitamentos da serra de Montezinho, para além da produção de energia, podem também proceder à beneficiação de 870 dos 917 hectares de manchas de solos aptos para o regadio» – lê-se no plano das obras que a Câmara Municipal de Bragança divulgou.

«A construção dos aproveitamentos da serra de Montezinho permite encarar o recurso aos caudais armazenados na albufeira do Alto Sabor para o reforço do abastecimento de água a Bragança» – diz ainda o texto. «O custo total da conduta adutora, que terá uma extensão de 17 quilómetros, ascenderá a 150 milhões de escudos» – revela o plano.

Secretário de Estado do Ambiente revela

Organismos internacionais vão financiar projectos em Portugal

A CEE, OCDE, UNESCO, os governos francês, belga e alemão federal e fundações internacionais vão cooperar em projectos da secretaria de Estado do Ambiente, revelou ontem à Anop o titular desta pasta, Carlos Pimenta.

À chegada a Lisboa, procedente de Bona, última etapa de uma deslocação de 13 dias pelas capitais francesa, belga e alemã federal, Carlos Pimenta considerou que os resultados da conversações que travou naqueles países «excederam todas a expectativas».

O secretário de Estado do Ambiente referiu que naquelas capitais europeias apresentou 15 projectos do Ministério da Qualidade de Vida aos governos francês, belga e federal alemão, à OCDE, CEE, UNESCO, à Agência Federal do Ambiente e Governo Regional do Hesse (RFA), às fundações europeia do Ambiente e Naumann.

Carlos Pimenta acrescentou que com todas estas entidades foram estabelecidos programas de troca de informações, planos de formação de técnicos (que envolverão técnicos do Ministério e privados, e estudantes) e programas de apoio técnico em Portugal aos projectos que apresentou.

Em resultado das conversações — prosseguiu — foi aceite a pré-candidatura portuguesa ao financiamento de projectos relativos ao Parque Natural de Montezinho (Bragança) à Ria Formosa (Algarve), ao combate à poluição atmosférica em zonas urbanas e à implantação de uma base de dados de ambiente e ordenamento.

A sua deslocação, por outro lado, serviu para o Governo português afirmar posições políticas sobre aspectos de política do ambiente, nomeadamente contaminação das águas interiores e dos mares e a presença de chumbo na gasolina, sobretudo ao nível da CEE — disse Carlos Pimenta.

O secretário de Estado salientou que alguns projectos portugueses, «pelo seu carácter inovador», suscitaram interesse aos seus interlocutores internacionais, citando o de educação de ambiente dirigido pelo professor Evangelista, que irá ser objecto de estudo internacional para adaptação a outros países.

Carlos Pimenta destacou o bom acolhimento oferecido à delegação portuguesa que chefiava, a qual teve reuniões com altos funcionários das entidades contactadas, entre os quais o director-geral da UNESCO Amadou M'Bow, e o vice-presidente das comunidades, Lorenzo Natali.

Cristo com mais de dois metros é atracção na "Intercasa/83"

Um «Cristo» com mais de dois metros de altura, esculpido numa árvore plantada em 1948, é um dos motivos de interesse e curiosidade da «Intercasa/83», a decorrer na Feira Internacional de Lisboa, numa mostra exaustiva do que, em matéria de mobiliário, clássico ou moderno, se vai produzindo em Portugal. Também no campo da iluminação e decoração, o certame apresenta uma vasta gama de produtos que cobre, quer diversos estilos, quer diferentes possibilidades monetárias. Entre outras curiosidades, destacam-se o aproveitamento para garrafeira-bar de uma prensa de vinificação do século dezassete usada no Sul de França e de uma cuba da região do Douro.

Duas reproduções de uma arca egípcia primitiva e de uma mesa igualmente egípcia do princípio da era dinástica, ambas utilizadas em 3100 aC, têm despertado a curiosidade dos milhares de visitantes que já passaram pelos pavilhões da Junqueira, onde também se encontra exposta uma escultura de D. Afonso Henriques, destinada à Casa-Museu Azevedo Lobo.

Nos têxteis para o lar, os visitantes encontram uma vasta exposição dos genuínos tapetes de Arraiolos, além de outro tipo de alcatifas e carpetes.

A «Intercasa/83» – Sétimo Salão Internacional do Mobiliário, Iluminação e Decoração – estará patente ao público até ao próximo dia 9, diariamente das 15 às 23 horas.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

«CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE 500 CONTADORES DE ÁGUA DE 20M/M VAZÃO HORÁRIA DE 5M3»

O Conselho de Administração faz público que, conforme sua deliberação tomada em reunião de 29 de Agosto de 1983, são aceites propostas, em carta lacrada, para o fornecimento supracitado, durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República». As propostas deverão ser remetidas pelo correio e dar entrada na sede destes Serviços até às 15 horas do último dia do prazo referido.

As propostas serão abertas em reunião pública às 15 horas na sede destes Serviços, em Oeiras, no primeiro dia útil que se seguir ao termo fixado neste anúncio, perante a comissão para esse fim nomeada.

O caderno de encargos e condições do concurso estão patentes na Secretaria destes Serviços, em Oeiras, durante as horas de expediente.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 20 de Setembro de 1983.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Maria Póvoa

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

«CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE: INSTALAÇÃO DE RAMAIS DOMICILIÁRIOS DE ÁGUA NO ALTO DE ST.ª CATARINA, CRUZ-QUEBRADA

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 19/9/83, foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14.30 horas, na sala de reuniões destes Serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 1 800 000$00
A caução provisória é de 45 000$00

Alvará não exigido — em virtude da base ser de montante inferior a 5000 contos.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria dos Serviços Técnicos sitos na (Medrosa) em Oeiras.

OEIRAS, 23 de Setembro de 1983

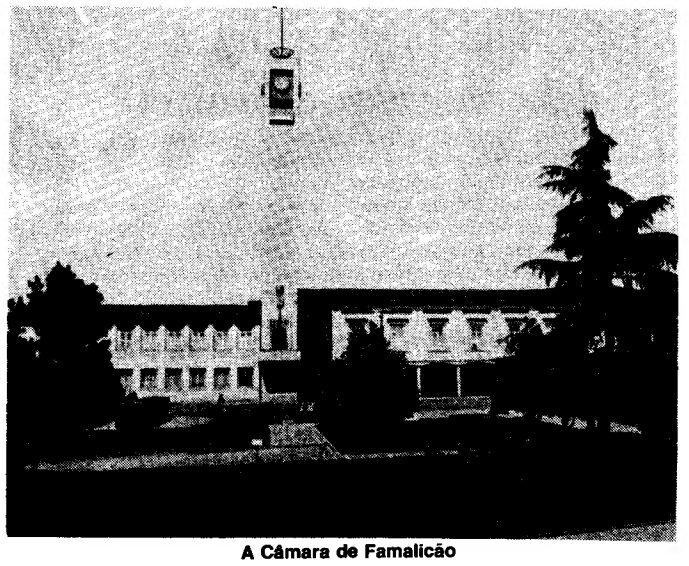
O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Maria Póvoa

O 5 de Outubro em Famalicão

Ser autarca é ser criador

— diz o presidente da Câmara ao "DL"

Tendo derrotado a AD coligada num concelho que tem sido «feudo» do PSD, a Câmara de Famalicão, liderada por um socialista, recolhe actualmente uma credibilidade a que a vida autárquica local não estava habituada. A homenagem nacional a Bernardino Machado e as comemorações do 5 de Outubro em Famalicão vieram pôr em foco esse esforço, elogiado até em meios famalicenses dos mais conservadores.



A Câmara de Famalicão

FAMALICÃO (106 mil habitantes em 1980) está entre os dez primeiros concelhos do País em produção de riqueza, movimenta 43% do parque TIR de Leixões e consome mais combustível do que alguns distritos somados. Do ano passado para este ano, as suas receitas do imposto sobre veículos subiram mais de três mil contos e nos serviços entram diariamente entre 12 a 15 projectos com pedidos de construção.

O presidente da Câmara, dr. Agostinho Fernandes — «o homem que conhece a idade das árvores antigas do concelho, cujo levantamento promoveu», tinham-nos dito — apontava aqueles índices para vincar o volume e a força das coisas no seu município. Todavia, acrescentava: «temos uma difícil situação financeira, graves problemas de saneamento básico e de defesa do ambiente, com rios mortos como o Ave».

Foi uma conversa breve, ao fim da manhã, com gente à espera no corredor e uma agenda transbordante para esse dia. «É sempre assim e quanto a chegar cedo ele é dos primeiros», dizia-nos um funcionário.

Com afirmações cautelosas, destacando o «clima de equipa» do seu executivo, o presidente mostrou-se mais preocupado em salientar que «apesar de tudo, o concelho tem meios e podemos ser confiantes e arrojados». Pleno de entusiasmo, disposto a restituir a confiança e a boa imagem à administração e ao seu município, Agostinho Fernandes é um homem intransigente quanto aos princípios e obstinado quanto às capacidades do poder local. «O poder local é a democracia, as coisas só se não fazem se as pessoas não quiserem. Por isso o poder local tem de ser autónomo e criador, ser autarca é ser criador» — dir-nos-ia ainda no decorrer da nossa conversa.

Mas este trabalho não tem sido fácil. «A Câmara herdou uma casa em desordem, uma engrenagem municipal viciada e corrupta e o caos financeiro» dizia-nos um professor famalicense. Como exemplo da situação criada pela gestão da AD citaram-nos o caso da contabilidade: «não havia um conhecimento claro de quanto a Câmara devia e a quem, os credores exigiam que lhes pagassem antes de voltarem a fazer contratos com a Câmara, corria por aí que alguns credores só eram pagos a troco de 'luvas', as infra-estruturas dos loteamentos ficaram por fazer e ninguém exigiu responsabilidade a ninguém».

Agostinho Fernandes não quis entrar em pormenores quanto a estes e outros problemas nem quanto à sua natureza. Este modo de agir só lhe tem granjeado respeito e admiração, mesmo entre os adversários, segundo nos disseram. Todavia, já nos confirmou: «o caos está a ser pago por nós, como forma de restituirmos a confiança no executivo. Estamos a pagar, com enorme sacrifício, todas as dívidas e a completar trabalhos que não eram sequer da responsabilidade do município». Refira-se só que a dívida municipal rondava os 700 mil contos.

As medidas que tiveram de ser tomadas para pôr a casa em ordem, dizia-nos um jornalista de Famalicão, «enfrentaram por vezes a resistência surda de um funcionalismo politicamente hostil e adaptado às vantagens de não ser responsabilizado». A criação de um pequeno armazém para ter mão nos gastos com material de expediente, por exemplo, gerou uma onda de más vontades entre o pessoal e os fornecedores.

Cultura? Cheira-me a comunismo...

As câmaras do vale do Ave — Guimarães, Santo Tirso e Famalicão — são hoje todas lideradas por socialistas. «De início foi a perturbação, as forças ligadas à AD tentaram de imediato pôr em causa os resultados eleitorais», dizia-nos ainda o presidente da Câmara de Famalicão. Os grupos económicos e as forças sociais a eles ligadas têm muito poder no concelho. Com a coligação PS/PSD «as coisas melhoraram bastante».

Agostinho Fernandes

Atravessado pela estrada Porto/Braga e cruzamento das saídas para Guimarães e para Barcelos e Póvoa de Varzim, Famalicão é um concelho de uma enorme vitalidade no campo do associativismo e das iniciativas culturais. Esse aspecto, quase sempre ignorado, contraria uma certa imagem negativa do concelho, criada e difundida sobretudo nos anos que se seguiram ao 25 de Abril. «Havia de facto uma ideia errada e injusta sobre este concelho», dizia-nos o dr. Joaquim Lima, jovem director do quinzenário «Vila Nova», onde se pratica uma informação arejada e útil à própria dinâmica actual do concelho. «Deram-se aqui transformações que há poucos anos não se imaginavam e o factor cultural teve nelas uma grande importância», dizia ainda Joaquim Lima.

Há duas vertentes na caracterização do concelho. A nascente, a predominância da indústria, da animação cultural, do teatro, da votação na esquerda. A poente, as freguesias mais acentuadamente rurais, o folclore, a implantação do PSD e do CDS. É nesta última que se situa a maior freguesia do distrito de Braga — Fradelos, conhecida como o «celeiro do distrito» pela quantidade e qualidade da sua produção agrícola.

Com a passagem do dr. Agostinho Fernandes pelo pelouro cultural, na anterior Câmara, fizeram-se coisas novas nessa área tradicionalmente apagada na vida das nossas autarquias, quer pela falta de verbas quer, sobretudo, pela ausência de iniciativas. O pelouro cultural, então a cargo do actual presidente, estimulou a vida das associações (muitas dezenas, constituindo uma das riquezas do concelho) e procedeu a uma tarefa que poucos municípios do país terão feito tão cuidadosamente: a inventariação sistemática do património, das carências e das capacidades. As publicações e os boletins da câmara, que são hoje um repositório valioso, deram conta de todo esse esforço. A homenagem a Bernardino Machado, que agora se efectua, foi uma proposta desse pelouro aprovada unanimemente pelo executivo.

O dinamismo e a concepção de vida autárquica demonstrados pelo então vereador da cultura se por um lado impuseram o seu nome, por outro chocaram elementos desse executivo da AD, um dos quais chegou mesmo a dizer, face a um projecto de Agostinho Fernandes: «Tanta cultura, estou farto, cheira-me a comunismo.»

Não é muito diferente a atitude ainda agora tomada por dois jornais locais, o «Jornal de Famalicão» e o «Notícias de Famalicão». A propósito do 5 de Outubro e de Bernardino Machado, o primeiro dizia que «os famalicences interrogam-se» sobre «quanto vai custar a homenagem». A Câmara, nessa altura, já tinha o orçamento dessas despesas e dessas receitas, o jornal poderia ter desfeito a ansiedade dos famalicences, se quisesse... O outro jornal publicava uma «carta ao director», alusiva às comemorações, onde se dizia: «Sempre receio que as águas ao passar por onde houve ferrugem cheguem impróprias para consumo.» O estilo consagrado.

Sezures é uma freguesia das mais pequenas do concelho de Famalicão, a norte, na saída para Braga. O presidente da Câmara falou-nos dela. Tem menos de 600 habitantes, 360 eleitores e uma Junta de maioria CDS. «Estamos a construir lá a primeira estrada da sua história».

José Gomes Bandeira

Seminário sobre petróleo decorreu em "alto nível"

O seminário sobre economia do petróleo que decorreu em Lisboa de segunda a sexta-feira foi classificado de «alto nível» pelo administradôr da Gulbenkian, Sá Machado.

Aquele responsável da fundação que ontem presidiu à sessão de encerramento do seminário notou que esta reunião que pela primeira vez se realizou em Portugal, congregou apreciável quantidade de técnicos e especialistas de petróleo num total de 44 participantes, de 21 países africanos, dos Estados Unidos e do Canadá.

Apontou também a alta qualidade das intervenções dos especialistas que nele participaram nomeadamente do professor Tiratsoo, perito mundial em Geologia.

Sá Machado salientou que a fundação tinha registado «com muita simpatia» a hipótese que lhe foi posta por vários participantes de repetir em Lisboa a edição de 1984, o que — disse — provavelmente virá a acontecer.

Sublinhou, no entanto, que num dos próximos anos, o seminário se deveria realizar em uma das grandes capitais africanas, concretamente em Luanda.

Os trabalhos de ontem do seminário foram preenchidos com um comunicado de Xavier Pintado sobre «Tendências da economnia mundial: recuperação ou recessão» e outras quatro sobre «Oferta e procura mundial de petróleo».

Enatur quer cooperar com países africanos

A ENATUR, como empresa pública, pode desempenhar no campo turístico – hoteleiro um «papel relevante» na cooperação com os países africanos de expressão oficial portuguesa e no mundo árabe, salienta o relatório daquela empresa agora conhecido.

O relatório que acrescenta que a ENATUR pode aparecer como «interlocutor privilegiado, desde que haja uma forte vontade política» de apoiar e defende a tal cooperação através da tecnologia no sector turístico – hoteleiro.

Para tal, aquela empresa pública propõe-se desenvolver «de imediato» com os países de expressão oficial portuguesa, um gabinete de estudos polivalente que tenha por objectivos a elaboração da «carta turística» de cada um dos países e de projectos e estudo de novas iniciativas a serem implementadas.

Os contactos e a selecção de firmas portuguesas que pretendam trabalhar nos países africanos, no sector turístico – hoteleiro, o recrutamento e a formação de pessoal e a colaboração consultiva em acções de estudo no sector, são outros tantos objectivos defendidos pela ENATUR para esse eventual gabinete futuro.

Quebra de 43 por cento nos estaleiros navais

Os países do Mercado Comum acusaram uma queda de 43% das encomendas de navios aos seus estaleiros navais no primeiro semestre de 1983, em relação ao mesmo período de 1982, ao passo que o Japão beneficiava de um aumento de 37%, informou ontem a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Globalmente, foi registada uma pequena subida (+4,2%) no que toca às novas encomendas feitas nos seis primeiros meses de 1983, que atingiram 3,98 milhões de toneladas para os países europeus — CEE, Suécia, Noruega, Espanha e Finlândia — e o Japão.

A Alemanha Federal acusou a mais forte descida (–63%) nas novas encomendas, precisa a OCDE. Esta degradação da situação provocou supressões de postos de trabalho (1/3 das 4100 pessoas empregadas nos estaleiros Howaldtswerke-Deutsche Erft poderão vir a ser despedidas) e fusões de empresas.

ELF dobrou os lucros

A companha petrolífera francesa Elf-Aquitaine aumentou para mais do dobro os seus lucros no primeiro semestre de 1983, em relação ao mesmo período de 1982, segundo as contas publicadas ontem pela sociedade.

Para os seis primeiros meses do ano, A Elf realizou um lucro líquido de 2,7 mil milhões de francos, contra 1,2 mil milhões de francos durante os seis primeiros meses de 1982.

(...) Contar o 25 de Abril e do que se lhe seguiu, recordando e recordado na metade final de 1977.

Quando o PS deixava de ser Governo, quando se dava uma curva no caminho em Abril iniciado.(...)

Disse-o ontem Ernâni Lopes

Portugal precisa de 680 milhões de dólares para financiar o défice deste ano

Portugal precisa, ainda em 1983, para financiar o défice externo, de mais 300 milhões de dólares, os quais terão de ser obtidos junto da Banca Internacional – afirmou ontem o ministro das Finanças, Ernâni Lopes.

O ministro, que falava à sua chegada a Lisboa, depois de ter participado em Washington, na Assembleia Anual do FMI/BM, acrescentou que esse financiamento é independente das facilidades financeiras de 380 milhões de dólares, objecto da carta de intenções assinada em Agosto, entre o FMI e Portugal.

O ministro das Finanças afirmou que existem algumas dificuldades sobre este acordo, «que não foi ainda objecto de aprovação jurídica pela Direcção do FMI», mostrando-se esperançado numa solução positiva, «que deverá ser tomada ainda esta semana».

«Ha um compromisso recíproco a respeitar» – disse Ernâni Lopes, que acrescentou:

«Esperemos que o trabalho que desenvolvemos tenha solucionado o problema, embora, sobre o ponto de vista jurídico, nada esteja ainda resolvido. Se tudo correr como esperamos, e tal como está previsto no acordo, a primeira fatia da ordem dos 105 milhões de dólares (13,2 milhões de contos) deverá vir em Outubro» – disse Ernâni Lopes.

Acrescentou que, «em paralelo com esta primeira fatia, disponível em condições normais em Outubro, haverá uma outra facilidade de financiamento («Compensatory Financial Facility») no valor de 280 milhões de dólares (cerca de 35,2 milhões de contos).

Os 47,5 milhões de contos do FMI continuam «difíceis» enquanto se negoceiam com a Banca internacional mais 36 milhões de contos imprescindíveis

Quotas já aumentadas só correspondem a 29,9% do capital

O Fundo Monetário Internacional anunciou hoje que, em final de Setembro, só 53 países membros ratificaram o aumento previsto de 47,5 por cento das suas quotas-partes nessa instituição. Esses 53 países representam 29,2 por cento do capital do Fundo, precisaram.

O aumento das quotas decidido na reunião do comité interino em Fevereiro passado, em Washington, só poderá tornar-se efectivo quando os países que representem 70 por cento do capital do FMI o tiverem ratificado.

Os países membros têm até 30 de Novembro para ratificar o aumento.

«No entanto, estes contratos de financiamento, que precisamos, não são suficientes» – revelou o ministro.

«Portugal precisa, ainda, para 1983, de mais 300 milhões de dólares de financiamento, que têm de ser obtidos junto da Banca Internacional» – frisou.

Esclareceu que a delegação que se deslocou aos Estados Unidos e que integrava o secretário de Estado do Tesouro e o governador do Banco de Portugal, estabeleceu já contactos no sentido da obtenção destes 300 milhões de dólares.

«Os contactos foram desenvolvidos em Nova Iorque, junto da Banca Americana e em Washington, com a Banca Internacional» – disse Ernâni Lopes, que adiantou: «Estes contactos indicam que poderá ser montada uma operação a muito curto prazo, que permita estes financiamentos».

Com estes 300 milhões de dólares, mais os outros 380 milhões, estariam à disposição de Portugal os 680 milhões de dólares necessários para o financiamento do défice externo.

Referindo-se especificamente à situação do Fundo Monetário Internacional (falta de liquidez e consequente redução de créditos) Ernâni Lopes afirmou que «Portugal não deverá ser afectado por esta situação particular de dificuldade».

Reservas de ouro podem ser usadas

O ministro das Finanças informou haver uma ligação directa entre as dificuldades de financiamento do Fundo Monetário Internacional a Portugal e a própria situação actual do FMI, caracterizada por falta de liquidez. Por isso mesmo, e embora se tenha manifestado optimista quanto à libertação da «tranche» a atribuir ao nosso país ainda esta semana, afirmou existirem já planos de contingência caso esse dinheiro não seja libertado.

Ernâni Lopes destacou a importância dos contactos com a Banca internacional nos dois primeiros dias da estadia da delegação portuguesa em Washington, atendendo ao quadro geral de aperto em que vive o mercado de capitais. *Há respeito pela política económica do Governo português e isso foi-nos expressamente manifestado* – comentou.

Depreendeu-se das palavras do ministro, em resposta a uma pergunta sobre o uso eventual das nossas reservas em ouro, para fazer face à situação de crise que Portugal pode vir a alienar algum ouro caso não tenham êxito para reunir os 680 milhões de dólares necessários à cobertura do défice externo, em 1983. *Usaremos as reservas em função das nossas necessidades* – disse.

Na reunião do Conselho de Administração

FMI só hoje decide da ajuda aos superendividados

O Conselho de Administração do Fundo Monetário Internacional (FMI) reúne-se, hoje, em Washington, para ver como é que o fundo poderá ajudar os países superendividados do Terceiro Mundo, numa altura em que a própria organização se debate com problemas de liquidez.

Rodeado pelo habitual segredo, o Conselho será o prelúdio de dois meses de intensa actividade na frente monetária, que se seguirá às laboriosas conversações sobre o financiamento e as operações do FMI e do Banco Mundial, os quais tiveram a sua reunião anual conjunta na semana passada.

Os Estados Unidos tinham provocado árduas discussões ao pedirem uma rigorosa limitação do acesso ao concurso do fundo. As discussões saldaram-se por um compromisso. Washington também manteve a sua atitude «dura» a respeito da ajuda multilateral aos países mais pobres.

Os dirigentes do FMI e toda a comunidade financeira vão seguir agora com preocupação as peripécias da batalha em curso no Congresso americano sobre dois projectos de lei – um autorizando uma contribuição suplementar de 8,4 mil milhões de dólars para o FMI e a outra prevendo a atribuição desse montante.

O caso faz agora parte das escaramuças pré-eleitorais: as próximas eleições presidenciais e legislativas terão lugar em Novembro de 1984.

O próprio presidente Reagan também entrou em liça. Ao inaugurar, na passada terça-feira, a reunião monetária, o chefe da Casa Branca advertiu o Congresso que a rejeição dos projectos ameaçaria desestabilizar o comércio e as finanças mundiais e dar directamente origem a «um pesadelo económico». Os 146 países membros comprometeram-se a ratificar o aumento de 47,5% das quotas-parte do FMI antes do dia 30 de Novembro, com o objectivo de se elevarem os recursos do fundo para 94,5 mil milhões de dólares. Segundo comentadores americanos – e de acordo com a própria opinião de alguns administradores do FMI – o apelo à razão feito por Ronald Reagan no Congresso, recalcitrante, parece ter sido lançado muito tardiamente.

Nos mesmos meios sublinha-se que o primeiro desses dois projectos de lei foi adoptado pela Câmara por uma pequena maioria de seis votos. A passagem para o Senado de um texto divergente em relação a alguns pontos foi feita mais facilmente. Contudo, a questão consiste agora na elaboração de um texto de compromisso aceitável para as duas Câmaras.

E este processo acabou de ser loqueado por «Tip» O'Neill, o presidente (Democrata) da Câmara, na sequência de um verdadeiro escândalo no Capitólio: o Partido Republicano acusou vários representantes democratas de «apoiarem o comunismo».

Estes últimos tinham votado contra um texto que visava restringir os empréstimos aos «regimes comunistas». O presidente da Câmara pede agora ao presidente Reagan que apresente as suas desculpas aos parlamentares incriminados.

Durante a reunião anual, Jacques Delors, ministro francês da Economia e das Finanças, e outros participantes, tinham sublinhado que a eventual rejeição dos projectos pelo Congresso americano criaria uma situação de crise.

De boa fonte pensa-se que a RFA, e talvez o Japão e outros países, evitarão ratificar o acordo sem a participação dos Estados Unidos, o que impederia, certamente, a sua aplicação (que necessita de 70 por cento dos votos dos Estados membros) e paralisaria a actividade do fundo a curto prazo.

O director-geral do FMI, Jacques de Larosière, disse no último fim-de-semana que a «capacidade de compromisso» do fundo será deficitária em 6,5 mil milhões de dólares até ao fim do ano, confimando ao mesmo tempo que o FMI «congelou» as negociações sobre os últimos pedidos de ajuda formulados por países que registam grandes dificuldades económicas.

Entretanto, os negociadores de 33 Estados dadores avistara-se-ão em Paris, no dia 21 de Novembro, com vista a tentarem chegar a acordo relativamente à dotação da Associação Internacional do Desenvolvimento (AID) para os próximos três exercícios. A «AID» concede empréstimos sem juros aos países menos desenvolvidos.

Jan Kristiansen, da AFP

US Steel despede quatro mil

O número um do aço americano, a US Steel Corp., anunciou 3.ª feira a sua decisão de despedir quatro mil trabalhadores nos dois próximos meses devido ao «declínio dos mercados mundiais do aço».

Esta decisão elevará a cerca de 12 mil o número de postos de trabalho suprimidos por esta sociedade desde o início de 1982 devido à descida das suas actividades.

A US Steel Corp, emprega actualmente cerca de 15 mil pessoas e continua a registar perdas elevadas. Estas, apesar de estarem a diminuir, atingiram os 230 milhões de dólares no primeiro semestre.

Segundo certos boatos não confirmados, o número um do aço americano poderia decidir, mais tarde, o encerramento de três unidades siderúrgicas nas regiões de Pittsburgh e Chicago.

Um aspecto da manifestação dos reformados no Porto

Reformados protestam contra o "galopante" aumento do custo de vida

Reformados, pensionistas e idosos concentraram-se ao princípio da tarde de sábado, na Praça da Liberdade, no Porto, a fim de protestar contra «a política de miseria do Governo» e assinalar o «Dia do Reformado».

Os manifestantes, que impunhavam bandeiras pretas, depois de uma breve intervenção de Artur Gonçalves, da comissão distrital do Porto do Movimento dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) que convocou a manifestação, desfilaram pelas ruas principais da baixa portuense.

«Nós não podemos aguentar este galopante aumento do custo de vida. Nunca como agora os aumentos foram tão graves, pondo em perigo a nossa saúde, as nossas vidas (...)» – lê-se no documento distribuído à Imprensa no local e que serviu de apoio à intervenção daquele membro do MURPI.

«O MURPI exige – lê-se no texto – que seja discutido e aprovado na Assembleia da República o seu caderno reivindicativo apresentado ao Governo após a sua tomada de posse e que até agora não obteve sequer resposta».

Também numa moção aprovada antes do desfile,os manifestantes protestaram contra a decisão abusiva e ilegal de aumentar as tarifas de energia eléctrica no Porto (de 1$40 para 4$67) e exigiram o reconhecimento da situação específica na região do Porto que respeita aos consumos deste tipo de energia, reclamando uma taxa própria para o Porto».

Na ocasião, funcionava na Praça da Liberdade uma exposição sindical alusiva ao décimo terceiro aniversário da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, denominada «13 anos de luta pelos direitos de quem trabalha pelo Portugal de Abril».

As dificuldades que o País vive são a consequência de não se ter levado à prática a delimitação dos sectores

— afirma o economista Sérgio Ribeiro

Na sequência das declarações que temos vindo a recolher sobre o IV Encontro Nacional dos Trabalhadores das Empresas Públicas, Nacionalizadas e Participadas do Estado, que se vai realizar em Lisboa, no próximo dia 15 do corrente mês, damos hoje a palavra ao economista Sérgio Ribeiro, docente universitário e técnico superior principal do Ministério do Trabalho. No seu depoimento, que seguidamente transcrevemos, S. R. considera que as dificuldades que hoje existem no nosso país são devidas fundamentalmente ao facto de «a política económica portuguesa não ter cumprido os objectivos que levaram a consagrar constitucionalmente a delimitação dos sectores:

Sérgio Ribeiro, economista

«O País atravessa dificuldades económicas e sociais. É efectivamente o País que atravessa dificuldades económicas e sociais. Porque são os trabalhadores, são os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, será algum mais do que médio capital privado que atravessam dificuldades económicas. E adivinham-se (avizinham-se, ameaçam) acrescidas dificuldades para os trabalhadores – os empregados, os desempregados, os que irão ficar, os que o foram: reformados e outros – para todo o capital que não a franja financeira, especulativa, monopolista e transnacional.

A anunciada abertura da banca, dos seguros, dos adubos e do cimento ao capital privado é **medida eficaz** para combater essas dificuldades?

Atrevo-me (!) a dizer que essas dificuldades (e para quem são existem, hoje, com a actual gravidade, por a política económica portuguesa não ter cumprido os objectivos que levaram a consagrar constitucionalmente a delimitação dos sectores, quadro em que se deveria concretizar uma estratégia de desenvolvimento planificado e ao serviço das «classes mais desfavorecidas», através do aproveitamento dos recursos nacionais visando a satisfação das necessidades dos nacionais.

Levo o atrevimento (!) ao ponto de dizer que a responsabilidade se ilustra com a pitoresca expressão do Primeiro-Ministro do 1.º Governo Constitucional (o mesmo deste Governo: o dr. Mário Soares) da «coexistência concorrencial» entre o sector nacionalizado e o sector privado. Tratava-se de eufemística ou subterfúgica maneira de dizer que a avaliação das políticas (e medidas) económicas passaria a ser pautada pelos critérios de reprodução do capital.

Depois da «coexistência concorrencial» viria a tentativa de tornar o sector nacionalizado em remanescente e subordinado, nele ficando ou para ele se remetendo os sectores de actividade não rentável, obsoletos, infraestruturas indispensáveis à actividade dos monopólios e à reprodução dos (grandes) capitais investidos ou especulando.

Seria, então, o começo efectivo e decidido (a tão gabada firmeza nas decisões não é de hoje, nem veio de Mota) do caminho que levaria da situação de ser permitido à iniciativa privada tudo o que não lhe está vedado por critérios sociais e de política global até à situação de tudo ser permitido à iniciativa privada, em benefício exclusivo de raros e auto eleitos.

Antes de dizer que a dita abertura não é eficaz, direi que ela não é técnica, neutra, inocente. E, como digo que não é inocente, digo que até será eficaz para quem a promove e para quem dela virá a beneficiar. Mas não é eficaz para combater as dificuldades económicas e sociais de quem as sofre.

O adágio popular é de que uma mordidela se pode sarar com o pêlo do mesmo cão, e nunca com novas e mais fortes dentadas de molossos transnacionalizados.

Plenário dos metalúrgicos

Os trabalhadores metalúrgicos vão realizar na próxima quinta-feira, em Lisboa e no Porto, um plenário nacional de activistas sindicais destinado a aprofundar a análise da situação social e a prosseguir a luta pelo desbloqueamento das negociações do seu contrato colectivo de trabalho.

A iniciativa foi decidida pelo plenário de sindicatos do sector, que considerou estarem os trabalhadores portugueses a viver «uma violenta ofensiva do Governo PS-PSD» contra os seus direitos e interesses.

Estes sindicatos acusaram o Governo de desenvolver «uma política francamente favorável aos antigos monopolistas» de revelar uma «submissão servil e total às exigências do FMI».

Trabalhadores da Comunicação Social mobilizam-se no Porto

Reuniram-se na delegação do Porto, do Sindicato dos Jornalistas as estruturas representativas dos trabalhadores da Comunicação Social daquela cidade. Das conclusões da reunião, além de acções de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores do sector, destaca-se uma acção a desenvolver junto da opinião pública. Assim, haverá amanhã, uma concentração de representantes das estruturas e trabalhadores, às 16 horas, junto do Sindicato das Telecomunicações, na Praça Filipa de Lencastre. Na altura será distribuído à população um documento e irão delegações ao Governo Civil e ao representante da Secretaria da Comunicação Social.

Foi também aprovado um documento em que as estruturas dos trabalhadores da Comunicação Social «exortam os trabalhadores a mobilizarem-se contra tentativas de despedimentos ou extinção de empresas e pela salvaguarda do sector público como condição indispensável à liberdade de informação». Foi ainda decidido alertar a opinião pública para «as consequências deploráveis do prosseguimento de uma política de informação insensata, cujos custos se reflectirão (e repercutem-se já) na limitação da liberdade».

Aniversário da CGTP-IN

Política do Governo duramente criticada na sessão comemorativa

O pensamento político da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical (CGTP-IN) em contraste com a política do nono Governo Constitucional foi a tónica da intervenção de José Luís Judas, durante a sessão comemorativa do 13.º aniversário da central sindical realizada no sábado à noite, no Cinema Júlio Dinis, no Porto.

Este dirigente da Comissão Executiva do Conselho Nacional da Inter, depois de se referir às preocupações do movimento sindical face à política que está a ser praticada pelo Executivo chefiado por Mário Soares, criticou nomeadamente o projecto do «lay-off» e suas implicações, o imposto extraordinário e, em matéria de Comunicação Social, teceu «duras críticas ao Executivo».

Neste contexto foram referidas as «graves implicações do projecto de decreto-lei do Governo para despedimentos («lay-off») que tem objectivos claros de promover os despedimentos e reforçar o poder do patronato, em termos equiparáveis a uma verdadeira declaração de estado de sítio», lê-se num texto distribuído sobre as comemorações do décimo terceiro aniversário da CGTP-IN.

José Luís Judas lembrou ainda as «acções de massas» decididas pelo plenário nacional da CGTP-IN em 24 de Setembro último, que serão concretizadas em 15 de Outubro.

Antes da alocução deste dirigente da CGTP, que também participou num plenário em Matosinhos dos trabalhadores da Refinaria de Açúcar Reunidas (RAR), houve uma intervenção da União de Sindicatos do Porto, lida por Maria Emília Reis.

Esta dirigente do Sindcato do Vestuário falou dos reflexos da política do Governo no distrito do Porto e dos problemas que milhares de trabalhadores enfrentam no distrito por não receberem os seus salários.

CP volta a parar amanhã por 4 horas

Nova greve está anunciada para amanhã, entre as 14 e as 18 horas, na CP. Desta vez, a paralisação foi convocada pela Federação dos Sindicatos Ferroviários e visa protestar contra os salários em atraso na empresa.

Os sindicalistas afirmam que nos últimos meses têm-se sucedido os atrasos no pagamento dos salários e os cerca de 23 mil trabalhadores da empresa não estão dispostos a permitir que o Governo continue a aplicar estas «formas de autêntica repressão psicológica», que têm sido extensivas aos «sectores mais conscientes da classe operária».

O secretariado da Federação, por outro lado, manifestou o seu «repúdio» pela actuação oficial, ao mesmo tempo que exige do Governo um ponto final na utilização da CP como «bode expiatório da sua política de austeridade apenas para os outros, quando para si próprio é o reagabofe completo de gastos dos dinheiros públicos».

INFORMAÇÃO

À CLASSE MÉDICA

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA comunica à Exm.ª Classe Médica que pelo Despacho Ministerial N.º 1183 de 25 de Agosto de 1983, o medicamento **DURAPROX — anti-reumático** dos Laboratórios Wyeth — se encontra incluído na Lista Oficial de Medicamentos Especializados Comparticipáveis pelos Serviços de Saúde, beneficiando da comparticipação máxima.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Lisboa, 30 de Setembro de 1983

24 horas

Mondale favorito

O antigo vice-presidente Walter Mondale venceu, sábado, com 51 por cento dos votos, uma eleição que pode constituir um índice revelador em Augusta, no estado do Maine. O senador da Califórnia Alan Cranston, surgiu em segundo lugar com 29 por cento dos votos, ao passo que o senador da Carolina do Sul Ernest Hollings, obtendo 11 por cento, ficou em terceiro lugar. Apesar de se ter pronunciado contra a realização desta consulta, o senador do Ohio, John Glenn, surgiu em quarto lugar, com uma centena de votos num total de 2000.

Ataque no País Basco

Um atentado à granada foi hoje perpetrado contra o quartel da Guarda Civil na localidade basca de Hernani, causando danos materiais. O ataque foi efectuado por indivíduos que lançaram três granadas nas proximidades do quartel danificando o portão de entrada. O atentado não foi reivindicado.

Novo movimeto corso

Uma nova organização nacionalista corsa, o Movimento Corso para a Autodeterminação (MCA) surgiu ontem em Bastia, menos de uma semana depois da dissolução, pelo governo, da última organização independentista legal, soube-se de boa fonte em Bastia. Esta decisão foi tomada numa assembleia constituinte que reuniu mais de trezentos nacionalistas e que teve lugar à porta fechada num hotel de Bastia.

Viagem de Reagan às Filipinas

A Casa Branca prepara-se para consultar alguns governos estrangeiros a propósito de eventuais modificações do itinerário da viagem (Filipinas, Japão, Coreia do Sul, Tailândia e Indonésia) que o presidente Reagan deve efectuar em Novembro, anunciou ontem à noite a presidência americana. Segundo o porta-voz da Casa Branca, Peter Roussel, a visita de Ronald Reagan às Filipinas não é anulada, mas a presidência está «a reexaminar o itinerário», porque as duas primeiras semanas de Novembro são particularmente sobrecarregadas no plano legislativo.

«Caixa negra» não apareceu

A marinha americana não encontrou nem mesmo localizou a «caixa negra» do avião sul-coreano abatido em 1 de Setembro pela aviação de caça soviética, afirmou hoje em Sasebo o almirante S.R. Foley, comandante-chefe da esquadra americana do Pacífico. Numa conferência de Imprensa, o almirante disse que os navios de pesquisas americanos presentes ao largo da ilha soviética de Sacalina captaram por várias vezes sinais sonoros, talvez emitidos pela caixa negra do «Boeing» das «KAL», mas que a sua origem não tinha podido ser apurada claramente.

Incidentes com neonazis

Trinta polícias e vinte outras pessoas ficaram feridas nos confrontos ontem registados em Fallingbostel durante a realização do congresso do Partido Nacional Democrático Alemão, NPD, de tendência neonazi.

Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadende

FUNDADA EM 27 DE MARÇO DE 1895
RUA CAPITÃO LEITÃO, 64 — TELEF. 275 21 27 — 2800 ALMADA
SEDE PRÓPRIA E CINE-TEATRO
AGRACIADA COM O GRAU OFICIAL DA ORDEM DE BENEMERÊNCIA
COLECTIVIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA EM 27-10-978

AVISO CONVOCATÓRIO

Assembleia Geral Ordinária

Conforme o disposto no n.º 2, alínea A, do Artigo 26 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir ordinariamente no dia 14 de Outubro de 1983, pelas 20.30 horas, na sede desta colectividade, Rua Capitão Leitão, 64, em Almada, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único:
Apreciação, discussão e votação do relatório e contas da direcção relativo ao ano de 1982 e do respectivo parecer do conselho fiscal.

Almada, 3 de Outubro de 1983

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Álvaro Luís Antunes Pina

NOTA: Se à hora marcada não se encontrar presente número bastante de associados a Assembleia reunirá uma hora depois em 2.ª convocatória.

Samora Machel inicia hoje visita à Europa

O presidente moçambicano, Samora Machel, iniciou ontem uma viagem de três semanas a seis países europeus — Bélgica, Holanda, Portugal, Jugoslávia, França, Grã-Bretanha — durante a qual procurará obter apoio económico e diplomático para o seu país, atingido pela guerra e pela seca.

A visita do presidente Machel a França «é uma prova da qualidade das relações entre os dois países» considerou o encarregado de Negócios francês em Maputo, René Revoltier, que acrescentou que essas relações tendem para «uma ordem económica internacional mais justa e mais estável e uma melhor distribuição das riquezas entre as nações». A França, declarou, contribui para essa política pelas suas relações diplomáticas e a sua participação nas instituições internacinais.

A primeira etapa de Machel é a Bélgica, com a qual Moçambique teve até agora poucos contactos. O embaixador belga em Maputo exprimiu recentemente «o seu profundo respeito» por Moçambique e por Machel. «Nós estamos com os moçambicanos na luta contra a fome e pela paz. Não pode haver paz em Moçambique enquanto subsistirem os bandos armados, e não há desenvolvimento sem paz», acrescentou.

Samora Machel deslocar-se-á em seguida à Holanda que mantém relações com a FRELIMO, desde a luta pela independência.

A visita mais esperada de Machel será a Portugal, antiga potência colonizadora cujas relações com Moçambique melhoraram consideravelmente nos três últimos anos.

O Presidente Ramalho Eanes deslocou-se a Moçambique há dois anos, e a cooperação bilateral desenvolveu-se rapidamente. O embaixador de Portugal em Maputo qualificou esta visita de «etapa importante na história das relações entre os dois países».

O presidente Machel visitará igualmente a Jugoslávia, depois a Grã-Bretanha. A visita a este último país tinha sido anulada uma primeira vez, há mais de um ano, devido à situação militar em Moçambique, e uma segunda vez devido às relações eleições gerais na Grã-Bretanha.

A delegação moçambicana é composta por cerca de 70 pessoas, entre as quais a esposa do presidente, Graça Machel, ministra da Educação, e pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, do Interior, Armando Guebuza, e da Economia, Jacinto Veloso.

Reunião do PAIGC

O Comité Central do PAIGC suspendeu seis militantes pelo período máximo de um ano e expulsou três.

Os militantes suspensos são os ex-ministros dos Negócios Estrangeiros e das Obras Públicas, respectivamente, Samba Lamine Mané e Manuel da Costa e o antigo secretário de Estado das Pescas, Flávio Proença. Estres três elementos foram demitidos do governo em Agosto.

Os restantes, dois são secretários para a organização do partido na região de Bafatá e no sector de Contuboel no Leste do país. O terceiro elemento é responsável pela segurança na região Norte, Cacheu, José Neto, do Comité Central do PAIGC.

Os militantes expulsos do PAIGC são: João da Costa, suplente do Comité Central do partido e ex-comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais, no regime de Luís Cabral, Honório da Fonseca, antigo embaixador em Havana e Leopoldo Alfama, governador da região de Cacheu.

Todos são acusados de «traírem os objectivos do partido e da sua luta de libertação nacional e do 14 dfe Novembro».

O antigo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, João da Silva, suspenso das suas funções, foi afastado do bureau político, mas manteve-se no Comité Central.

O Comité Central decidiu promover por distinção a general de divisão, o secretário-geral do PAIGC, comandante de brigada João Bernardo Vieira.

Aquele órgão recomendou igualmente a uma maior abertura ao investimento privado estrangeiro no domínio dos recursos, de preferência em regimes de associação com capitais guineenses.

Foi igualmente aprovado o programa de estabilização económica e recomendou-se a reestruturação do sector comercial «no mais curto espaço de tempo». Essa reestruturação será baseada na privatização tanto quanto possível, da rede de comércio retalhista rural.

Recomendou-se também que as pessoas improdutivas na capital sejam enviadas para o campo.

Chade será tema obrigatório

Começa hoje cimeira entre a França e a África francófona

Precedida por intensas consultas sobre o Chade, questão que dominará os debates, a Décima Conferência dos Chefes de Estado de França e de África inicia hoje à tarde os seus trabalhos, em Vittel, com a presença da maior parte dos presidentes dos países africanos francófonos.

Na cimeira participarão, para além do presidente François Mitterrand, 20 chefes de Estado fracófonos, 2 presidentes na qualidade de observadores e 14 delegações de observadores, ou seja, no total, os representantes de 37 países africanos.

Antes das discussões informais que devem decorrer em Vittel, os contactos diplomáticos multiplicaram-se, tanto em Paris como nas capitais africanas. O presidente chadiano, Hissene Habré, teve numerosas conversações, designadamente com os chefes de Estado do Zaire, da Costa do Marfim, do Gabão e do Togo, que o apoiam, bem como com personalidades francesas.

Por seu turno, os presidentes do Mali, do Niger e do Alto Volta fizeram ontem uma escala em Argel, para se avistarem com o presidente argelino, Chadli Benjedid, que não participará na cimeira, seguindo-a contudo de perto.

O presidente congolês, Denis Sassou Nguesso, que apoia o «GUNT» de Goukouni Weddeye, em luta contra as forças de Hissene Habré, efectuou recentemente uma viagem a Tripoli. O chefe de Estado do Congo informará os seus parceiros dos contactos que teve com o coronel Muammar Khadafi e com Goukouni Weddeye.

Por último, Paris conhece desde há alguns dias um vaivém de personalidades chadianas hostis a Hissene Habré, quer sejam ou não membros do «GUNT». Os observadores assinalam também que estarão representados em Vittel 37 países africanos, dos 50 que pertencem à OUA, mas que a Etiópia – país que assegura a presidência da Organização Pan-africana – não participará nos trabalhos.

O chefe do Estado do Alto Volta, Thomas Snakara, que chegou ontem à capital francesa, criou a surpresa ao não comparecer no jantar dado à noite no Eliseu pelo presidente François Mitterrand, em honra dos seus parceiros fracófonos.

De fonte próxima da conferência, explica-se esta ausência «como um incidente protocolar». Alguns meios africanos aludiram, porém, nos últimos dias, a reticências de chefes de fila de países moderados, que censura o capitão Sankara pelas suas simpatias pró-líbias. Este último, que tomou o poder em Agosto, não hesitou em pôr em causa a França pelo papel que Paris teria desempenhado no seu afastamento do cargo de primeiro-ministro em Maio último.

Os observadores perguntam actualmente se a conversação a sós prevista entre Thomas Sankara e François Mitterrand em Vittel desanuviará ou não a atmosfera entre os dois países.

Paquistão

Incidentes provocam 8 mortos

Oito pessoas morreram e várias dezenas de outras foram feridas em três confrontos ocorridos no domingo no Paquistão, na província do Sind, onde decorriam eleições locais.

Segundo uma fonte segura, quatro soldados paquistaneses e um manifestante foram mortos num tiroteio ocorrido perto de Moro no centro do Sind. Doze manifestantes foram igualmente feridos por balas durante esse confronto, que teve lugar quando camiões militares chegaram para desfazer uma barricada montada por opositores ao regime militar para impedir a população de ir às urnas.

Segundo o chefe da Polícia de Moro, o tiroteio só causou um morto entre os manifestantes. Por seu turno, um militante do Movimento para a Restauração da Democracia (MRD) afirmou que pelo menos doze manifestantes morreram».

Um segundo tiroteio produziu-se em Sanabollah Khan, aldeia do distrito de Dadu, no centro do Sind, durante o qual um manifestante e um soldado foram mortos, soube-se de fontes locais bem informadas. O tiroteio, segundo essas fontes, foi provocado pela destruição pelo fogo de três camiões da Polícia idos para organizar a votação.

Um terceiro confronto deu-se em Setharjah, perto de Kaipur, no norte da província. Segundo fontes locais bem informadas um manifestante foi morto e doze outros foram feridos quando a tropa tentou remover uma barricada da estrada principal.

Ainda segundo fontes locais, o exército teve de intervir além disso por três vezes em Diplo, no sul do Sind, perto da fronteira indiana.

CIA env a parti

A CIA utiliza desde a aérea de Ilopango, nos a dorenha, para enviar for dinistas na Nicarágua, nc York Times». Os aviões levam medicamentos, ec ção e munições para o regime de Manágua, os sificaram os seus ataqu

SEGUNDO o diário norte-americano que cita fontes norte-americanas na América Central, os aviões não aterram na Nicarágua, lançando do ar os fornecimentos.

A notícia não foi «confirmada nem desmentida» pela Embaixada de Washington na capital salvadorenha e mereceu do presidente de El Salvador, Alvaro Magana, a observação de que «nem sequer tinha ouvido rumores» a esse respeito.

As fontes citadas pelo jornal referiram ainda que a CIA está a «distribuir muito dinheiro» em El Salvador e que os aviões C-47 que efectuam os voos de abastecimento dos anti-sandinistas pertencem à força aérea salvadorenha e foram financiados com a ajuda militar norte-americana.

Inicialmente, as tripulações dos aparelhos eram compostas por civis norte-americanos mas, nos últimos meses, pas-

Seis execuções no Tibete

Seis pessoas foram executadas na última sexta-feira em Lhassa, por actividades criminosas, soube-se em Pequim de fonte segura.

As mesmas fontes acrescentam no entanto que não há qualquer elemento que permita identificar os condenados como sendo dissidentes tibetanos hostis ao domínio da China sobre o Tibete, um antigo reino teocrático himalaio que se tornou uma região autónoma chinesa.

Segundo informações procedentes de Nova Deli, cinco tibetanos opostos à administração chinesa no Tibete deviam ser executados ontem em Lhassa.

De fonte segura afirma-se que não há conhecimento da execução de dissidentes, mas apenas de seis pessoas condenadas por assassínio, violação e roubo.

Os seis condenados à morte foram executados após terem sido mostrados à população de Lhassa num camião que circulou sexta-feira pelas ruas da cidade, no qual seguiam outros 20 criminosos, entre os quais havia tibetanos e chineses.

A apresentação ao público das pessoas que vão ser executadas é uma manifestação destinada a sublinhar o carácter exemplar das condenações e foi utilizada numerosas vezes na China durante as últimas semanas no quadro de uma vaga maciça de execuções, cujo objectivo é a luta contra a criminalidade.

A amplitude das actividades antichinesas no Tibete é praticamente impossível de estabelecer, mas um grupo de jornalistas ocidentais regressado de Pequim — que visitou Lhassa em Agosto passado — ficou espantado com a veneração de que aí continua a ser alvo o Dalai Lama, chefe espiritual dos tibetanos que fugiu para a Índia depois do malogro de uma rebelião antichinesa, em 1959.

Segundo o "New York Times"

...via fornecimentos para a Nicarágua ...tir da base salvadorenha de Ilpango

...e a Primavera passada a base ...os arredores da capital salva... ...fornecimentos aos anti-san..., noticiou ontem o jornal «New ...iões que saem de Ilopango ..., equipamentos de comunica... ...a os grupos de oposição ao ...os quais recentemente inten...aque

saram a integrá-las também pilotos salvadorenhos.

As fontes do «New York Times» negaram rumores segundo os quais o grupo de oposição a Manágua liderado por Eden Pastora utilizara a base de Ilopango para lançar ataques aéreos contra o aeroporto de Manágua, o mês passado.

Até agora apenas havia conhecimento de que a CIA treinara e fornecera armas aos an-tisandinistas estacionados nas Honduras.

No total, cerca de 8.000 rebeldes operam na Nicarágua contra o Governo a partir de bases nas Honduras e Costa Rica.

Ataque a torres eléctricas

Forças anti-sandinistas destruiram ontem, com explosivos, duas torres eléctricas afectando o fornecimento de electricidade à Nicarágua, Honduras e Costa Rica, afirmou ontem em Manágua o coordenador da junta de governo, Daniel Ortega.

As duas torres, situadas nas proximidades do posto fronteiriço de Peças Blancas, formavam parte da interconexão de energia com as Honduras e Costa Rica. Em meados da semana anterior, aquele posto fronteiriço foi semidestruído pelas forças comandadas por Eden Pastora.

Daniel Ortega, nas declarações que prestou à chegada, proveniente de Nova Iorque, onde assistiu à 38.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, considerou que a sabotagem das duas torres é uma acção terrorista que afecta os povos das Honduras, Costa Rica e Nicarágua. O coordenador da junta nicaraguense qualificou as forças que combatem o Governo sandinista na costa atlântica, a 25 quilómetros de Puerto Cabezas, e as que ontem destruiram as duas torres eléctricas de forças enviadas pela administração norte-americana.

O dirigente sandinista referiu-se à reunião na Guatemala dos altos chefes militares deste país, El Salvador e Honduras, à qual assistiram o chefe da Guarda Nacional do Panamá e o chefe do comando sul do exército dos Estados Unidos, considerando-a «uma acção (dos Estados Unidos) contra os esforços de paz que a Nicarágua desenvolve em várias instâncias, especialmente no Grupo Contadora».

«As pressões militares norte-americanas são o maior obstáculo à realização de negociações para a procura de soluções para os problemas da América Central» – sublinhou Daniel Ortega.

Em relação à ameaça do líder anti-sandinista Eduardo Chamorro de que estas forças destruirão os barcos que transportam petróleo mexicano para a Nicarágua, o coordenador da junta governativa de Manágua afirmou que o seu país vai escoltar os petroleiros logo que eles entrem nas suas águas territoriais.

«Somos nós, os nicaraguanos, que vamos enfrentar qualquer escalada militar que os Estados Unidos desenvolvam contra a revolução sandinista» – disse Ortega, que considerou a ameaça de Chamorro «como parte da estratégia de terror da administração americana» que acaba de aprovar um financiamento de 19 milhões de dólares aos anti-sandinistas.

Relatório Kissinger

As conclusões do relatório da comissão de estudos acerca da América Central presidida por Henry Kissinger serão divulgadas mais cedo do que se previu a fim de evitar a sua utilização «com fins políticos» declarou o antigo secretário de Estado.

Kissinger, que participava em Bal Harbour, num encontro organizado pela central sindical AFL CIO a que assistia também o presidente da Costa Rica, Alberto Monge Alvarez do referiu que o documento devia ser divulgado inicialmente em Fevereiro mas que ficara concluído antes do congresso retomar os seus trabalhos no começo de Janeiro e antes das eleições primárias.

Assim, disse, «não faremos parte do processo político». Por outro lado, Kissinger indicou que os membros da comissão que vão iniciar uma digressãm pela América Central em 9 do corrente, ainda não chegaram a conclusões a respeito da situação na região.

Contudo, declarou, estamos profundamente convencidos de que a solução dos problemas da América Central passa por reformas e pela democracia, a participação popular e os progressos económicos, «mas, acrescentou, devemos evitar dar a impressão que todos os problemas de segurança podem ser resolvidos mediante soluções económicas».

Grã-Bretanha

Kinnock é o novo líder do "Labour"

O Partido Trabalhista britânico elegeu ontem para o chefiar, no seu Congresso em Brighton (Sul de Inglaterra), Neil Kinnock, de 41 anos, deputado galês de centro-esquerda.

Kinnock venceu facilmente com 71,2 por cento dos votos, à frente de Roy Hattersley (centro-direita – 19,2 por cento), Heric Heffer (esquerda «radical» – 6,3) e Peter Shore (moderado, antieuropeu – 3,1).

Kinnock é o primeiro líder na história do Partido Trabalhista a ser eleito não apenas pelos deputados do «Labour» mas por um colégio eleitoral constituído por 40 por cento de representantes dos sindicatos, 30 por cento de representantes do grupo parlamentar e 30 por cento das secções locais do partido. Esta reforma tinha sido imposta pela esquerda trabalhista em 1981.

Nas três componentes do colégio eleitoral, Kinnock obteve uma muito franca maioria face a Hattersley. Mas este deverá ser eleito líder adjunto do partido, tendo recebido no domingo o apoio do sindicato mais importante do país, o dos Transportes, a acrescentar ao do Sindicato dos Mineiros, que havia já garantido no sábado.

Hattersley, de 50 anos, várias vezes ministro, deverá bater facilmente Michael Meacher, de 43 anos, membro da esquerda, próximo do antigo deputado Tonny Benn, bem como os outros dois candidatos.

Kinnock, logo que eleito, afirmou a sua intenção de «conduzir sob a sua direcção o seu partido ao Governo». Declarou-se seguro de que o conseguirá, depois de receber uma calorosa recepção da assistência.

A equipa Kinnock- Hattesrley constitui «o tandém ideal» com que sonhava a grande maioria do movimento sindical britânico. Fundador do «Labour» e seu principal accionista, Kinnock e Hattersley, embora em desacordo quanto a numerosos pontos, nomeadamente em matéria de defesa, declararam-se ambos dispostos a trabalhar em conjunto.

Antes da eleição de Kinnock, o presidente do partido, Sam McClusckie, abriu o Congresso convidando o partido a unir-se: «Perdemos a eleição por causa da nossa falta de unidade, por causa de quatro anos de lutas internas».

Mas McCluskie considerou que o programa do «Labour» nas últimas eleições não deveria ser modificado. Esse programa, lembramos, previa a saída da Grá-Bretanha da CEE, o desmantelamento unilateral da força nuclear do país e o encerramento das bases nucleares na Grã-Bretanha.

Direita francesa acumula vitórias

A oposição alcançou domingo outro êxito eleitoral ao ganhar a eleição municipal parcial de Sarcelles, arrabalde nordeste de Paris.

A lista única da oposição, encabeçada por Raymond Lamontagne (Dive versos da direita) obteve com efeito, 53,9 por cento dos sufrágios expressos, contra 46,1 para a lista de União da Esquerda (comunista e socialista) que tinha à sua frente o presidente cessante do município Henri Canacos (PC) que dirigia há dezoito anos esta aglomeração com mais de 50 mil habitantes.

Sarcelles precisou de três voltas de escrutínio para desempatar as duas listas em competição. Com efeito, a eleição de Canacos em Março passado fora invalidada por «irregularidades» tendo a sua lista reunido apenas mais 46 votos que a de Lamontagne.

Segundo a Imprensa britânica e alemã

Mísseis americanos estão a chegar à Grã-Bretanha e RFA

Alguns dos 160 mísseis de Cruzeiro que devem ser implantados no solo britânico no caso de não se chegar a acordo nas negociações de Genebra já chegaram à Grã-Bretanha, afirma o «Sunday Telegraph», na sua edição de ontem.

Os mísseis, com as suas ogivas nucleares e equipamentos auxiliares, são expedidos, de noite, por avião, para a Base Militar de Greenham Common (cerca de 100 km a Ocidente de Londres), precisa o jornal conservador, que cita fontes seguras em Washington.

O Ministério britânico da Defesa desmentiu esta informação, reconhecendo porém, que estavam a ser enviados equipamentos auxiliares do «Cruise» para a Grã-Bretanha.

O «Sunday Telegraph» acrescenta que as operações de encaminhamento são mantidas em segredo para se evitarem manifestações pacifistas e que devem estar estacionados no país 20 mísseis dentro de algumas semanas.

Ainda por receio da realização de manifestações, o Exército americano abandonou o projecto de efectuar manobras fora da base com os camiões que transportam os mísseis não-portadores de cargas nucleares, afirma por último o jornal.

Por outro lado, segundo revelou a revista Oeste-alemã «Der Spiegel», aviões militares americanos já levaram para a RFA componentes dos «Pershing II», para que estes mísseis possam ser implantados na data prevista (a 15 de Dezembro) se as negociações de Genebra continuarem bloqueadas.

Em Bona, o Ministério da Defesa desmentiu esta informação. «Não há ou não haverá qualquer míssil ou parte de míssil na Alemanha antes do debate sobre a Segurança no Parlamento», precisou um porta-voz.

O «Spiegel» afirma ainda que o presidente da oposição social-democrata, o anigo chanceler Willy Brandt, recebeu em Setembro uma carta de Yuri Andropov, na qual os soviéticos se declaravam implicitamente prontos para reduzir o número dos seus mísseis «SS-20» instalados na parte europeia. Equipados com três ogivas cada um, estes engenhos equilibrariam assim o número de ogivas francesas e britânicas.

SPD contra euromísseis

A Federação Regional do Partido Social-Democrata (SPD) da Renânia-Palatinato pronunciou-se, sábado, por unanimidade, contra a instalação de euromísseis na RFA em caso de malogro das negociações euroestratégicas de Genebra.

Numa resolução final, os 140 representantes do SPD reunidos em Congresso pediram aos Estados Unidos que suspendam os preparativos da instalação dos mísseis «Pershing II» e dos mísseis «Cruise» prevista ainda para este ano.

A União Soviética, indica ainda a resolução, deve parar com a produção dos mísseis SS-20 e cumprir a sua promessa de reduzir as existentes ao nível das foras de dissuasão britânicas e francesas, ou seja, 162 mísseis.

A Federação Regional defendeu por outro lado a inclusão das forças de dissuasão francesas e britânicas nas negociações de Genebra.

A 10 de Setembro último, a Federação social-democrata do Land do Bade-Wuertemberg, onde devem ser instalados a maior parter dos 108 «Pershing II» na RFA, tinha-se pronunciado já contra a instalação dos euromísseis.

Sete Federações do SPD, das onze que conta a RFA, pronunciaram-se já contra tal instalação.

Depois do cessar-fogo

O Líbano na hora das dificuldades políticas

Ao mesmo tempo que se regista um sensível melhoramento da situação no terreno no Líbano durante este fim-de-semana, há importantes dificuldades políticas cuja persistência poderá ameaçar o acordo de cessar-fogo estabelecido no dia 25 de Setembro.

Assim, paralelamente às medidas concretas decididas pelos beligerantes para a consolidação da trégua, ainda não foram resolvidos os problemas da escolha dos observadores neutros e do local onde se realizará o congresso nacional de reconciliação previsto pelo acordo.

Além disso, o chefe do Partido Socialista Progressista (PSP), Walid Jumblatt, anunciou a criação de uma administração civil na região do Chuf (sudeste de Beirute), que suscitou grandes preocupações nos meios oficiais sobre os riscos de divisão do país.

Segundo Jumblatt, tal administração civil deverá encarrgar-se, nas «circunstâncias excepcionais» dos assuntos dos cidadãos devendo transformar-se em tempo de paz num «grupo de pressão».

Por outro lado, relativamente ao problema da constituição do corpo de observadores neutros encarregados de vigiar a trégua, indicou-se ontem, segundo meios próximos de Jumblatt em Beirute, que o veto oposto pela Síria e pelo PSP ao envio de observadores da ONU poderá ser contornado. Os observadores seriam enviados pelas Nações Unidas, mas dependeriam do comité quadripartido de ligação, encarregado dos problemas de segurança, que agrupa representantes do exército libanês e das milícias drusas cristã e chiita.

Espanha

Ultradireita prepara "terrorismo negro"

MADRID – (Por Fernando Jauregui, correspondente do «DL») – O Governo espanhol vai recolocar, em breve, de maneira drástica, a sua posição face à entrada no Mercado Comum Europeu, segundo soube o «Diário de Lisboa» em fontes seguras da capital espanhola. Meios governamentais sugeriram, inclusivamente, de forma discreta, a alguns conselheiros europeus, a possibilidade de a Espanha rever o seu pedido de adesão à CEE, do que resulta já praticamente impossível essa adesão em 1984 e, muito difícil, mesmo, em 1985.

Os problemas internos da Comunidade Europeia (especialmente quanto ao orçamento e à política agrícola e de pescas) parecem ter convencido os principais responsáveis espanhóis de que qualquer aproximação neste momento ao Mercado Comum não passaria das boas palavras. Por isso mesmo, o secretário de Estado para as Relações com a CEE, Manuel Marion, pronunciou neste fim-de-semana as palavras mais duras e pessimistas que nos recordamos de ter ouvido da boca de uma autoridade oficial espanhola, deixando entender que a Espanha pode rever toda a negociação comunitária (que dura há sete anos) e terá que «partir do zero».

Este será, indicaram as fontes do «DL», um dos temas principais das negociações na cimeira hispano-portuguesa prevista para Lisboa no próximo mês de Novembro. O Governo espanhol não renunciou a empreender «uma negociação em paralelo» com Portugal e a CEE, relacionando de alguma maneira ambos os processos de adesão ao que Lisboa tem vindo a opor-se tradicionalmente.

Claro que a cimeira hispano-portuguesa terá muitos outros temas na agenda, desde o «abrandamento» do imposto de fronteiras relativamente à sua formulação inicial, um tema que continua a preocupar e muito os comerciantes fronteiriços espanhóis.

Segundo se informa hoje no diário «El País», as relações económicas bilaterais continuam praticamente congeladas e a renovação diplomática (pelo menos no que respeita ao embaixador espanhol em Lisboa) continua indecisa e o esperado relançamento das relações bilaterais, prometido por Felipe Gonzalez em todos os seus discursos programáticos nunca mais chega. Fontes diplomáticas espanholas asseguram que a necessidade deste relançamento «agora que Portugal conta com um Governo estável independentemente de que, ainda por cima, se trata de um Governo amigo» constitui uma das principais obsessões do titular dos Negódios Estrangeiros, Fernando Moran.

Ex-dirigente dos "Tupamaros" ao "DL"

"O povo do Uruguai está contra a ditadura"

O Uruguai vive desde há dez anos sob um regime de excepção. Justificado pelo ex-Presidente Juan Maria Bordaberry como necessário para resolver a crise em que o país vivia, uma década depois todos os índices revelam uma degradação progressiva da situação. Em 25 de Setembro, a amplitude de uma jornada de protesto surpreendeu a própria oposição. Prova de que, como disse ao «DL» um ex-dirigente dos «Tupamaros», *«o povo está contra a ditadura»*.

Longe da sua terra, com os cuidados e dificuldades que o exílio sempre impõe, André Martin Carvajal vê, com os olhos de uma experiência feita de 36 anos de actividade política, frutificarem os protestos. O 1.º de Maio de 1983 e a jornada de 25 de Setembro são marcos de um processo de reivindicação política, que só se esgotará quando a ditadura militar for derrubada.

Tradição democrática e progressista

«No contexto da América Latina, o Uruguai é um país que nunca teve os problemas dos outros países vizinhos: um país sem índios, que tinha bons índices de desenvolvimento», relembra Martin Carvajal. *«O PIB era elevado e dava um rendimento «per capita», até 1973/74 de 560 dólares, o que de acordo com os indicativos capitalistas significa que se tratava de um país desenvolvido»*

«Políticamente», sublinha, *«era um país que tinha uma democracia avançada, o que levou Che Guevara a afirmar em 1964 que o Uruguai era o país de democracia burguesa mais avançado do mundo. E, era também um país com uma consciência operária e política extremamente avançada»*.

Aliás, a história do movimento sindical uruquaio confirma o profundo enraizamento que as estruturas de representação democrática tinham no país. O primeiro sindicato a constituir-se foi o dos tipógrafos, a elite operária em 1875, cinco anos depois de ter começado a funcionar como sociedade mutualista sob a designação de *«Sociedade Tipográfica de Montevideo»*.

As primeiras greves datam de 1880 na mina de ouro de Cuñapirú. O grupo político que então dominava o movimento sindical era o *anarquista*, que se desenvolvia fundamentalmente nos meios artesanais e pequena indústria, e que representava a corrente dominante do movimento operário de onde provinham os seus trabalhadores: Espanha e Itália.

No campo político, devido à penetração dos ideais capitalistas no seio da classe dirigente, o Uruguai do princípio do século é reformista e liberal. Nesse percurso, de perto de trinta anos, distingue-se a figura e a acção do Presidente José Batlle y Ordonez, adepto de uma política de conciliação social, pela adopção de reformas.

A marcha política do Uruguai foi, no entanto, marcada pela própria evolução da situação mundial. Espelho disso é a *«passagem»* do país dos interesses britânicos para a esfera de influência americana, na sequência de Segunda Guerra Mundial.

Uma marcha lenta mas segura...

A actual situação política no Uruguai não corresponde, assim, a profundos condicionalismos históricos internos, como ocorre no sul do continente americano. Resulta antes de uma estreita ligação ao capitalismo internacional, que tem na organização dos mercados do pós-guerra a sua razão fundamental.

«A crise económica que atingiu os países de economia capitalista dependente está no auge em 1965. As estruturas políticas vão-se degradando progressivamente. As forças armadas, por exemplo, começam a falar do inimigo interno como o mais importante».

A evolução das forças armadas uruguaias, o único exército na América Latina onde há profissionais, merece a atenção de Martin Carvajal. *«A partir de 1955 a estrutura das forças armadas começa a mudar. Data dessa altura a ida para o Panamá e para os EUA de quadros militares uruguaios. Isso tem um significado importantíssimo»*, sustenta Carvajal: *«é uma prova de que o Imperialismo prevê à distância; a esquerda não»*.

«Por outro lado», prossegue, *«em 1962 as forças armadas participam numa operação de saúde pública, o que aparentemente é inóquo, mas que lhes permitiu ir casa por casa...»*

Em 27 de Junho de 1983, o Presidente Bordaberry, de acordo com os altos comandos das forças armadas uruguaias, realizava um *«golpe constitucional»*, dissolvendo, por decreto, o Parlamento eleito. Era o fim lógico de uma intervenção, lenta mas segura, que a sociedade castrense vinha ensaiando no país.

Seguiu-se-lhe o cortejo de arbitrariedades e o incremento da repressão política. *«Em cada 50 pessoas, há um preso, morto ou exilado»*. Esta é a síntese estatística de 10 anos de regime de excepção. *«Contando com os tupamaros e com outras organizações de guerrilha e oposicionistas, os presos devem rondar os 6.000. Cerca de trinta por cento dos uruguaios estão fora do país. E, quando saem das prisões já têm outros processos e encontram-se em muito mau estado»*.

A receita e o desastre económico

Em mau estado encontra-se também a economia uruguaia. O modelo económico seguido desde 1973, à semelhança do que ocorre noutros países da América Latina, é o de Milton Friedman. Os resultados são igualmente desastrosos.

«A economia uruguaia está práticamente destruída. Entre 30 a 40 por cento das fábricas têxteis e metalúrgicas estão fechadas, multiplicam-se as falências dos pequenos e médios comerciantes-mais de 50 por cento em 10 anos —, a perda do poder de compra cifra-se em 50 por cento, e o desemprego atinge entre 25 e 35 por cento da população activa». Os números apontados por Carvajal são a expressão final do enfeudamento das potencialidades uruguaias ao Imperialismo.

E tudo isto, num país em tempos designado como a *«Suiça da América Latina»*, onde a principal riqueza está nos recursos pastorícios. Um parque de gado de dez milhões de vacas e vinte e cinco milhões de ovelhas, distribuídos por apenas 187 mil Km2, e um desenvolvimento industrial agora arruinado pela concorrência do *«open market»*, nos têxteis, metalurgia e plásticos.

Hoje, um país que no principio do século se industrializava, não passa de um amontuado de fábricas falidas. A própria ditadura tem consciência do agravamento da situação e tenta captar para o seu *«barco»* os sectores conservadores da oposição. Os militares estendem a mão à burguesia nacional dos partidos *«Colorado»* e *«Blanco»*.

Legalizar a estrutura da ditadura

«Esta aproximação consistiu na apresentação de uma nova Constituição que reconhecia juridicamente toda a estrutura criada pela ditadura: reprivatizações, segundo o modelo económico de Friedman, a existência, a nível político, de uma Câmara Parlamentar nomeada pelos militares, com eleições e cadernos eleitorais só feitos por eles e a legalização de alguns partidos políticos».

No entanto, este pacto proposto pelos generais esbarrou com o *«não»* de 85 por cento dos uruguaios nas eleições de Novembro de 1980.

«Como perderam esta proposta – apenas receberam 10 por cento de votos favoráveis –, tiveram que tentar pactuar, noutros termos, com alguns sectores da oposição burguesa».

«Economicamente», prossegue Carvajal, *«esse acordo visa manter o «status», embora esteja previsto estatizar algumas empresas que foram reprivatizadas. Politicamente, a palavra de ordem é a necessidade de abrir um parlamento, parlamento fantoche, com a exclusão da esquerda»*.

Esta exclusão tanto se pode fazer pela interdição dos partidos de esquerda, prevista pelos militares, como pela própria fraude nos cadernos eleitorais, onde estão riscados 20 mil nomes.

«Este contexto», sublinha Carvajal com um certo ar irónico, *«nem sequer leva a uma democracia burguesa»*.

Revolução ou reforma

Independentemente dos caminhos que serão seguidos, para a oposição é claro que a situação de fraqueza do regime que o levou à ditadura, é a mesma que agora pretende *«abrir»* reformas.

«Há uma participação da generalidade do povo que se exprimiu contra a ditadura como sucedeu no 1º de Maio de 1983, quando 150.000 pessoas responderam a uma convocatória clandestina. Cento e cinquenta mil pessoas, num país de dois milhões e quatrocentos mil habitantes. «Além disso, tem havido greves parciais e regista-se uma actividade nos bairros. A ditadura criou uma estrutura de denunciadores ao nível dos bairros. Tem havido atentados contra essa gente.»

«Pessoalmente», finaliza Carvajal, *«aposto numa saída revolucionária, embora não haja neste momento possibilidades de luta armada, mas sim de propaganda armada — assaltos a bancos, cortes de estradas, luz eléctrica e morte de traidores e «bufos». Mas pode suceder, como aconteceu no Brasil: uma saída precária democrático-burguesa que facilite a luta»*.

Uruguai: dez anos depois da implantação da ditadura, a reforma parece ganhar terreno. A Revolução, para homens como Martin Carvajal, continua a ser a meta.

Nuno Ribeiro

Com a atribuição do prémio da Paz

"Estação" dos Nobel começa a 5 de Outubro

A «estação» dos Prémios Nobel começará este ano em 5 de Outubro, em Oslo, com a atribuição do Prémio Nobel da Paz, destinado a recompensar «aquele que tiver agido mais ou melhor para a irmanação dos povos, a abolição ou a redução dos exércitos permanentes, bem como para a formação e difusão de congressos para a paz».

Dotado este ano com milhão e meio de coroas suecas (187 500 dólares, cerca de 24 mil contos) o Nobel da Paz é atribuído por um comité de cinco membros designados pelo Parlamento norueguês. Esse comité terá de escolher um, dois, ou, no máximo, três nomes da lista de 79 candidatos, pessoas ou associações.

Mais uma vez, Lech Walesa, ex-presidente do proibido «Solidariedade» e monsenhor Desmond Tutu, bispo anglicano da África do Sul e feroz adversário do sistema de «apartheid» figuram entre os possíveis laureados.

Alfred Nobel (1833-1896) era um químico e homem de negócios sueco descrito pelos seus biógrafos como brilhante e muito culto, mas também taciturno e inclinado para o misantropismo.

A sua invenção da dinamite, que permitiu entre outras realizações o túnel de Saint-Gothard, o canal do Panamá e o de Corinto, colocou-o rapidamente à frente de um império industrial multinacional e de uma colossal fortuna.

Lech Walesa é novamente candidato ao Nobel da Paz

Dotado de um sentido moral fora do comum, Alfred Nobel recusava transmitir a sua fortuna por herança, para, dizia ele, «não estimular a tendência para o ócio nos herdeiros».

O seu testamento estipulava, portanto, que a sua fortuna, avaliada então em 31 milhões de coroas suecas, ou seja, 20 milhões de dólares actuais, deveria ser investida, e os juros do capital deveriam ser distribuídos todos os anos sob a forma de prémios àqueles que no ano precedente tenham dado os maiores benefícios à Humanidade», nos domínios da Física, da Química, da Fisiologia ou da Medicina, da Literatura e da Paz.

Criada em 1900, a Fundação Nobel é independente, isenta de qualquer pressão do Governo sueco, mas o seu carácter oficial é simbolizado pela presença do rei da Suécia ne entrega dos prémios, em 10 de Dezembro, dia do aniversário da morte de Alfred Nobel.

Três instituições suecas atribuem os quatro prémios de Física, Química, Fisiologia ou da Medicina, da Literatura, ao passo que o da Paz é atribuído por um «Comité Nobel Norueguês» composto por cinto membros designados pelo Parlamento de Oslo.

Todos os anos, os comités, agregados respectivamente à Academia Real das Ciências (Física e Química) ao Karlolinska Institutet (Fisiologia ou Medicina), à Academia Sueca (Literatura) e o «Comité Nobel Norueguês», convidam pessoalmente centenas de homens de ciência, universitários, membros de academias do Mundo inteiro e antigos laureados a propor candidatos aos Prémios Nobel do ano.

Além do Prémio Nobel da Paz, atribuído em 5 de Outubro, os nomes dos outros laureados serão anunciados em 10 de Outubro (Medicina ou Fisiologia), 17 de Outubro (Economia – criado em 1968 pelo Banco Real da Suécia), 19 de Outubro (Física e Química). Por último, o Nobel da Literatura será atribuído em 20 ou 27 de Outubro.

Bem vindo Presidente

Continuação da pág. 3

mensão económica. A firme amizade portuguesa dá força moral e política a Moçambique. Por isso, juntos constituíremos uma grande comunidade; oxalá assim se mantenha, e prospere, a actual vontade política.

O contacto dos portugueses com Moçambique foi uma consequência da navegação marítima para a Índia e para o Oriente, no qual labutaram por extensos séculos os nossos antepassados. Daí advieram não só um conhecimento mútuo mas uma entreajuda comum que desembocou, infelizmente, numa exploração colonialista da terra e das riquezas moçambicanas e por fim em razias e em guerras. Mas também conduziu a um muito interessante espírito ecuménico e cosmopolita do povo moçambicano, com algumas expressões notabilíssimas, de que só citaremos três exemplos: as ilhas de Ibo e Moçambique e a cidade de Maputo. São obras dos dois povos nas quais os outros povos também vieram colaborar. Com a ajuda de Moçambique, nós somos mais que os «peninsulares» de um «istmo» nos Pirenéus! Com a ajuda de Portugal, vós moçambicanos sois mais que um país africano isolado na África Austral.

Também a gesta da penetração continental e das travessias da África «de Angola à contracosta», que no século passado deixou para a História nomes imorredouros e para a Geografia humana lugares que já não desaparecem, marca uma interpenetração de esforços gloriosos dos nossos dois povos que nenhuma diferença étnica, nem ideológica, nem nenhum percalço de relações poderá alienar. Aí, no fim do Zambeze, onde são largas as tradições dessas travessias e numerosos os marcos de fixação humana das duas raças, está implantado um dos mais poderosos aproveitamentos energéticos do mundo: a barragem e a primeira central hidroeléctrica de Cabora-Bassa, que ainda pode aumentar. Essa obra gigantesca muito pode contribuir para industrializar Moçambique, muito pode fazer para tornar esse ponto a «placa giratória» dos transportes marítimo-fluviais de quase todo o sul do continente africano!

No Limpopo (vale que o 3.º Congresso da FRELIMO declarou «o celeiro de Moçambique») está um dos mais esperançosos polos de produção de alimentos do Mundo, através da rega de um maravilhoso vale, de fértil e grande que ele é. Com mais uma barragem, também grande, é certo, e mais umas centenas de quilómetros de canais, podem atingir-se nesse vale, e noutros das suas redondezas, cerca de um milhão de hectares regados. E o princípio dessa obra já lá está. Foi o melhor plano hidro-agrícola dos portugueses. E eles sabem regar; não se esqueça que eles transportaram, no passado, esse saber e o direito consuetudinário das águas no Mondego e não só, para zonas bem distantes noutros continentes; no Brasil, na Índia. E por que não no futuro para muitos mais lugares de Moçambique? No Chipre, na Mueda, na Angónia, no Licungo, no Sabe, no Incomati, etc. há tanta terra escura com muita água perto! Há lá tanto vale para regar em hortas que, de tão boas«até apetece comer!» Moçambique, de terras pujantes, tu podes alimentar uma boa parte da humanidade! Nós podemos participar... Isso é esperança comum.

Obrigado presidente Samora Moisés Machel pela sua honrosa visita. Benvindo seja!

DESPORTO

Nacional de futebol

Porto invicto em toda a linha

Aí está: o FC Porto isolou-se no comando da classificação do campeonato de futebol da 1.ª Divisão, beneficiando do empate imposto pelo Braga ao Benfica (1-1) na 5.ª jornada. Os portistas, que venceram o Guimarães (por 2-0) são agora os únicos a contar por vitórias os jogos disputados.

Para além do Benfica ter perdido o primeiro ponto neste campeonato, a 5.ª ronda apresentou outros factos novos: o Águeda marcou o seu primeiro golo na divisão maior (à qual ascendeu esta época) e o Guimarães sofreu os primeiros golos na prova. César cometeu a proeza de marcar o primeiro golo do Águeda, no encontro com o Farense que terminou empatado (1-1, tento algarvio marcado por Gil). Walsh e Jaime Pacheco marcaram os primeiros golos na baliza do Vitória de Guimarães, fazendo com que a sua equipa (o FC Porto) seja agora a única que não sofreu ainda golos.

O Benfica teve que suar muito para conseguir sair de Braga sem derrota, já que os bracarenses marcaram primeiro (aos 25 minutos, por Jorge Gomes) e a eles pertenceram as maiores oportunidades para dilatar o marcador ainda na primeira parte. No segundo tempo tudo piorou para o Benfica quando Carlos Manuel decidiu discutir uma decisão da arbitragem e viu o cartão vermelho. No entanto (aos 78 minutos) Filipovic marcou o tento do empate, começando a tornar-se curiosa esta tendência do Benfica para marcar golos nos últimos minutos.

O Rio Ave não conseguiu melhor, no seu terreno, que empatar a um golo com o Varzim, que cometeu a proeza de se instalar no meio-campo vila-condense desde o apito inicial do árbitro. Os varzinistas desperdiçaram várias oportunidades de golo, ainda no período inicial, e tiveram que suportar, nos minutos finais da partida, o natural assédio do Rio Ave, à sua baliza. Golos por N'Habola e Folha.

Nos jogos disputados no sábado a surpresa veio de Setúbal onde a equipa local foi derrotada pelo Boavista, por 0-1, naquela que constituiu a primeira vitória dos nortenhos neste campeonato. Um remate do boavisteiro Coelho fez o resultado.

O Portimonense recebeu e venceu o Salgueiros por 1-0, vitória cuja dificuldade está bem patente no facto de o golo do êxito ter sido obtido pelo belga Serge Codorin, aos 84 minutos.

O Estoril derrotou o Penafiel (1-0, golo de Garcês, aos 22 minutos) naquela que constituiu a primeira vitória da equipa no actual campeonato.

Difícil foi também o sucesso do Sporting, por 2-0, frente ao Espinho, no Estádio de Alvalade: os «leões» marcaram o primeiro golo cedo (aos 9 minutos, por Lito) mas, o tento da tranquilidade surgiu apenas aos 87 minutos, por Gabriel, na transformação de uma grande penalidade.

Desfechos: Braga - Benfica, 1-1 (1-0 ao intervalo); FC Porto -Guimarães, 2-0 (1-0); Águeda -Farense, 1-1 (0-1); Estoril - Penafiel, 1-0 (1-0); Rio Ave - Varzim, 1-1 (1-1); Setúbal - Boavista, 0-1 (0-0); Portimonense -Salgueiros, 1-0 (0-0)- Sporting -Espinho, 2-0 (1-0).

Classificação

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	5	5	0	0	10- 0	10
Sporting	5	4	1	0	12- 4	9
Benfica	5	4	1	0	11- 4	9
Guimarães	5	3	1	1	7- 2	7
Portimonense	5	3	1	1	8- 5	7
Farense	5	2	2	1	8- 6	6
Braga	5	2	2	1	5- 3	6
Rio Ave	5	2	2	1	4- 3	6
Boavista	5	1	2	2	6- 7	4
Setúbal	5	1	1	3	9- 7	3
Salgueiros	5	1	1	3	2- 7	3
Estoril	5	1	1	3	3- 8	3
Penafiel	5	1	0	4	2-12	2
Varzim	5	0	2	3	2- 7	2
Águeda	5	0	2	3	1- 7	2
Espinho	5	0	1	4	1- 9	1

Marcadores

José Rafael (Farense) continua à frente da lista dos marcadores (com 5 golos) após a 5.ª jornada do campeonato da 1.ª Divisão. Depois: Eldon (Guimarães) Manuel Fernandes (Sporting) e Walsh (FC Porto) 4.; 5.ºs Filipovic (Benfica) Gil (Farense) Jorge Silva (Boavista) e Codrin (Portimonense). 3.

TOTOBOLA a chave

Braga-Benfica	x
FC Porto-Guimarães	1
Águeda-Farense	x
estoril-Penafiel	1
Rio Ave-Varzim	x
Setúbal-Boavista	2
Portimonense-Salgueiros	1
Paços de Ferreira-Sanjoanense	2
União de Leiria-Alcobaça	x
Académico-Beira-Mar	1
Odivelas-Nacional	x
Olhanense-Amora	1
Amadora-Lusitano	x

O valor de cada prémio deste concurso é de 21 605 756 escudos.

Os Serviços do Totobola prevêem a existência de 50 a 60 apostas com 13 resultados certos no concurso número 37. Com 12 resultados certos prevêem-se de 1.300 a 1.600 apostas.

TOTOBOLA jogue connosco

Benfica-Porto	1
Guimarães-Sporting	x
Farense-Braga	1
Penafiel-Águeda	1
Varzim-Estoril	1
Boavista-Rio Ave	1
Salgueiros-Setúbal	1
Espinho-Portimonense	x
A. Viseu-Leixões	2
Sanjoanense-Chaves	1
Naval-Académico	2
Barreirense-Belenenses	x
Lusitano-Marítimo	x

Divisão 2

Triunvirato afasta-se

Rodou-se a 3.ª jornada do nacional de futebol da 2.ª divisão que deixou para a história os seguintes nomes e números:

Zona Norte: Feirense - Vizela, 0-0; Tirsense - Fafe, 2-0; Leixões - Famalicão, 2-0; S. Martinho - Ac. Viseu, 3-0; Riopele - Lixa, 5-0; Gil Vicente - Valonguense, 0-0; Chaves - Valdevez, 4-0; Paços de Ferreira - Sanjoanense, 0-7. Classificação: 1.º Leixões, 6 pontos- 2.º Riopele e Chaves, 5; 4.ºs Valonguense, Tirsense, Sanjoanense e S. Martinho, 4; 8.ºs Vizela, Feirense e Gil Vicente, 3; 11.ºs P. Ferreira e Ac. Viseu, 2; 13.º Fafe, Lixa e Famalicão, 1; 16.º Valdevez, 0.

Zona Cntro: União de Tomar -Naval, 0-0; Guarda - Covilhã, 0-0; Rio Maior - Peniche, 1-1;

Continua na pág. 17

Boavista: caminho fechado até Borota

Setúbal: um esforço de Mota

Setúbal, 0-Boavista, 1

Xeque mate no Bonfim

● **Meu caro Valentim Loureiro:**

Você é um tipo de sorte doida. É capaz de um dia apostar em cavalos coxos e ganhar o páreo. No Bonfim, viu como as coisas aconteceram: Setúbal carregando como uma prensa e o seu xadrez escapulindo-se mercê de cantos em série, daquele catimbar de bola que enerva e quebra os parceiros de outra tesouraria. Bem sei que não estavam lá Reinaldo e Palhares, tampouco se sabe (correctamente) o que acontece com o bom do Alberto, que seria uma pena prolongar o pobre Araújo que anda hoje (ainda) lá pela Luz, de Herodes para Pilatos, talvez à espera de lugar junto de Augusto Silva ou festinha como Vítor Martins, os azares da vida, os percalços do bisturi, isso de veias e nervos de que não entendo patavina, só sei que há muito boa gente aos berros e que, se o Alves mais o Pietra não tivessem corrido para a Jugoslávia, se o Humberto Coelho não voasse como águia até à Alemanha Federal, aquilo, lá por certa banda, poderia ser uma sucursal do Alcoitão.

Adiante. Digo-lhe, Valentim Loureiro, assim de amigo para amigo (que nunca me perfilei justinho nem para governador da Índia) que o Boavista teve uma sorte danada, naquele tempo de abertura em que Carlinhos e Coelho ficaram a ver. Depois do período de domínio repartido, deixa ver o que tu fazes, enrolou-se bastante a manta mas (certo, certinho) o domínio setubalense era real). Nunes e Artur tinham coras real e, não fora aquele louco diabrete de Jorge Plácido estar já convencido de que vai entrar no «Guiness de Records» por dar sete mil e onze toques na bola antes de a soltar para um parceiro em boa colocação ou ele próprio disparar, ao toque de clarim, e outro galo teria tocado na capoeira sadina, tolhida de espanto desde que viu investir milhares para uma produção da ordem das zenas.

Verdade que Alves e Bruno, Nelinho e Bravo, Adão e Skoda mais esse excepcional Borota que (cá para mim, bem entendido) é como Meszaros, o único estrangeiro que valeu a pena recrutar como guarda-redes neste princípio de temporada) adormeciam a concorrência de tal modo que, às tantas, parecia que quem tinha a relva viera do Porto.

●

● **Meu caro Manuel de Oliveira:**

Você, sujeito tenaz e lutador, que não vira a cara e sempre tem recebido afrontas com um estoicismo tão grande que quase parece oferecer a outra face a cada bofetada recebida, anda mesmo com a borda debaixo de água. Porque, está mais que visto, grande dose da plateia do Bonfim não o chupa nem a cachimbo, muito especialmente depois daquela triunfante recepção a Tomé que, embora carregado com cinco balázios ofertados aos penafidelenses, ficou como reserva da República, quer se queira ou não. Depois, aquele falhanço estrondoso de Sobrinho, aos malmequeres léguas-luz da sua loja, mais o monumental chapéu aplicado a Jorge, que nada mais deveria que fechar o ângulo da baliza e esperar uma falha, ajudaram a cavar a cova do professor. Sabe uma coisa: aqui entre nós, jornalistas que também temos os nossos comuns problemas, as nossas clivagens de opinião, ninguém seria capaz de copiar a feia atitude que teve para um colega de profissão, entregando de mão beijada a um largo porta-voz (e, só, apenas, unicamente por vingança) um texto que, longe de funcionar contra o alvejado, melhor reflecte a personalidade do treinador que, até hoje, tem sido de tal modo cilindrado com desconfianças a que replica com vagas ameaças tribunalícias que a gente (palavra de honra) fica na encruzilhada: será que, desde Barroca a Trindade houve uma linha de razão e os seus comandados, Manuel de Oliveira, terão sempre muito para contar aos vindouros? Sábado, parecia a vingança de certo chinês...

●

● **Meu caro Henrique Calixto:**

Foi bonito de ver o Elan com que todos os seus alunos, miúdos e graúdos, se entregaram ao trabalho, justamente aproveitando o facto dos setubalenses terem somente ar e pernas, nada de massa cinzenta cimentada em esquema táctico. Foi uma bela defesa da vantagem adquirida, desta feita com a complacência (impressionante) de uma bancada rendida à evidência, que não apostava um ceitil na turma dos seus olhos e, pelo contrário, masoquista pura, parecia mais disposta a ir juntando achas na fogueira que a ir procurar a água salvadora. Gostei, sobretudo, de como a sua formação cerrou dentes em torno do golo que lhe fora gentilmente oferecido, já que o Vitória não conseguia calibrar a alça para o fatal disparo e Jorge Plácido (arte e engenho) tem, urgentemente, de deixar a Feira Popular mais o seu recreativo e excursionar até campos onde se jogue o futebol de alta competição. Claro, evidente, Calixto: um só golo chegará sempre para derrubar uma formação acéfala, sem comando. Ou, pelo contrário, com muita gente repetindo o mesmo erro.

●

● **Meu caro Fernando Pedrosa:**

Trouxe uma belíssima imagem do seu lindíssimo Bonfim: foi quando a turma de atletismo lhe entregou uma montanha de troféus e, em tom de gentil reivindicação, ergueu o letreiro onde se podia ler (mesmo da varanda da Câmara Municipal de Setúbal): «Pista sintética: o nosso desejo». É isso, presidente setubalense, grande desportista e senhor que, embora sempre desejando cumprir uma palavra, não pode ser iludido por manobras de diversão: o talento dos jovens praticantes de atletismo ajudou a disfarçar aquele imenso mar de desorganização (técnico-táctica) que é o seu «team» de futebol, construído sei lá com que sacrifícios de Fernando Oliveira e de mais um punhado de vitorianos como você.

Dê, já, rapidamente, com a maior urgência, uma volta naquilo, enquanto há tempo. Nome de general vencido não ganha guerrilha. Nunes e Artur não chegam para um anúncio de nova Primavera. E se o Vitória de Setúbal não quer andar aos baldões da sorte, corra imediatamente aos compêndios, à história, e veja como nasceu o fabuloso «oitavo exército sadino»: acha que foi de arco e flecha?

Neves de Sousa

Com bela arbitragem do conimbricense Miranda Dias (ajudado por Sílvio Costa e Silva Almeida) actuaram:

Vitória de Setúbal: Jorge; Mota, Nunes, Artur e Sobrinho (Torres, 76 minutos); Nascimento, Jorge Plácido e Formosinho (Rui Lopes, 50); Vitinha, Roçadas e Freire.

Boavista; Borota; Queiró, Frederico (Carlinos, 39), Bruno e Nelinho; Adão; Bravo, Alves e Skoda; Jorge Silva e Vitorino (Coelho, 56).

Golo por Coelho (64 minutos) depois de, paulatinamente, ter ultrapassado o distante defesa Sobrinho e de ter aplicado a Jorge um chapéu alto que foi de se lhe tirar a boina. Cartão amarelo a Carlinhos (68).

Nacional de Juniores

Estreia com goleadas

Principiou o nacional de juniores. Série «A»: Varzim - Chaves, 8-0; Merelinense - Ponte da Barca, 0-0; Cachão - Famalicão, 0-2; Sporting de Braga - Esposende, 2-0 e Rio Ave - Vitória de Guimarães, 0-0.

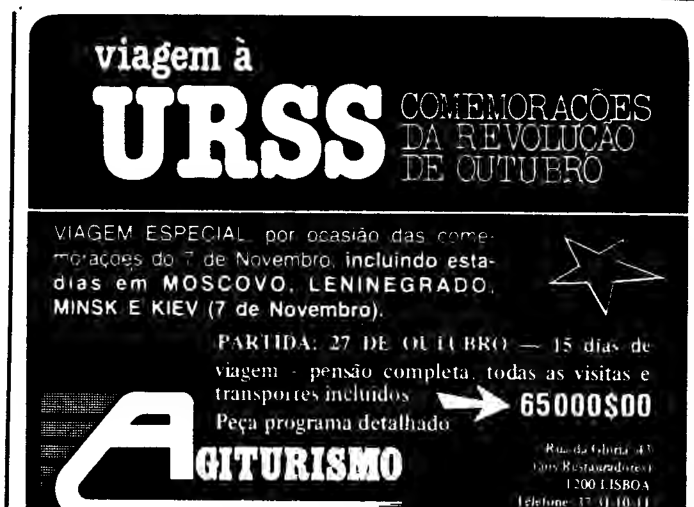
Série «B»: Boavista - Cortegaça, 2-0; Beira-Mar - Tirsense, 1-1; Salgueiros - Leixões, 1-0; Sanjoanense - União de Lamas, 2-1 e Régua - FC Porto, 0-5.

Série «C»: União de Coimbra -Águeda, 2-1; Tondela - Estação, 3-0; Anadia - Repesenses, 1-1; Jardim Alva - Fornos de Algodres, 1-3 e Gouveia - Académico, 2-5.

Série «D»: Alcobaça - União de Tomar, 3-1; Naval - Alter, 6-0; Peniche - Almeirim, 3-1; Benfica de Castelo Branco - União de Leiria, 0-1 e Marinhense - Nazarenos, 1-1.

Série «E»: Almada - Sporting, 0-7; Benfica - Oriental, 10-0; Campomaiorense - Atlético, 2-0; Olivais e Moscavide - Cova da Piedade, 1-1 e Belenenses - Vilafranquense (adiado para 20 do corrente).

Série «F»: Farense - Quimigal, 3-0; Moura - Setúbal, 0-7; Amora - Sambrazense, 0-1; Barreirense - Juventude, 4-1 e Torralta - Olhanense, 2-0.



DESPORTO

Jorge Gomes: golo e alegria

Braga, 1-Benfica, 1

Minhotos com o pássaro na mão

Pois é verdade: os bracarenses tiveram o «pássaro» na mão e deixaram-no fugir a 12 minutos do fim. Excesso de confiança, talvez, já que o Benfica estava reduzido a 10 unidades por expulsão de Carlos Manuel (aos 67 minutos) e não dava mostras de ser capaz de anular o golo obtido pela turma arsenalista, sensivelmente a meio do 1.º tempo. A entrada de Nené, porém, acabou por trair os planos de Quinito que, assim, teve de dividir o «bolo» quando já se preparava para o comer sózinho.

Depois de, oito dias antes, termos presenciado o Braga - FC Porto, não nos surpreendeu absolutamente nada aquilo que se passou ontem no Estádio 1.º de Maio e que foi testemunhado por cerca de 25 mil pessoas. Tal como haviamos previsto, a equipa minhota fez a vida negra ao Benfica que, sobretudo no seu sector defensivo, experimentou grandes dificuldades para suster o ímpeto das «gazelas» bracarenses: Jorge Gomes, Vando e José Abrantes. Dificuldades que começaram a verificar-se logo no início da partida e que puseram em «xeque» o extremo reduto dos benfiquistas, mormente Bastos Lopes I, que foi batido vezes a fio, quer por Jorge Gomes, quer por Vando. A ausência de Humberto Coelho foi particularmente sentida, pois viu-se claramente que naquela defesa faltava um «patrão», alguém que arrumasse a «casa».

Mercê (exactamente) do acerto dos aríetes minhotos e da tarde manifestamente aziaga dos defesas benfiquistas, o Braga beneficiou de várias oportunidades para inaugurar o marcador, a mais flagrante das quais surgiu à passagem dos 14 minutos, quando José Abrantes, com a baliza completamente desguarnecida rematou à confiança, permitindo a recuperação de Bento que estava fora da questão.

À pressão exercida pelos locais, respondiam os homens da Luz com rápidos contra-ataques que, ora morriam nos pés dos defesas arsenalistas, ora se perdiam por deslocação de Filipovic ou Diamantino que jamais encontraram a «fórmula» para escapar à defesa em linha montada pelo adversário.

O golo do Braga, obtido aos 25 minutos (por Jorge Gomes) cronstituiu, por assim dizer, o prémio merecido para quem mais porfiou por esse objectivo. Ganhando mais uma vez em antecipação a Bastos Lopes I, o brasileiro Jorge Gomes logrou isolar-se e, ante a saída temerária de Bento, teve a calma suficiente para atirar para o melhor sítio. De referir que, ao longo de masi de três dezenas de metros, Bastos Lopes I teve tempo de sobra para travar o seu opositor (ainda que recorrendo à falta fora da área), mas confiou: e, quando quis já era tarde.

Com um tento à maior, o Braga descansou um pouco, o que permetiu um certo agigantamendo do Benfica que, em dois ou três lances, podia ter anulado a vantagem do seu adversário. Como aproximar do intervalo, os minhotos, voltaram à mó de cima e dispuseram (até) de ensejo flagrantíssimo para consolidar o seu pecúlio. Jorge Gomes levou a melhor sobre Oliveira e com Bento apenas pela frente levantou um pouco a alça e o «chapéu» perdeu-se.

No regresso dos balneários o Benfica trouxe Veloso em vez de Shéu e também uma intenção: anular quanto antes o golo adversário. Nos primeiros dez minutos a equipa da Luz fez, de facto, um «pressing» notável, valendo à turma minhota a atenção de Valter que, nesse período, efectuou um punhado de excelentes defesas. Entretanto, vendo que os seus pupilos não conseguiam abrir brechas suficientemente largas na defesa contrária, Eriksson trocou Oliveira por Nené que não tardou a justificar a escolha.

Quando tudo parecia bem encaminhado, para os benfiquistas eis que Carlos Manuel resolve complicar, metendo-se no trabalho do árbitro e dando assim aso à sua expulsão. Depois, deitou as mãos à cabeça. Enquanto os seus companheiros conjugavam esforços para colmatar o «buraco». Dir-se-ia que o Benfica passou a dar melhor conta do recado depois de reduzido a 10 unidades. E a prová-lo está o facto de os lisboetas terem forjado, a partir daí uma série de situações de apuro para a baliza bracarense, uma das quais acabou por possibilitar a Filipovic a obtencão do empate, na sequência de um centro da direita, rubricado por Nené. Aproveitando, a embalagem e, também, uma certa desorientação do tripo de arbitragem, o Benfica este na iminência de conseguir o tento que, na circunstância, constituiria uma injustiça para o conjunto minhoto.

Arbitragem verdadeiramente irreconhecível, a suscitar protestos de ambas as partes, o que, se um lado pode denotar imparcialidade, pelo outro demonstra, que acumulou erros sobre erros, alguns, por sinal, de palmatória...

Manuel Neto

Cabeça de Filipovic e empate benfiquista

Árbitro: Mário Luís (Santarém), pessimamente auxiliado por Agnelo Alexandre (bancada) e Eduardo Agostinho (superior).

Braga: Valter; Artur, Guedes, Paris e João Cardoso; Serra, Dito (Malheiro, aos 79 m), Nelito e Vando (Zinho, aos 59 m); José Abrantes e Jorge Gomes.

Benfica: Bento, Pietra, Bastos Lopes I, Oliveira (Nené, aos 59 m), e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Sheu (Veloso, na 2.ª parte) e Stromberg; Filipovic e Diamantino.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Jorge Gomes (25 m) e Filipovic (78 m). Cartão amarelo: Diamantino (10 m), Nelito (27 m), José Abrantes (65 m) e Carlos Manuel (67 m). Cartão vermelho: Carlos Manuel (67 m).

Prémio no bolso e TV's na rua

Antes de principiar a partida, o jornalista Vasco Castro (do nosso prezado colega «Gazeta dos Desportos» fez a entrega a Bento de um cheque no valor de 100 contos, relativo ao «Prémio Puma» para a melhor defesa menos batida durante a época transacta. O prémio para o melhor ataque havia sido entregue a Gomes FC Porto), na última quinta-feira.

Uma equipa da televisão grega foi (entretanto) impedida de filmar o encontro, por decisão da direcção bracarense, corroborada por Fernando Martins. Não entra a RTP, também não entra a TV Grega. – ideia síntese dos referidos dirigentes.

Sporting, 2-Espinho, 0

"Leões" já a precisarem de estágio em Lamego

Em Alvalade, com golos de Lito e Gabriel, o Sporting bateu o Sporting de Espinho. Perante mais de 35 mil espectadores, em jogo que acabaria por ser de autêntica frustração, dada a fraca exibição dos donos da casa, onde apenas Futre (durante os 90 minutos), Lito (na 1.ª parte) e Mário Jorge, saíram da mediania.

Iniciando o encontro em toada de «goleada», aliás compreensível dado o tento de Lito (aos nove minutos) num tiro excelente após finta com o corpo a um adversário, o Sporting ainda disporia de nova oportunidade de golo aos 30 minutos (por Oliveira) e aos 35, após jogada de Futre, que driblou três adversários e entregou a bola, mesmo sobre a linha de golo, falhando Fernando Cruz inexplicavelmente. Novamente ao findar do primeiro tempo o marcador poderia ter sido modificado; e novamente para os donos da casa, mas Oliveira, em noite «não», falhou espectacularmente, atirando a bola bastante longe da trave.

Wilde: estreia (incógnita) pelo Sporting

O 1.º tempo surgiria com um golo apenas de vantagem para a equipa sportinguista que começara, entretanto, a escutar apupos. O segundo tempo iniciou-se (praticamente) com uma falta sobre Futre, depois deste ter ultrapassado três adversários e centrado, facto que originou acesa reacção dos adeptos da turma verde branca: em marcação da falta ia surgindo novo golo, mas Mendes, confirmando o seu valor, atiraria para canto.

O jogo entrou em andamento excessivamente lento, parecendo os jogadores do Sporting safisteitos com a marca tangencial que se registava. Jogando mal, mais para trás do que em direcção à baliza espinhense, a equipa capitaneada por Manuel Fernandes não conseguia acertar, aproveitando os adversários para tentar a sua sorte, em lances de contra-ataque por vezes bem urdidos mas que acabavam por morrer na defensiva contrária, por culpa da inocência dos forasteiros, especialmente de Salvado e Pinto da Rocha.

Oliveira estava mal, tendo acabado por solicitar a sua substituição, o que acabaria por acontecer aos 60 minutos, em que entrou o inglês Wilde, que fez a sua estreia oficial na turma de Alvalade: mas sem revelar o mínimo de condições para a contratação.

Lugar comum: Futre, o melhor em Alvalade

A substituição nada trouxe de benefício para o jogo, mas seria ainda o Sporting que, beneficiando de uma justa grande penalidade (falta sobre Manuel Fernandes) alcançaria o 2.º golo acabando com quaisquer dúvidas que ainda existissem.

Como se disse: Futre, Lito e Mário Jorge foram (de longe) os melhores sportinguistas, enquanto Mendes, Dinis e Pinto da Rocha se salientaram entre os espinhenses. Os «leões» vão hoje para estágio-concentração em Lamego: uma consequência (lógica) do técnico Venglos entender que a equipa está muito longe do rendimento que deve exigir ao seu «plantel».

Sob arbitragem de Veiga Trigo (Beja), ajudado por Manuel Burrica e Teixeira Correia, as equipas alinharam:

Sporting: Katzirz; Gabriel, Zezinho, Kostov e Mário Jorge; Lito, Oliveira (Wilde 65), Romeu e Futre; Fernando Cruz (Kikas, 81) e Manuel Fernandes.

Espinho: Mendes; Dinis, Vivas, Serra e Raul; Pinheiro (José Carlos, 62), Pinto da Rocha, Salvado e Carvalho (David, 70); Móia e Amílcar.

Golos: Lito (9 m) e Gabriel (87), de grande penalidade). Cartão amarelo: Pinto da Rocha e Dinis.

DESPORTO

Divisão 3

Quatro aceleram

A 3.ª ronda do torneio da divisão n.º 3 forneceu o «placard» seguinte, no tocante à Série A: Prado - Taipas, 0-1; Ponte da Barca - Limianos, 3-0; Felgueiras - Mirandela, 4-1; Cerveira -Valenciano, 0-0; Bragança -Freamunde, 3-0; Vianense -Aves, 0-2; Merelinense - Mogadourense, 3-0; Monção - Moreirense, 2-0. Líderes: Aves, Merelinense, 5 pontos.

Série B: Esmoriz - Cesarense, 2-1; União de Lamas - Régua, 2-2; Marco - Vilanovense, 0-0; José Alves - Ermesinde, 0-0; Paivense - Leça, 3-1; Lamego -Amarante, 1-1; Ovarense - Lourosa, 2-0 e Paredes - Valadares, 1-0. Comandante: Amarante, 5 pontos.

Série C: S. Romão - Marco, 0-0; Oliveira do Bairro - Estarreja, 1-0; Mangualde - Marialvas, 5-0; Viseu e Benfica - Oliveirense, 3-1; Vildemoinhos - Poiares, 2-0; Tortosendo - Santacombadense, 0-2; Sourense -Mealhada, 5-1 e Tondela - Gouveia, 0-0. À frente vai o Oliveira do Bairro (6 pontos).

Série D: Nisa e Benfica - Alferrarede, 0-0; Estrela de Portalegre - Alcains, 2-1; Marinha - Marinhais, 1-0; Nazarenos - Marrazes, 2-1; Atouguiense - Marinhense, 1-2; S. Bernardino -União de Santarém, 0-2; Bombarralense - Portalegrense, 4-1 e Almeirim - Alpalhoense, 1-0. Dupla da frente: Marinha e Almeirim (6 pontos).

Série E: Olivais - Lusitânia, 0-0; Oriental - Cacém, 0-0; Campomaiorense - Casa Pia, 4-0; Bucelenses - Montijo, 0-1; Samora Correia - Almada, 1-3; Sintrense - Benfica e Águias, 1-2; Vialonga - Atlético, 0-0 e Santa Clara - Tires, 1-0. Os melhores: Vialonga e Montijo (5 pontos).

Série F: Beja - Vasco da Gama, 1-1; Juventude - Torralta, 1-0; Seixal - Alvorense, 2-0; Lusitano Vila Real - Comércio e Indústria, 4-0; Campinense -Paio Pires, 2-0; Quarteirense -Estrela de Vendas Novas, 2-0; Quimigal - Canaviais, 6-0; Trafaria - Moitense, 2-0. Destaque para o Campinense (6 pontos).

F.C. Porto, 2-Guimarães, 0

Jesus evitou o pior

O FC Porto realizou ontem uma das suas melhores exibições da presente temporada, o que, por si só, justificaria o triunfo. Todavia, a turma portista foi um pouco mais longe: a par do espectáculo que proporcionou a uma plateia computada em 50 mil pessoas, rubricou, ainda, dois tentos de belo efeito e fez brilhar o guarda-redes adversário, sem dúvida o elemento mais em evidência na equipa vimaranense.

Em tarde de grande inspiração os «azuis e brancos» começaram por dominar a partida a meio-campo e só depois pensaram em abeirar-se da baliza de Jesus. Uma certa arrogância inicial dos minhotos não chegou sequer a importunar e, entretretanto, Jaime Pacheco (de parceria com Frasco, Rodolfo e Costa) encarregaram-se de abrir as brechas necesárias na defensiva contrária.

Se é certo que tardou um pouco a obtenção do 1.º golo portista, não é menos verdade que, antes disso, já os pupilos de Pedroto podiam ter marcado. Recordaremos (a título de exemplo) um lance que ocorreu aos 27 minutos, quando Gomes, no seguimento de um livre indirecto, atirou forte, fazendo o esférico embater na barra e, quase logo a seguir, uma infiltração de Costa, gorada «in extremis» por Nivaldo que terá cometido falta passível de castigo máximo.

O mardador teimou, no entanto, em só funcionar aos 35 minutos, na sequência de uma excelente jogada pelo lado direito do ataque portista, iniciada em Frasco e continuada por João Pinto, que arrancou um centro com peso, conta e medida, a proporcionar um golo espectacular de Walsh, de cabeça e de cima para baixo.

A consolidação da vantagem do FC Porto surgiu logo após o reatamento, agora com Jaime Magalhães no lugar de Walsh: e seria, exactamente, dos pés do jovem extremo «azul e branco» que iria nascer o golo da tranquilidade. No seu estilo característico, Jaime Magalhães rompeu pela direita, foi à linha de cabeceira e tirou um centro rasteiro que possibilitou a entrada fulgurante de Jaime Pacheco, sem qualquer hipótese para Jesus.

A partir daí mais se acentuou a supremacia portista, valendo, então, a atenção do guarda-redes vimaranense que, por diversas vezes, negou o golo e, consequentemente, a hipótese de os portuenses construirem um resultado mais dilatado. Pareceu-nos que a equipa minhota acusou sobremaneira o desgaste físico e psicológico da 4.ª feira passada (em Birmingham, de onde veio, como se abe, vergada ao peso de um concludente 5-0). Isso mesmo seria referido, como atenuante, nas explicações dadas por Stessl no final do encontro, a tentar justificar a exibição algo decepcionante da sua equipa. Em contra-partida, Pedroto não escondia a satisfação pelo trabalho dos seus pupilos, considerando que a equipa estava em excelente forma, mas que o campeonato ainda ía no início, pelo que a posição actual do FC Porto não dava para embandeirar em arco. **Uma coisa é certa: não há nada que nos desestabilize... nem que eventualmente surjam por aí os habituais submarinos** – acrescentou o técnico portista.

Se exceptuarmos o lance do «penalty» já referido, podemos considerar o trabalho da arbitragem satisfatório.

Frasco: vale tudo para o segurar

Antas: remate de Gomes com oposição de Nivaldo

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa), auxiliado por Gomes Heitor (bancada) e Pinto Beja (arquibancada).

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Rodolfo e Jaime Pacheco; Walsh (Jaime Magalhães, na 2.ª parte), Gomes e Costa (Jacques, aos 62 m.).

Guimarães: Jesus; Gregório Freixo, Amândio, Murça I e Laureta; Paquito, Nivaldo, (Tozé, aos 65 m.), Murça II e Flávio; Júlio (Paulo Ricardo, na 2.ª parte) e Eldon.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Walsh (35 m.) e Jaime Pacheco (49 m.).

Cartão amarelo: Nivaldo (53 m.), Zé Beto (55 m.) e Amândio (63 m.).

MICROSCÓPIO

Ténis: Taça Davis

Suécia e Austrália qualificaram-se para a final da Taça Davis em ténis, ao eliminarem (respectivamente) a Argentina e a França. Resultados da última jornada (meias-finais), em Sidney: Austrália-França, 4-1; em Estocolmo: Suécia-Argentina, 4-1. Grupos de qualificação (em Copenhaga): Dinamarca-Indonésia, 4-1; em Dublin: Estados Unidos-Irlanda, 3-1. Final B, zona europeia (em Belgrado): Jugoslávia-Hungria, 5-0. Final A (zona europeia), em Friburgo: RFA-Suíça, 3-2. final da zona asiática (em Tóquio): Japão-Índia, 2-3. Final da zona americana (em Guayaquil): Equador-Brasil, 5-0. Grupo de qualificação (em Hradec Kralove): Checoslováquia-URSS, 4-1.

Circuito satélite

O norte-americano Mark Flur ganhou o quarto torneio do Circuito Satélite ao bater, na final, o seu compatriota Finerman com os parciais de 7/6 e 7/6. Esta foi a 2.ª vitória consecutiva de Mark Flur em torneios do Circuito Satélite este ano. O primeiro foi ganho pelo australiano Charles Fancutt, o segundo pelo israelita Perkiss e o 3.º e 4.º por Mark Flur.

Restelo: Joel com a bola

Continuação da pág 15

União de Leiria - Alcobaça, 0-0; Caldas - Elvas, 0-0; Benfica C. Branco - União de Coimbra, 0-1; Torriense - Anadia, 1-0; Académica - Beira-Mar, 3-0. Classificação: 1.º Guarda, Académico e Torriense, 5 pontos; 4.º Alcobaça, Peniche e Covilhã, 4; 7.º Rio Maior e U. Coimbra, 3; 9.º Beira-Mar, Anadia, Benfica C. Branco, U. Tomar, Elvas, U. Leiria e Caldas, 2; 16.º Naval, 1.

Zona Sul: Scavenense - Barreirense, 1-1; União da Madeira - Esperança de Lagos, 1-0; Cova da Piedade - Silves, 2-0; Odivelas - Nacional, 1-1; Olhanense -Amora, 6-0; Marítimo - Sesimbra, 6-1; Estrela da Amadora -Lusitano, 0-0; Belenenses - Olivais e Moscavide, 1-0. Classificação: 1.º Cova da Piedade e U. Madeira, 6 pontos; 3.º Marítimo e Belenenses, 5; 5.º Amadora e Olhanense, 4; 7.º Odivelas, Nacional e Lusitano, 3; 10.º Silves, Amora, Sacavenense e Olivais e Moscavide, 2; 14.º Barreirense, 1; 15.º Sesimbra e Esp. Lagos, 0.

«Olímpicos» na RFA

A selecção nacional olímpica partiu para a República Federal da Alemanha, onde, quarta-feira, a partir das 19 horas (20 locais), jogará em Osnabruck, nos arredores de Dusseldorf, com a representação alemá-federal do mesmo escalão, em jogo a contar para o Torneio Olímpico. Os jogadores convocados, que se reuniram ontem, à noite, num hotel lisboeta, são os seguintes: Zé Beto e Frasco (FC Porto), Coelho e Norton de Matos (Portimonense), Oliveira e Álvaro (Benfica), Paris e Vítor Santos (Sp. Braga), Mendes (Espinho), José Rafael (Farense), Lito e Virgílio (Sporting), Nunes (V. Setúbal) e Paquito e Murça II (V. Guimarães).

Basquetebol

Antes do nacional apalpar o pulso

O toneio «Pionner» que o Queluz venceu (talvez imprevistamente) ao bater na final a fortíssima equipa do Stade Français, foi o primeiro «exame» à capacidade das equipas nacionais, em que o «cinco» da linha de Sintra foi irrecusavelmente o mais forte na «compita» com o FC Porto (campeão nacional da última época), o Benfica, o Sangalhos e o Olivais, mais o Imortal e o Belenenses (ambos da divisão 2) também participantes naquele certame.

Entretanto, com motivo na apresentação de outras equipas ou em jogos particulares (mas oficializados) de preparação, houve neste fim de semana embates de «apalpar de pulso» que, pelo equilí rio dos resultados, sugerem semelhança de valor entre as formações em confronto. Também perspectivam luta equilibrada para a fase inicial do «nacional» que principiará dentro de um mês.

Assim (por exemplo) num torneio quadrangular em Ovar, só o Ginásio (à espera de um norte-americano) «destoou» do notório equilíbrio dos resultados nos jogos em que participaram a Ovarense (vencedora do torneio), Sangalhos e FC Porto.

Em outros jogos particulares o Barreirense (tendo como reforços os ex-benfiquistas Jordão e Jorge Coelho e o ex-alcantarense Artur Leiria) triunfou como visitante do Olivais de Coimbra, mas apenas por um «cesto». Em S. João da Madeira, entretanto, a equipa da casa «apresentou-se» defrontando o Conimbricense e venceu por três pontos. Os ex-sanjoanenses têm como reforços o norte-americano Greg Chambers e os brasileiros Ariston Filho e Sérgio Salvador, enquanto os conimbricenses dispõe, entre outros reforços vindos do vizinho Olivais, do norte-americano de 2,02 metros de altura, chamado Cornel Harrisson.

Finalmente o Queluz jogou no Barreiro, defrontando o primodivisionário Luso e deu mais uma prova da sua grande capacidade ao triunfar por três dezenas de pontos de diferença.

Os referidos «particulares» forneceram os seguintes resultados no Torneio de Ovar (1.ª jornada): Sangalhos - FC Porto, 88-87 e Ovarense - Ginásio 92-77; 2.ª jornada (3.º e 4.º): FC Porto -Ginásio 74-59 e (para 1.º e 2.º lugares) Ovarense - Sangalhos, 88-87. Repare-se na curiosidade de os bairradinos vencerem e perderem rigorosamente pelos mesmos números. Vencedor do torneio: Ovarense, esta época tendo como reforços os ex-portistas Rui Chumbo, Mauro (brasileiro) e Keith Wolfolk (norte-americano) mais o ex-treinador do Sangalhos (Orlando Simões).

Outros resultados: Luso do Barreiro - Queluz, 70-103 (no Barreiro); Sanjoanense - Conimbricense 84-81 (em S. João da Madeira) Olivais - Barreirense, 90-92 (em Coimbra).

Para o próximo fim-de-semana (dias 8 e 9) está marcado o terceiro Torneio Montechoro em que participam as equipás do Imortal de Albufeira (da 2.ª divisão), Queluz, Benfica e Olivais de Coimbra.

Ginástica internacional

Cristina Lebre galga por cá

A atleta portuguesa Cristina Lebre obteve o primeiro lugar da classificação geral do primeiro Torneio Internacional de Ginástica Rítmica Desportiva, realizado no pavilhão de Alvalade (Lisboa). Cristina Lebre somou 35.20 pontos contra 35.15 da francesa Benedicte Augst e 34.75 da portuguesa Maria João Falcão, que se classificaram nas 2.ª e 3.ª posições, respectivamente. O 4.º lugar foi para a portuguesa Margarida Carmo (34.70 pontos), o 5.º para a francesa Isabelle André (34.55) e o 6.º para a inglesa Jacqueline Leavy.

Por aparelhos a classificação foi a seguinte:

● Arco: 1.ª Benedicte Augst (França) 8.80 pontos; 2.ª Cristina Lebre (Portugal) 8.65; 3.º Frances Newman (Inglaterra), 8.60.

● Bola: 1.ª Cristina Lebre (Portugal) 8.85 pontos; 2.ª Margarida Carmo (Portugal) 8.80; Maria João Falcão (Portugal) 8.80; Ana Peleira (Portugal) 8.80.

● Massas: 1.ª Benedicte Augst (França), 9.00 pontos; 2.ª Cristina Lebre (Portugal) 8.85; 3.ª Isabelle André (F.rança), 8.70; Ana Peleira (Portugal) 8.70.

● Fita: 1.ª Maria Falcão (Portugal), 8.90 pontos; 2.ª Cristina Lebre (Portugal) 8.85; 3.ª Margarida Carmo (Portugal) 8.70.

De salientar a média de pontuação (8.80) obtida por Cristina Lebre nos aparelhos, sobretudo tomando em consideração os resultados alcançados pela francesa Benedicte Augst, atleta escolhida para representar o seu país no «Festival de Gala do Japão» que se realizará brevemente, em Tóquio. Em face dos resultados deste torneio, denominado «Primeiro Trofeú Califa» é de esperar que Cristina Lebre venha a obter uma boa classificação nos campeonatos do Mundo da modalidade, que se disputam em Novembro próximo, na cidade francesa de Estrasburgo.

EXTERNATOS

SÉNECA

SEBASTIÃO DA GAMA

CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO

COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 4 00 92

Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76

1100 LISBOA

DESPORTO

Sporting: distinção a associados com a participação de Joaquim Agostinho

Malveira: Agostinho voltou para vencer

A equipa de ciclismo formada por Joaquim Agostinho, Sergie Boncherrie, António Alves, Venceslau Fernandes e Benjamim Carvalho venceu a prova de perseguição internacional realizada na Malveira. A turma, comandada por Agostinho, teve como opositora uma denominada de «nacional», composta por Marco Chagas, Raul Terebentino, Raul Fachadas, Joaquim Andrade e José Martins.

A prova, iniciada em ritmo bastante veloz, foi praticamente comandada desde as primeiras pedaladas pelo conjunto de Joaquim Agostinho, sendo de realçar o espírito combativo de Venceslau Fernandes, bem secundado por Agostinho e Boncherrie, António Alves e pelo campeão nacional Benjamim Carvalho.

A superioridade desta equipa sobre a opositora mais se fez notar quando Agostinho, entusiasticamente aplaudido por mais de dez mil espectadores, se lançou em grande velocidade, enquanto a equipa contrária abandonava. A vitória estava alcançada, como referem os regulamentos, pois mal a equipa perseguidora ultrapassa a adversária a vitória é sua e a prova termina.

Antes desta corrida, que fechou com chave de ouro a iniciativa conjunta do Atlético Clube da Malveira e do Grupo Desportivo de Loures, houve outras duas:

A 1.ª foi o critério internacional (individual) com 40 voltas e «lançamentos de cinco em cinco voltas. Presentes doze ciclistas, dez vencedores de provas de apuramento a contar para a selecção nesta prova e os dois ciclistas da Sem-France-Loire (Joaquim Agostinho e Sergie Boncherrie). Venceu este último com 30 pontos conquistados contra 24 de Paulo Ferreira (do Lousa) e 17 de Agostinho. Nesta prova o entendimento entre os dois ciclistas da equipa francesa foi total, tando ficado na retina daqueles que assistiram à prova o interesse do ciclista de Brejenjas em proporcionar a vitória final ao colega.

A prova de «eliminação», em que estiveram presentes mais de meia centena de ciclistas, com eliminação dos últimos volta a volta, terminou com a vitória de Manuel Cunha (do Futebol Clube do Porto) seguido do seu colega de equipa António Alves e de Carlos Nunes (Venda do Pinheiro).

Desportos: conferência europeia

A sexta Conferência Europeia dos Desportos realiza-se, de amanhã a 8 do corrente, em Belgrado (Jugoslávia) e terá a participação de representantes de 26 nações.

Rafael Marques e Lucília Soares: triunfos escaldantes em Tróia

Rafael Marques (Sporting) e Lucília Soares (Benfica) foram os vencedores da I Meia Maratona Internacional de Tróia, que ontem decorreu entre Tróia-Comporta-Tróia, e que teve a participação de mais de um milhar de concorrentes, entre eles muitos estrangeiros. A vitória de Rafael Marques foi iniciada a cinco quilómetros da mera, depois de se terem verificado algumas desistências, mormente a de Carlos Capítulo, agora a representar o Monte Abraão.

Não participou Aurora Cunha, o que possibilitou a presença de Rita Borralho, que não alinharia se a sua colega portuense estivesse na linha de partida. Isto porque, naturalmente, Aurora seria a vencedora incontestada e, daí, a posse do prémio correspondente a vencedora – presença na S. Silvestre de S. Paulo (Brasil). Só que Rita acabaria por ser surpreendida pela sua colega de equipa, Lucília Soares, a qual viajará até à cidade brasileira, enquanto Rita Borralho participará na competição de Luanda.

Ainda quanto a prémios, refira-se que Rafael Marques participará na Maratona de Nova Iorque (mas na edição de 1984) a seu pedido, enquanto o segundo classificado, Luís Costa, correrá na Maratona de Frankfurt.

O calor ocasionou insolações, sendo muitos os concorrentes e espectadores que tiveram necessidade de receberem assistência no posto de socorros local, onde o atleta e médico Renato Graça acabaria por dar uma boa ajuda.

Classificações – **Seniores**: 1. Rafael Marques, Sporting, 1 h 07 m46 s; 2. Luís Costa, Sporting, 1.08.14; 3.º Bernando Manuel, Sporting, 1.08.26; 4.º Rui Lopes, Académico Godim, 1.08,28; 5. Renato Graça, CDUL, 1.08.31; 6. David Allan, Inglaterra, 1.08.40; 7. José Abreu, Benfica, 1.08.52; 8. Carlos Amaral, CDUL, 1.09.29; 9. José Pedras, Benfica, 1.10.11; 10. Carlos Fernandes, TAP, 1.10.48.

Juniores: 1. José Mestre, Casa do Povo do Maxial, 1.15.27; 2. Carlos Reis, Peniche, 1.16.27; 3. Rui Baltasar, Palmelense, 1.16.55; 4. Vasco Silva, CP Maxial, 1.20.50; 5. Paulo Brás, V. Setúbal, 1.21.38.

Veteranos – Grupo 1: 1. José Alves, A-dos-Cunhados, 1.20.07; 2. Grada Ferreira, Interline, 1.20.40; 3. Francisco Oliveira, Interline, 1.20.46.

Grupo 2: 1. Armando Aldegalega, Sporting, 1.17.22; 2. Joaquim Neto, Cansados do Porto, 1.25.03; 3. Alcino Moreira, Linda-a-Velha, 1.25.45.

Grupo 3: 1. Lopes Ferreira, Fuzileiros, 1.23.12; 2. Manuel Picante, Paivas, 1.29.14; 3. Raul Santos, CDP Odivelas, 1.29.40.

Grupo 4: 1. Adriano Gomes, Veteranos Benfica, 1.35.01; 2. António Ruivo, CTT, 1.43.09; 3. Joaquim Silva, individual, 1.47.44.

FEMININOS – Seniores: 1. Lucília Soares, Benfica, 1.25.03; 2. Rita Borralho, Benfica, 1.29.49; 3. Fátima Ferreira, CA Campolide, 1.32.36; 4. Fátima Carvalho, Juventude Castanheira, 1.39.08; 5. Ana Carvalho, Juv. Castanheira, 1.39.45.

Rallye de Castelo Branco

Joaquim Santos imbatível recupera liderança

Joaquim Santos e Miguel Oliveira, em Ford Escort RS-1800, venceram o Rali de Castelo Branco, penúltima prova do Campeonato Nacional de Ralis, organizado pela Escuderia Castelo Branco. A vitória de Joaquim Santos não sofreu qualquer contestação já que o seu mais directo adversário e na altura líder do campeonato, José Pedro Borges, começou mal a prova e acabaria por desistir vítima de avaria, na terceira classificativa, deixando o piloto nortenho completamente à vontade.

Carlos Bica, que durante bastante tempo ocupou a segunda posição não conseguiu bater-se com o campeão nacional, ao aumentar a sua vantagem à medida que se sucediam as classificativas.

Esta vitória de Joaquim Santos adia a decisão sobre o título para o Rali do Algarve, a última prova do nacional e também o adeus às competições dos actuais grupos 2 e 4 com que os nossos pilotos ainda conseguem fazer excelentes provas.

O resultado do Rali de Castelo Branco aumenta pois a expectativa em relação à prova algarvia e vai proporcionar um final emotivo ao campeonato. Embora a vantagem neste momento pertença a Joaquim Santos, a verdade é que ele tem que terminar pelo menos aquela prova a menos que José Pedro Borges também o não consiga.

O rali, organizado pela Escuderia Castelo Branco, decorreu este ano nas estradas dos concelhos de Castelo Branco e Oleiros e sucede ao Rali da Serra da Estrela.

Foi um rali económico, com o mínimo de quilometragem exigido pelos regulamentos (400,5 km) e onze provas de classificação num total de 205 km.

Classificação geral — 1.º, Joaquim Santos/Miguel Oliveira (Ford Escort RS-1800), 2.40,18; 2.º, Leite Faria/Cândido Júnior (Ford Escort RS-2000), 2.48,40; 3.º, Jorge Ortigão/João Baptista (Toyota Starlet), 2.52,24; 4.º, Manuel Rolo/Álvaro Barreiros (Ford Escort RS-2000), 3.00,46; 5.º, Carlos Morna/Luís Morna (Opel Manta GTE), 3.01,17; 6.º, Manuel Mello Breyner/Alfredo Labrador (VW Golf GTI), 3.01,19; 7.º, Luís Gomes/José Vinagre (Citröen Visa GT), 3.03,54; 8.º, Manuel Russo/João Sena (Citröen Visa GT), 3.06,30; 9.º, Viana Ferreira/José Melo (Opel Kadette GTE), 3.14,24; 10.º, Alberto Gonçalves/José Eldi (Ford Escort RS-2000), 3.16,27.

Sport-Society

Uma semana sem fôlego

Particularmente intensos os bastidores do sport-society que não desperdiça a menor oportunidade de vincar presença no quotidiano desportivo. Ora veja-se:

● **Hoje,** às 18 e 30, no Solar do Vinho do Porto (em Lisboa). Pelas 18 e 30, conferência de Imprensa promovida pela Federação Portuguesa de Esgrima para anunciar os campeonatos europeus, que terão lugar na capital portuguesa (pavilhões da FIL).

● **AMANHÃ,** grande movimentação. Enquanto o Partido Socialista faz o jantar comemorativo do 5 de Outubro (entre Carregado e Alenquer, num armazém em que vão estar presentes distintas figuras do nosso desporto), o Sport Lisboa e Benfica festeja o 40.º aniversário do Sport Lisboa e Saudade, pelas 19 e 30, no Restaurante do Estádio da Luz. E, em Évora ainda amanhã: colóquio sobre futebol juvenil promovido pelo Sport Lisboa e Évora, pelas 21 e 30, com a participação do prof. Jorge Pombo (delegado de arbitragem da UEFA), António Garrido (recente árbitro internacional), o jornalista Neves de Sousa (responsável pela secção desportiva do nosso jornal), António Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença e da RTP), os técnicos Fernando Caiado e José Henriques (Benfica), Manuel Oliveirá, Monge da Silva e José Mendes (Vitória de Setúbal), Barnabé (Sporting) e Carlos Pereira (secretário-técnico do Sport Lisboa e Évora).

● **Quarta-feira** (feriado nacional), em Évora: torneio de futebol juvenil com a participação das turmas do Sporting, Benfica, Vitória Futebol Clube de Setúbal e Sport Lisboa e Évora. Jogos e partir das 9 horas, com arbitragens de João Rosa (Évora), Alder Dante (Santarém) e Veiga Trigo (Beja). Ainda na 4.ª feira (pelas 13 horas) reunião de artistas, jornalistas e desportistas para a festa de aniversário do colunista Carlos Castro. Um «churrasco» argentino na quinta ABC (em Sintra) com montes de figuras de primeiro plano. O lenço mais bem colocado ao pescoço tem prémio especial.

● E chegamos ao dia 6 (**5.ª feira)** com a proposta remtida (via-Publirama) para o «cocktail» de apresentação da equipa de honra de andebol do «clube de Futebol Os Belenenses», que conta com o patrocínio da BDF Portuguesa Lda (com o seu produto Nivea After Shave Bálsamo). Um convite com a assinatura de Maria Delmira Lousada, chefe do Departamento de Media da organização comandada por Tomé de Barros Queiroz.

Quinta-feira é também dia em que a Tertúlia Sportinguista do Rio de Janeiro vem promover, em Lisboa, uma reunião-convívio presidida pelo eng.º José Manuel Silva, com a presença de Jaime Bernardes Silva, Wanda Santos e Silva e João Jacynto (que, nessa data se encontram entre nós) de férias. O convívio está marcado para um restaurante lisboeta (20 horas) com inscrições abertas a mil escudos por pessoa. Jorge Vieira (sócio n.º 1 do Sporting), o dr. Luís Borges de Castro (presidente de «Os Cinquentenários»), José Manuel Martins, Jaime Duarte, os professores Mário Moniz Pereira e Armando dos Santos Ferreira e José Dias (vice-presidente da actual direcção do Sporting) prestigiarão este convívio entre elementos da grande família «leonina», de cá e lá (Brasil). As inscrições encerram-se hoje e a iniciativa pertence ao antigo atleta «internacional» João Jacynto (jornalista do «Mundo Desportivo», do Rio de Janeiro). Pelas 21 horas, também de 5.ª feira na Rua Marques da Silva n.º 99, 2.º (Lisboa) processa-se uma Assembleia da Comissão Nacional da União dos Clubes de Futebol Portugues, alargada para poder discutir largos pontos de acção que visam partida para luta comum. Pelos telefones 548747 ou 573794 podem saber-se pormenores do conclave que é uma espécie de réplica à fumegante Liga dos Clubes de Futebol Profissional.

● **Sexta-feira** às 20 horas, Maria Afonso, a Pousada do Castelo de Palmela e o Charlie's Place convidam para o jantar dos propostos para a lista dos mais e menos elegantes do nosso país, com muitas vedetas dos estádios, dos pavilhões, da nossa vida desportiva em desfile e equação.

● E já agora, **no dia 10,** a partir das 15 e 30, festa grande no Porto, com etapas no Bessa, na Marisqueira Cufra e no Teatro Sá da Bandeira: os programas desportivos «Alvo» (Rádio Renascença: FM, Norte e Centro) realizados por Trindade Guedes e Jorge Peixoto entregam os prémios aos melhores do desporto português na última temporada. Pelo 4.ª vez consecutiva, Neves de Sousa (nosso companheiro de Redacção) arrebata uma das duas melhores distinções, classificando-se (segundo a votação dos ouvintes da Rádio Renascença) como o **segundo jornalista desportivo do nosso país.**

Enfim: um Outubro que rasga o calendário repleto de manifestações de amizade.

Hóquei no europeu abre a vencer

Portugal venceu a Alemanha Federal (por 6-3) na 1.ª jornada do 36.º campeonato europeu de hóquei em patins, que se iniciou em Vercelli (Itália). Ao intervalo a selecção portuguesa vencia por 2-1.

Portugal abriu o activo aos 9 minutos, por intermédio de Realista, mas os alemães federais igualaram, para Realista de novo marcar e fixar o resultado ao intervalo da partida em que Portugal sentiu algumas dificuldades durante o 1.º tempo. Na 2.ª metade, a equipa portuguesa carburou melhor e os golos surgiram com maior facilidade. Realista e Vítor Bruno (3) marcaram mais quatro golos, apesar de os alemães federais terem reagido bem e apontado mais dois tentos.

Portugal alinhou neste encontro com Ramalhete, José Carlos, Realista (Alves), Cristiano e Vítor Bruno. Hoje, o nosso «cinco», defronta a Suíça, na 2.ª jornada do torneio que se prolongará até ao dia 8.

Jogo insular

A selecção de Ponta Delgada (Açores) de hóquei em patins derrotou a Associação Desportiva de São Vicente, por 7-5.

Portugal fora do andebol europeu

As derrotas (expressivas) das equipas portuguesas na «mão» das provas europeias de andebol, (masculino e feminino) praticamente não deixaram hipótese de recuperação nos jogos de «retorno», isto é, da 2.ª «mão». A dedução (lógica) corporizou-se e, de uma assentada, três grupos nacionais (Benfica, em masculinos, mais Oeiras e Académico do Porto, em femininos) disseram adeus à Europa. Resta a OCD Torres Novas, inscrito (em femininos) na «Taça FIA», qualificado para a segunda «mão» por isenção no sorteio da eliminatória inaugural.

Mas o Benfica honrou-se e honrou o andebol lusitano ao conseguir um empate (perdera antes por 9 golos de diferença) em Graz, frente ao Wagner Biro. Talvez porque desmotivados quanto ao resultado da eliminatória, os «encarnados» arrancaram uma exibição plena de acerto defensivo-atacante, a que se aliou depois uma vontade firme de vencer o encontro. Não foi possível, mas em terras austríacas ficou uma «aragem» consoladora do relativo nível do andebol nacional. A exibição (e o resultado) poderão até ter contribuído para encorajar o prof. António Cunha, (técnico dos benfiquistas) a retirar o pedido de demissão formalizado após o jogo com os austríacos, no penúltimo sábado, na Luz.

As equipas femininas é que estiveram francamente mal, nos jogos da segunda «mão» disputados em território lusíada. Ambas foram batidas por resultados (expressivos) sensivelmente iguais quando seria perfeitamente de esperar que, como visitadas, conseguissem aligeirar a acentuada desvantagem trazida dos seus encontros em Espanha. Mais uma vez o nosso andebol ficou-se pela «tentativa» de aprendizagem.

Resultados «Taça dos Campeões» (masculinos): Biro Graz -Benfica, 25-25 (54-45 no conjunto das duas «mãos»). Femininos: Oeiras - Balonmano Iber de Valência, 9-26 (18-55 no conjunto). «Taça das Taças: Académico do Porto - Leganes de Madrid, 13-20 (28-40 no conjunto das duas «mãos».

Tiro nuclear de aviso

Continuação da pág. 2

ções norte-americanas; ameaças por parte de regimes islâmico-fundamentalistas ao livre acesso do Ocidente aos poços de petróleo da zona; ameaças sérias contra a segurança de Israel; acções políticas, económicas e militares contra Estados árabes amigos dos EUA.

Que tipo de «advertências nucleares» poderia ser utilizado? Vários: 1 — radioactivização de aeroportos e outros locais de aterragem; 2 — detonações hídricas a grande altitude; 3 — ataque directo da força aérea, com ogivas nucleares, contra forças inimigas em terra; 4 — golpe exemplar contra uma guarnição de um país claramente pró-soviético; 5 — golpe demonstrativo num santuário religioso (para «confirmar» na opinião pública, as ameaças nucleares sovitéticas); 6 — criação de uma zona radioactiva na transversal da direcção provável do avanço do adversário.

Porque é que este tipo de acções é atribuído ao CENTCOM, e separado da NATO, como tal? A explicação é óbvia, para todos quantos tenham boa memória. Muitos estarão recordados do verdadeiro escândalo causado pelo antigo secretário de Estado, Alexander Haig, em 1981, quando este declarou ante a Comissão Política do Senado dos EUA que a NATO tinha planos de utilização de armas atómicas para fins **intimidativos** e **demonstrativos**. Esta afirmação e outras idênticas de diversos altos funcionários da Administração Reagan causaram o assombro das opiniões públicas e levaram os dirigentes da Europa Ocidental a pronunciar-se claramente contra essas hipóteses (que, no segredo dos corredores, já há muito decerto eram conhecidas, como aliás tem vindo a ser denunciado por especialistas de questões estratégicas).

Esse escândalo convenceu os EUA de que os parceiros europeus da NATO não desejariam ver-
-se envolvidos em acções militares desse tipo e poderiam entravar as decisões de Washington. Aliás um dos princípios da actual Administração é o de não contar com os outros para levar a cabo a política norte-americana, mas depender tanto quanto posível das próprias forças e decisões.

Segundo Francis West, chefe do Departamento das Questões de Segurança Internacional do Pentágno, os objectivos da política de defesa e segurança dos EUA no Médio Oriente (incluindo pois a região do Golfo) são : 1 — garantia de segurança de Israel ; 2 — apoio a Estados árabes «moderados» na defesa contra ataques de Estados árabes «radicais», que esses ataques sejam abertos, quer revistam a forma de extenção de conflitos regionais, quer de actos subversivos promovidos do exterior; 3 — limitação da influência militar soviética na região e dissuasão de uma eventual intervenção de Moscovo. Segundo o estudo de West, publicado no ICA-Bulletin de 16 de Março do ano passado: «Os EUA não devem dar de si a imagem de terem falta de vontade ou de força para defender os interesses ocidentais».

Analisemos agora em síntese os meios de que dispõem os EUA para as suas acções directas no Médio Oriente: 1 — força de intervenção rápida (230 mil homens, mais de 350 aviões de cambate e 20 a 30 navios de combate); bases militares, nomeadamente Ras Banas (Egipto), Masira (Omã), Berbera (Somália), Mombaça (Quénia), Diogo Garcia; o potencial nuclear das 6 e da 7. Frotas, que, segundo se calcula, dispõe de 2500 a 2800 armas atómicas; as forças aéreas estratégicas capazes de operações nucleares limitadas (exs.: os B-52 que sobrevoam regularmente vastas regiões do Médio Oriente, transportando armas nucleares); o recurso a uma potência vassala, como, por exemplo, Israel, que, segundo se sabe, dispõe já de capacidade para 200 armas atómicas.

A ilha dos cães

25

Desenho **Florenci Clavé**

Texto **Guy Vidal**

Continua

Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO PÚBLICO
Agências Aduaneiras

Constitui objecto do presente concurso a exploração dos seviços das agências aduaneiras da CP — Caminhos de Ferro Portugueses, EP situadas em Valença do Minho, Barca d'Alva, Vilar Formoso, Marvão-Beirã, Elvas, Lisboa e Porto.

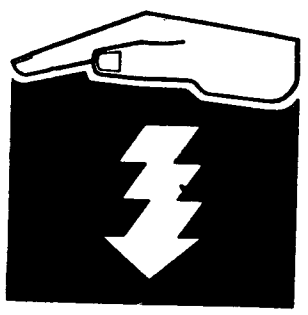
As propostas poderão referir-se somente a uma agência aduaneira, grupo de agências aduaneiras ou totalidade e deverão ser entregues até às 17 horas do dia 8 de Outubro de 1983, no Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.° andar, Lisboa, directamente pelos concorrentes ou seus representantes, mediante recibo passado pela CP, ou serão enviadas em carta registada com aviso de recepção, para a morada abaixo indicada, de modo a serem recebidas até ao dia e hora acima referidos.

A abertura das propostas será efectuada no dia 12 de Outubro de 1983.

As propostas serão redigidas em português e encerradas em sobrescrito fechado com os seguintes dizeres:

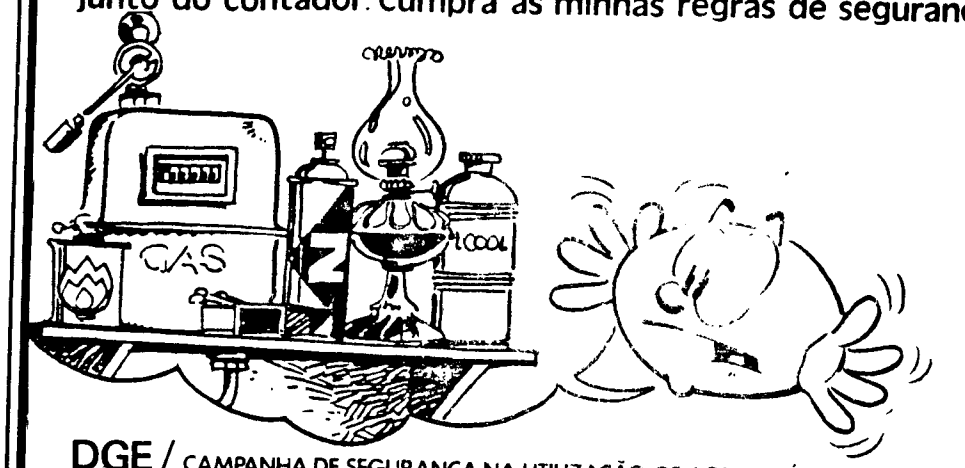
«Proposta para a exploração da Agência Aduaneira em (ou Agências Aduaneiras) dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP».
Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP.
Apartado n.° 2733
1118 LISBOA CODEX

Para a obtenção do «programa do concurso» e «contrato tipo» os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Estudos Comerciais — Departamento Comercial — Estação de Santa Apolónia — 1.° Andar — Porta 7 — 1196 LISBOA CODEX.



POUPE ELECTRICIDADE
Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

Não coloque produtos inflamáveis ou de acção corrosiva junto do contador. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

'A Luz da Paixão' de Costa-Gravas

Yves Montand e Lila Kedrova num filme sobre o exílio do desespero: «A luz da paixão»

Pela primeira, pela única vez que Costa-Gravas sai do «filme político», o seu cinema perde toda e qualquer transparência, mergulha no artificialismo e no literário, volatiliza o real numa teia nocturna, numa deriva. E, surpresa das surpresas, há aqui um voo sobre o desespero que é quase uma euforia triste, uma embriaguez cansada.

O título português deste filme **(A Luz da Paixão)** é excessivo. Difícil é traduzir **Clair de Femme,** expressão que nasce do luar. «Clair de Femme» é, à letra, uma claridade irradiada pela mulher. Qualquer coisa pálida (menos forte que a luz) e apaziguadora (certamente sem turbulências de paixão), frágil e etérea. O título original é exacto na sua beleza imediata: do que este filme fala é de uma noite de espera e desespero, do encontro de dois ombros cansados num mundo que se esvai.

Seria ridículo pedir a **A Luz da Paixão** uma sólida verosimilhança psicológica, uma construção à Sautet com os seus apontamentos de real. Porque é óbvio que o propósito de Costa-Gravas é outro: traçar uma espécie de rota do exílio que o desespero sempre produz. Não apenas a solidão mas aquele estado de estranheza, de ruptura, de sensação de se não pertencer a nenhum sítio, a nenhum território social. Claro: não há personagem que não seja pintado a cores fortes, berrantes, dir-se-ia. Desde Sonia a Galba, só existem exilados, perdidos. Uma é judia russa e rica e a sua festa é uma espécie de esgar antes da dor se tornar loucura; o outro é um amestrador de animais, com um número de maugosto num **cabaret,** à beira da morte, com o horror da solidão. Os outros personagens também andam por aí. O real? O real é o polícia enfatuado, é o médico que não percebe nada. O real é prosaico, coscuvilheiro, triste.

Diálogos literários, pois, como fazer para testemunhar que o desespero é mais dos que as lágrimas, é um corte da textura psicológica das pessoas, é um sonambulismo lúcido? Estrutura dos personagens sem solidez, é claro, não se trata de contar a vida de pessoas, trata-se de as apanhar no momento em que não são nada, destroços no magma da cidade. Quer dizer, é preciso olhar este filme no lugar que ele ocupa e não do psicologismo naturalista que se pode supor, erroneamente, ele pretender.

Se o fizermos, teremos direito a uns instantes de partilha de coisas tão fundas quanto o coração humano pode albergar. E de uma ternura balsâmica, um sorriso, uma claridade de mulher que ilumina o negrume do mais íntimo desnorte.

FICHA:

Título original: «Clair de Femme.»
Realização: Costa-Gravas (França-RFA-Itália-1979).
Argumento: Costa-Gravas, segundo romance de Romain Gary.
Fotografia: Ricardo Aronovich.
Cenários: Mário Chiari, Eric Simon.
Música: Jean Musy.
Montagem: Françoise Bonnot.
Interpretação: Yves Montand **(Michel),** Rommy Schneider **(Lydia),** Rómolo Valli **(Galba),** Lila Kedrova **(Sónia),** Heinz Bennent **(Georges),** etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Cine 222 e Turim.
Classificação: Para maiores de 16 anos.
Duração: 105 minutos.

Temporada de concertos no São Carlos

Prossegue amanhã a temporada de concertos do Teatro Nacional de São Carlos, com um recital especialmente dedicado à comemoração do 100.º aniversário da morte de Ricardo Wagner e exclusivamente preenchico com obras deste compositor.

Este concerto trará a possibilidade de se ouvir Elsa Saque cantar o ciclo dos **Wesendoncklieder.** A cantora, já sobejamente conhecida do público português, apresenta-se regularmente nas temporadas de ópera do Teatro de São Carlos, onde as suas actuações na temporada passada (como Susanna em **As Bodas de Figaro,** Lauretta em **Gianni Schicchi** e Antónia em **Os Contos de Hoffmann**) obtiveram grande êxito junto do público e da crítica. O maestro John Neschling dirigirá aberturas e prelúdios do genial compositor de **Tristão e Isolda** à frente da Orquestra do Teatro de São Carlos.

Como grandes solistas teremos a presença de Yvonne Lefébure que interpretará o **Concerto em Sol** de Ravel no dia 11 de Novembro. Esta célebre pianista, professora de alunos tão distintos como Samson François e Dinu Lipatti, é possuidora de uma carreira prestigiosa.

António Meneses, jovem violoncelista brasileiro já com uma grande carreira internacional e 1.º premiado nos últimos Concursos Internacionais de Moscovo e Munique, interpretará no dia 25 de Novembro o **Concerto para Violoncelo e Orquestra** de Dvorak. Será dirigido por Yoshimi Takeda, maestro com uma carreira que já lhe proporcionou apresentar-se em todas as grandes salas da Europa, Ásia e América. Este músico tem uma actividade de divulgação cultural nos EUA de tal modo importante que o Governo daquele país já lhe rendeu variadíssimas homenagens.

Sequeira Costa, um dos grandes nomes da música no nosso país, apresentar-se-á tocando a **Rapsódia sobre um tema de Paganini** e de Rachmaninov.

O maestro John Neschling, director musical do Teatro Nacional de São Carlos, que dirigirá os concertos em que colaborarão como solistas Elsa Saque, Yvonne Lefébure e Sequeira Costa, foi recentemente nomeado director-geral da Música do Estado do Rio de Janeiro.

Vasco Barbosa, um dos mais conceituados violinistas portugueses, concertino da Orquestra do Teatro de São Carlos, tocará o **Concerto para violino e orquestra** de Katchaturian, dirigido pelo maestro Silva Pereira, no dia 14 de Outubro.

O Teatro Nacional de São Carlos procura nesta série de concertos associar-se também às comemorações do 150.º aniversário do nascimento de Brahms, incluindo na programação a **Sinfonia n.º 2 do referido compositor.**

Saliente-se que o concerto de 25 de Novembro, também será patrocinado pelo «Bank of London & South América» por ocasião da comemoração do seu 120.º aniversário.

Ana Magnani morreu há dez anos

Decorreu a semana passada em Roma o programa da «Semana de Ana Magnani» que principiou com uma homenagem, durante a partida de futebol Roma - Milão, no estádio olímpico da capital italiana.

Simultaneamente, as associações musicais da região da Umbria dedicavam à actriz o «Requiem», de Verdi, e uma cerimónia comemorativa num teatro de Perugia.

Na igreja em que teve lugar o funeral da famosa actriz, foi celebrada uma missa solene e, nos estúdios da Cinecita foi organizada a manifestação «Uma Noite para Ana». Durante a semana foi apresentada uma resenha dos filmes interpretados pela actriz.

Ana Magnani morreu há dez anos. Segundo alguns críticos, a Magnani teria dado «um rosto a Roma» e, segundo outros, «à Itália». O certo é que a sua morte despertou uma vaga altíssima de tristeza popular.

A dez anos de distância, folheando a abundante documentação que a ela se refere, não podemos deixar de sorrir dos escrúpulos do cronista que, segundo o diário «Il Messaggero», tentou apurar com exactidão o lugar do nascimento de Ana Magnani e concluiu, consternado, que não «se sabia se a actriz tinha nascido em Roma ou em Alexandria, no Egipto».

Sepultado no tempo parece estar, contudo, o conceito que ela tinha de si mesma nos anos 50, no momento da sua maior popularidade: o conceito global que o público tinha desta actriz, avessa a todo o mundanismo para viver num misterioso isolamento que lhe permitia, segundo o já citado jornal romano, «adquirir a frescura dos caracteres populares e ser protagonista de grandes paixões, com homens muito mais novos do que ela».

O teatro foi o começo e o epílogo da sua carreira. Ana Magnani subiu à cena em 1929, com a companhia de Vergani-Cimarra, e depois ingressou na de Arcimboldi, em Milão, que abandonou para seguir um homen de quem se havia enamorado.

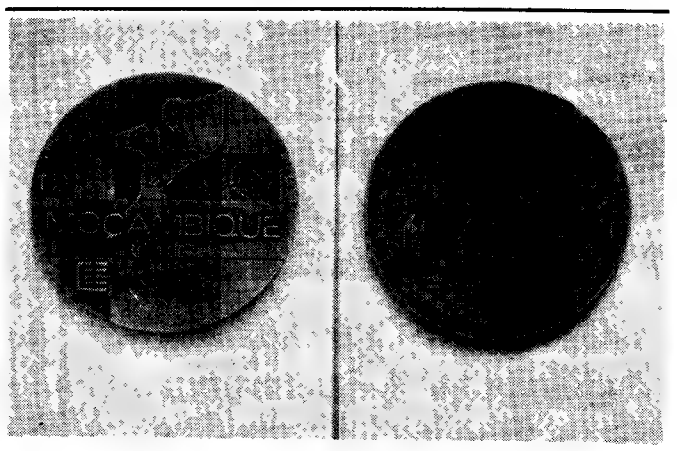
Em 1935 casou-se com o realizador cinematográfico Goffredo Alessandrini, de quem teve um filho, Luca, que hoje tem 40 anos e é arquitecto.

O seu primeiro filme foi «A Cega de Sorrento» (1937), fita irrelevante se a compararmos com as do pós-guerra, quando «qualquer filme com Ana Magnani se convertia num filme de Ana Magnani».

«Roma, Cidade Aberta», de Rossellini, pode-se dizer que foi o seu verdadeiro «debut» como actriz. Começava o neo-realismo que descrevia uma Itália miserável, inquieta, sofredora, apaixonada, em tudo idêntica ao olhar da grande actriz.

Um dos seus melhores filmes foi «Belíssima», de Visconti (1951), o último antes da sua viagem a Hollywood, onde viria a conquistar o «Óscar» pela sua interpretação em «A Rosa Tatuada». Ana Magnani não participou na cerimónia de entrega e pediu que lhe enviassem o prémio para a sua casa de Roma.

Entre as suas últimas aparições no cinema registe-se a interpretação de «Mama Roma», dirigida por Piero Paolo Pasolini, que dedicou à Magnani alguns dos seus melhores versos.



Medalha comemorativa da Semana de Moçambique

Registando a aproximação cultural entre Portugal e Moçambique, sublinhada de forma tão cabal com a realização da «Semana» que decorre no Casino Estoril, foi editada uma medalha comemorativa, especialmente criada para o efeito por Thomaz de Mello/TOM.

A peça, cuja tiragem é de 500 exemplares, apresenta no verso um baixo-relevo com motivos moçambicanos, sendo o reverso ocupado pelo mapa de Moçambique e pelos símbolos das entidades que colaboraram na concretização deste certame cultural, nomeadamente os logotipos das Linhas Aéreas de Moçambique, da TAP-Air Portugal, do Hotel Polana e da Estoril-Sol.

Esta medalha que poderá ser ser adquirida ao preço de mil escudos por unidade, acha-se à venda no Casino Estoril.

Assinalando o encerramento da «Semana de Moçambique no Estoril», os CTT de Portugal, em decisão plena de oportunidade, criaram também um carimbo comemorativo que será aposto no próximo dia 10 de Outubro, no posto de correio que tem funcionado no Casino Estoril.

Werner Shroeter intimado a abandonar a Argentina

O realizador oeste alemão Werner Shroeter foi intimado a abandonar a Argentina no mais breve espaço de tempo por um «comando para a moralidade» que lhe telefonou várias vezes, soube-se ontem nesta capital de fonte bem informada.

O comando também se referiu aos responsáveis do Goethe Institut da capital argentina, onde Werner Shroeter dirige presentemente um seminário.

Durante a sua estada na Argentina, o realizador de «A Morte de Maria Malibran» e de «Repetição Geral» filmou também diversos aspectos da sociedade argentina, tais como as comunicações, a cultura, o nível de vida da população e a prostituição.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

"Com bons olhos..."

SÃO dez e meia. Aqui estou eu, feito paspalho, à espera que a Televisão comece. Aqui estou eu, a olhar para a mira técnica e a ouvir música. Qual, não sei. Apenas oiço.

Ficarei depois a ouvir e ver aquela reportagem sobre a actividade escutista de inspiração católica. Com muitos depoimentos. Sem nunca se explicar porquê em Portugal o escutismo urbano terá praticamente desaparecido.

Aqui ficarei para a missa dominical, onde se rezará pelos pobres, pelos reformados, pelos desempregados, pelos marginais. E onde se fala do pecado. Onde se fala disso com abundância. Que Deus perdoe os nossos pecados e assim por diante. Mas o que é o pecado?

O oficiante diz que «pecado é a impotência de renascer». A frase é muito bonita, talvez apenas excessivamente literária. Uma tentativa de lhe dar a volta, de sugerir que a Igreja não é assim tão má como isso, tão judiciária como isso.

Mas se pecado fosse isso, de que pediríamos perdão a Deus? Pedir-lhe-íamos ajuda, compreensão. Como a um irmão. A um amigo.

Pecado é comer rebuçados a mais; é o desejo activo na cama solitária; é repontar aos professores; é faltar ao respeito aos pais. Depois, bem... Ao longo da vida, quantos pecados! Não têm conta. A própria vida – oh, Deus! – tem origem criminosa, como o fogo posto nas florestas...

Senhores sacerdotes: peçam a presença de Deus para ajudar a construir a alegria e a justiça, para ajudar a levar o sofrimento. Não falem de pecado, que é pecado.

Pecado é isto: estar para aqui entre as quatro paredes de uma jaula enquanto lá fora ainda há sol, ainda há Verão, ainda há amigos...

Sumário dará Congresso do PS com as bancadas vazias. E os libertados da UNITA, não têm razão de queixa, é uma tropa muito disciplinada, foram muito bem tratados, enfim, ficamos com a impressão de que passaram umas férias – e tudo porque o repórter fechou demasiado o leque das perguntas. E também ouvimos o ministro Ernâni Lopes não sei quê «stand by», não sei que «finantial facility», enfim, o que se chama linguagem ao alcance de todos os portugueses.

A seguir à TV Rural e aos toiros vem uma terrível extensão de produção estrangeira. Até depois das seis horas da tarde vai estender-se um medonho festival dos Estados Unidos, com excepção para a última emissão da série **os grandes desertos**, esta por sinal de origem canadiana.

Pelas rubricas apresentadas com tanto amor e carinho, pode-se fazer uma ideia da colossal barragem de fantasia, destruidora do espírito crítico, a que está submetido o povo americano. O caduco **«o barco do amor»** voltou à emissão regular; «Sete noivas para sete irmãos» lá segue, a chular o título de um filme célebre embora sem nenhuma relação com ele. Para já não falar do Popeye que – do mal o menos! – em vez dos 45 minutos com que nos ameaçaram durou apenas 14, e do «Expresso dos animais» com papagaios, elefantes e semelhantes.

Para aqui estou eu, feito paspalho, a alinhavar umas coisas, enquanto no televisor silenciado decorrem cenas lamentáveis do «Pirata». A mim, o que me espanta, é como se agiu daquela maneira para o «Pato com laranja» e se fecha os olhos para esta autêntica pirataria, a todos os níveis. Como dizia o outro: critérios...

O respeito pelo cumprimento de horários (que caracteriza a personalidade de uma televisão digna desse nome) continua a ser letra morta na RTP.

O Telejornal começou com seis minutos de atraso (por que seria?...); «Sim, sr. Ministro», com 18; a rubrica dos fados em Lisboa, com 19; igualmente com 19, **O Pirata**. Inadmissível.

Do Telejornal, retiro uma frase que deve ter posto calafrios em muitos portugueses: **«Nos meios financeiros internacionais estão a ver com bons olhos a política económica que está a ser seguida em Portugal».** Assim mesmo. A máxima brutalidade com a máxima naturalidade. A vergonha transformada... em elogio!

De «Sim, sr. Ministro» gostaria de lhes falar com tempo. Como não é possível, limito-me a transcrever o trecho de um diálogo entre o ministro e o seu director-geral, Humphrey:

Ministro – **Compete-lhe ajudar os ministros a fazer figuras de parvos?**

Humphrey – **Não conheço nenhum que precisasse de auxílio...**

E aqui estou eu, feito paspalho, dois minutos depois da meia-noite, enquanto a bandeira me acena no televisor. Aqui estou eu imaginando como a televisão poderia ser uma coisa maravilhosa, um trunfo sem par na construção cultural de um país que 50 anos de repressão e de obscurantismo deixaram sem teatro, sem cinema, sem bases de divulgação artística...

Mas deixa lá, rapaz. Terça-feira terás na RTP a figura desse homem importante no contexto (e até sem texto) internacional que se chama Jaime Gama. A NATO, pelo menos, está gamada nele.

Hoje

Fialho Gouveia apresenta na RTP-1, mais uma sessão do concurso «Vamos caçar mentiras»

15.00 Curso de Formação de Professores Monitores da Telescola
17.00 Roy Roger
17.50 Sumário
18.00 O sítio do Picapau Amarelo
18.25 Curso de Línguas, Inglês
19.00 Teleregiões
19.25 Tempo dos Mais Novos «Segredo dos Dedos» – Flores secas
20.00 Tejornal
20.30 Telenovela «Pai Herói»
21.20 Concurso «Vamos Caçar Mentiras»
22.55 Último Jornal

A Rubrica Teatro no Mundo, da RTP-2, apresentada esta noite, a de Shakespeare, intitulada «Hamlet» (1.ª parte)

19.02 Desnhos Animados «Moby Dick»
19.30 TV/2 Notícias
19.40 Se o mar acabasse
20.10 Poliedro «Viseu» A cidade e sua história, desde os primórdios até ao séc. XVIII
20.45 Teatro no Mundo «Hamlet» (1.ª parte)
22.45 Jornal da noite
23.05 Histórias de Amor «Hannah»

Amanhã

12.00 Desenhos Animados; 12.20 O Mar e os seus recursos; 12.50 Voar; 13.30 Jornal da Tarde; 13.55 As Regras do Casamento; 15.00 Curso de Formação de Professores e Monitores da Telescola; 16.55 Jeito e efeito; 17.00 Expresso dos animais; 17.50 Sumário; 18.00 As Novas Aventuras de Popey; 18.25 Curso de Línguas Francês; 19.00 Teleregiões; 19.25 Tempo dos Mais Novos; 20.00 Telejornal; 20.30 «Pai Herói»; 21.10 Avenida Paulista; 21.55 Grande Reportagem com o ministro dos Negócios Estrageiros; 22.50 Último Jornal.

19.00 Desenhos animados; 19.30 TV/2 Notícias; 19.40 Património; 20.10 Cine Clube/2 com o filme «Cassandra Crossing»; 22.20 Jornal da Noite; 22.40 O Dia do Mercado.

ouro

TODOS OS OBJECTOS MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

S. R.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 2.ªPRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 6 de Outubro de 1983, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, 5-4.º vai à praça o móvel abaixo descrito, penhorado a Touzet-Construções Civis Industriais, Ld.ª com sede na Rua dos Lusíadas, 17, Lisboa, no processo executivo n.º 6440/81, instaurado por dívida a Imposto Profissional.

BEM PENHORADO

Verba única:
Uma grua da marca POTAIN — 425 C com o n.º 17 630, com 30 metros de altura, uma fecha de 30 metros, no valor presumível de 1000 contos.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 29 de Setembro de 1983

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Mecaista Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL» — 3/10/83

GRATIFICA-SE BEM

a quem indicar o paradeiro de:
MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS e VÍTOR MANUEL ROMANO CRUZ INÁCIO
Recentemente estabelecidos em CASTANHEIRA DE PÊRA e tendo-se ausentado para parte incerta.

Resposta a este jornal ao n.º 31 001

HÉLDER RIBEIRO

SARGENTO-AJUDANTE MUSICO DA GNR

FALECEU

Mercedes Pires Ribeiro, Maria Hélder Pires Ribeiro, José Joaquim Pires Ribeiro e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai e parente e que o funeral se realiza hoje pelas 16 h saíndo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição — Olivais Sul — para o Cemitério dos Olivais.

Agência Funerária Lemos Ld.ª
Telefones: 570620/577721

Caminhos de Ferro Portugueses

Aviso ao Público

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 3 de Outubro de 1983, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de quatro pavilhões iguais, na estação de Lisboa (Cais do Sodré).

A anuidade mínima a oferecer é de 250 000$00 por cada um e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 42 000$00 por cada pavilhão e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— **LISBOA (Cais do Sodré)**
— **Serviço Comercial de Passageiros**
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação de um pavilhão n.º..... na estação de Lisboa (Cais do Sodré).»

O Chefe do Serviço de Relações Públicas
Dr. Américo Ramalho

Se conduzir não beba

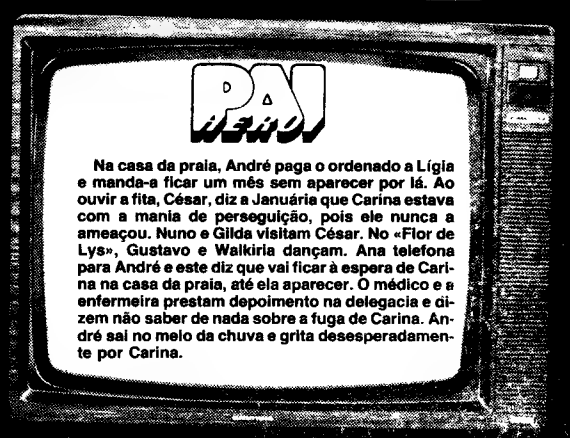
ALCOOL E CONDUÇÃO

2 RODAS mais atenção!

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP — **Vamos Caçar Mentiras (21.15)**

2 RTP — Teatro no Mundo «Hamlet» (20.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Conferências

Na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), com entrada livre, recomeçam amanhã, às 18,30, as conferências da série «3.ªs-feiras da SLP».

A dr.ª Clotilde Correia Botelho, leitora de português em Paris, apresentará a colóquio o tema «O português além-fronteiras», desenvolvendo o seguinte tema: a integração dos filhos de imigrantes no ensino em França; referência à actividade do CRESAS com crianças em dificuldade de adaptação escolar; participação no trabalho de investigação linguística – numa escola pré-primária, em Paris (1975-1980); alargamento para o plano social em relação com a família, no plano pedagógico com os professores; prestígio da língua materna, quando introduzida no meio escolar francês; e resultados a nível das crianças, da escola, da família.

Cinema

A Cinemateca Portuguesa apresenta amanhã, às 18,30, o filme etnográfico **Fisrt Contact,** reportagem filmada do primeiro contacto entre europeus e papuas da Nova Guiné.

Nos anos 30 descobriu-se que um milhão de pessoas viviam no centro da Nova Guiné. A sua existência não fora sequer suspeitada pelo mundo exterior. Habitando os vales situados entre duas cadeias paralelas de montanhas, esta gente tinha vivido completamente isolada do resto da Nova Guiné colonial. Os primeiros europeus a entrar neste mundo oculto eram prospectores de ouro australianos, em busca de um El Dorado.

Os autores de **First Contact,** o jornalista Bob Connolly e a investigadora Robin Anderson, basearam-se num filme feito por um pioneiro da penetração europeia nas terras altas da Nova Guiné – o prospector de ouro Michael Leahy – a que acrescentaram entrevistas a velhos montanheses que recordavam os acontecimentos ocorridos 50 anos antes.

No final da sessão, Bob Connolly proferirá uma conferência sobre este trabalho.

O filme recebeu os seguintes prémios:

Prémio Greater Union para o Melhor Documentário, no Festival de Cinéma de Sydney, 1983.

Grande Prémio Cinéma du Réel, Paris, 1983.

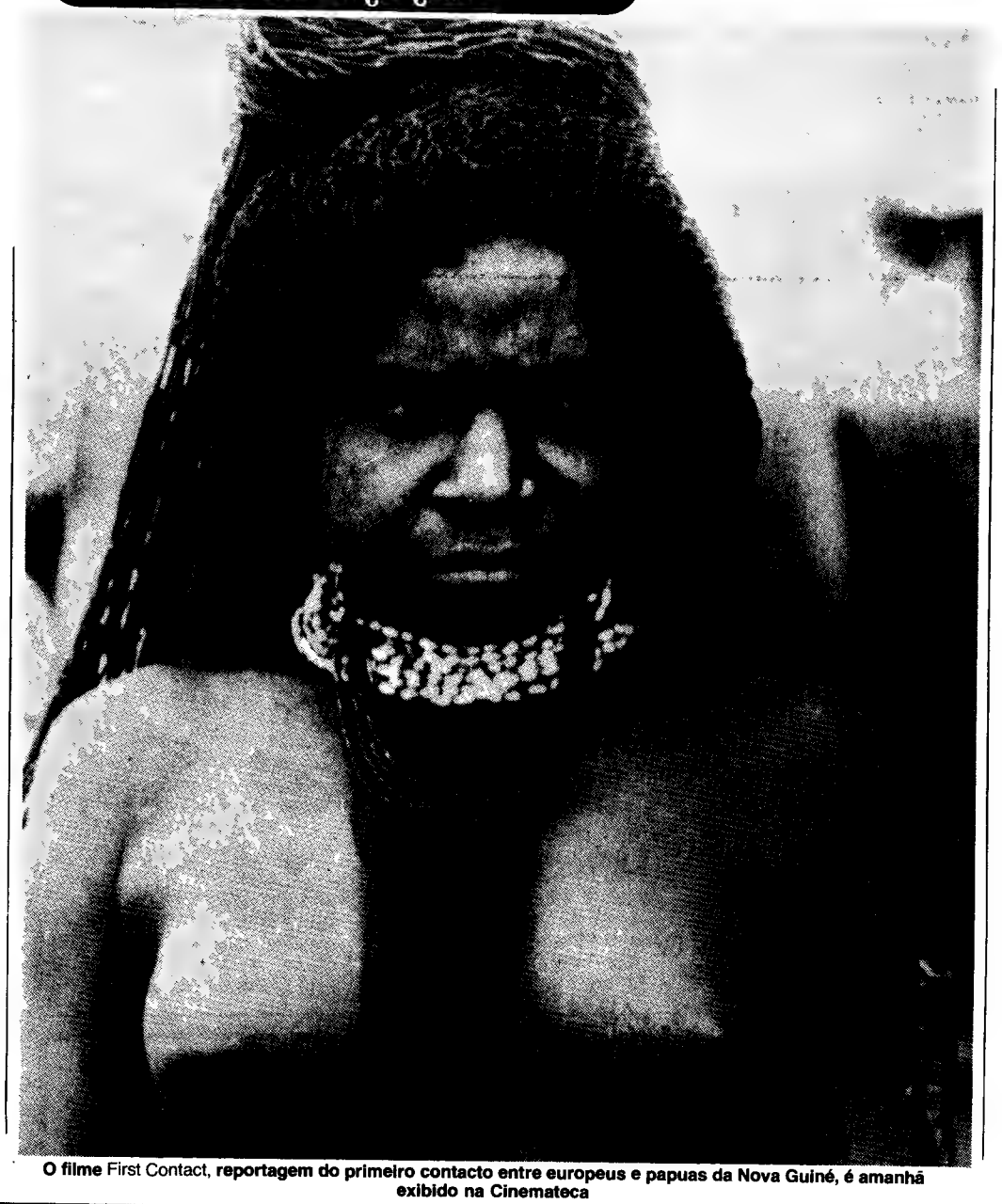
Grande Prémio, Secção de Sociologia, no Festival de Cinema de São Francisco, 1983.

Exposições

A Galeria «Diário de Notícias» inicia a actual temporada com a ianuguração, hoje, de uma exposição do mestre Frederico George, um dos nomes mais prestigiados da arte portuguesa contemporânea.

Professor catedrático da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa onde contribuiu para a renovação do ensino e a formação de sucessivas gerações de alunos, Frederico George como arquitecto tem uma obra notável assinalada com numerosos trabalhos de equipamento geral, habitação social e urbanismo. Com efeito, nas últimas décadas projectou e dirigiu os sectores de Urbanismo e Habitação, na exposição de Obras Públicas apresentada em 1948, no Instituto Superior Técnico; o pavilhão da exposição dos Estados Unidos da América do Norte, em 1951, 52 e 53; a representação portuguesa na Exposição do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, orientada em 1954 por Jaime Cortesão: o sector das Ciências e Artes no Pavilhão de Portugal, na Exposição Internacional de Bruxelas, de 1958; a exposição comemorativa do IV Centenário do Infante D. Henrique, que decorreu em Lisboa e em Paris, em 1960; o Pavilhão de Portugal comemorativo do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, em 1964; e o Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Osaca, em 1970. Também projectou e dirigiu as obras de restauro do Palácio dos Marqueses de Fronteira (século XVI, XVII e XVIII), em S. Domingos de Benfica; a reintegração da casa do dr. Pedro Monjardino (século XVIII) no Caracol da Graça; o Museu da Fundação Medeiros e Almeida em Lisboa e, entre muitos outros empreendimentos de vulto, o Museu de Marinha e o Planetário Gulbenkian.

Igualmente notável é a obra de Frederico George como pintor, da qual a Galeria «Diário de Notícias», dirigida pelo jornalista António Valdemar, proporcionará uma visão panorâmica dos diferentes ciclos de criatividade. Participou a partir da década de 30 nas principais exposições realizadas entre nós empenhando-se pela implantação da arte moderna. Entre outras distinções obteve o prémio «Luciano Freire», atribuído, em 1936, pela Academia Nacional de Belas Artes (a que pertence desde 1968), várias medalhas de honra concedidas pela Sociedade Nacional de Belas Artes (de que tem sido dirigente em diversos períodos)



O filme First Contact, **reportagem do primeiro contacto entre europeus e papuas da Nova Guiné, é amanhã exibido na Cinemateca**

MANUEL FRANCISCO SIMÕES ALVES DE SOUSA

MISSA DE 7.º DIA

Maria Inês Peixoto Mano Alves de Sousa, filhos, mãe e mais familia participam que hoje pelas 19,15 horas, na Igreja de Arroios será celebrada missa pelo eterno descanso do seu ente querido, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Agência Salgado, Tel. 548258 — 548724

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	91$50	97$50
ALEMANHA FED (marco)	46$45	47$55
ÁUSTRIA (xelim)	6$55	6$75
BÉLGICA (franco)	2$125	2$325
BRASIL (cruzeiro)	$050	$150
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	99$50	101$50
(notas de 5 a 1000)	100$00	102$02
DINAMARCA (coroa)	12$85	13$25
ESPANHA (peseta)	$770	$890
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	122$80	124$80
(notas de 5 a 1000)	123$30	125$30
FINLÂNDIA (marka)	21$65	22$25
FRANÇA (franco)	15$30	16$00
HOLANDA (florim)	41$60	42$60
INGLATERRA (libra)	184$10	188$10
IRLANDA (libra)	145$60	149$60
ITÁLIA (lira)	$070	$080
JAPÃO (iene)	$492	$527
NORUEGA (coroa)	16$65	17$15
SUÉCIA (coroa)	15$65	16$25
SUÍÇA (franco)	57$60	58$70
VENEZUELA (bolivar)	8$00	9$00

Observações:

1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil**

rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Batida de Limão»; **17.00:** «Zghibz» (RDP/Norte) – (Tranquilamente ao entardecer na Antena Um); **18.30:** Informativo de trânsito; **19.00:** «Informação e Música»; **20.00:** Folhetim: «A vida aventurosa e ardente de Ricardo Wagner» versão biográfica de Alice Ogando. «O Espaço é Seu»; **21.00:** «Toda a Gente é Pessoa»; **21.30:** «Viva a Noite»; **23.00:** Títulos do último jornal; **23.30:** Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.20: Música de Câmara: – Quinteto em fá menor op. 34, de Brahms.; **16.35:** Solos de órgão; **17.00:** Rosa Rosae, programa de temática feminina; **17.30:** Árias de óperas: – Ária do Príncipe Igor da ópera «Príncipe Igor», de Borodine. – O du mein holder – Tannhauser, de Wagner. – Die Frist ist um – O navio fantasma, de Wagner; **18.05:** «Culturando», diário de actualidade cultural; **19.30:** «Terra-viva, planeta azul»: os perigos da sociedade de consumo; **20.10:** Música de bailado: – As silfides, de Chopin; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Os Caminhos do Homem; **23.00:** Intercâmbio musical. Festival Schwetzingen de 1983 – gravações cedidas pela Rádio Alemanha do Sul. Intervalo: Peças para guitarra. 2.ª parte: Música de Britten; **00.30:** Sonata em si bemol maior, de Handel; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; **17.00;** Rápido das cinco; **19.00:** Musical; **20.00:** Conta corrente; **20.30:** Quando o telefone toca (3 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** 23.00: 24.ª hora; **01.00:** O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som da frente; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em Órbita; **20.00:** Cinco estrelas; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Café Concerto; **00.00:** Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube; **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Programa da LAR; **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de Música; **22.00:** Ouvir e pensar (inclui «Rosa dos Ventos»); **23.00:** Última Hora; **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares todas as horas.

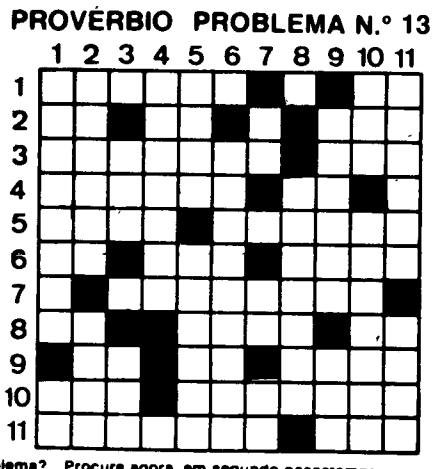
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 850

HORIZONTAIS:

1 Cortas, dando uma certa forma. Em a.
2 Prefixo que designa afastamento. Carta de jogar. Preposição.
3 Doutor da lei (pl). Ena!
4 O mesmo que drainar. Clima.
5 Cidade e porto no folgo da Guiné setentrional, na costa do Ouro. Subjuga.
6 Sódio (s.q). Alúmen. Procedes.
7 Ajuizados.
8 Duas vogais desiguais. Charneca. Rio de Itália.
9 Sua Majestade. Preposição latina que designa movimento. Ratar.
10 Fruto da ateira. Garbo.
11 Viscosa. Duna na Suécia.



VERTICAIS:

1 Delonga. Deus dos pastores (inc).
2 Cinge. Tempo do verbo estar.
3 Árvore da ex-Índia Portuguesa. Conjunção.
4 Província industrial da Bélgica.
5 Burra. Animado.
6 Salários.
7 Nosso Senhor. Átomo. Sódio (s.q).
8 Artigo definido. Antiga Porcalhota.
9 Risco. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
10 General de Napoleão. Nome de fruto.
11 Aves trepadoras. Rezes.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9702

HORIZONTAIS:

1 Antigo peso de Malaca. Habitas.
2 Gosta muito de. Em a. Cidade dos Países Baixos.
3 Bolsa. Cair à cama.
4 Senhoras. Freguesia do concelho de Castelo Branco.
5 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Bário (s.q).
6 Nota musical. Bostelas.
7 Pegado.
8 Antiga capital da Birmânia. Preposição latina que designa movimento. Abreviatura de radiano unidade de ângulo.
9 Segundo. Nome de jogo. Cubro.
10 Esmoncassemos.
11 Teimo. Planta vivaz e medicinal.

VERTICAIS:

1 Fruta seca especialmente de uvas. Disfarçam.
2 Estimares. Tem em vista.
3 Freguesia do concelho de Mealhada. Senhor.
4 Guarneço de asas. Coragem.
5 Luz.
6 Apaixonados.
7 Ave doméstica do Peru. Compaixão (inv). Apelido.
8 Átomo. Destinos.
9 Move os remos. Carta de jogar.
10 Nome de mulher. Cidade da Ucrânia. Preposição.
11 Honestas. Costuro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 849

HORIZONTAIS:

1 É. RICO. QUEM.
2 Cairo. Turra.
3 Omo. Rires.
4 Ais. Doiro.
5 Ae. Nós.
6 Postigo. Pt.
7 Siaras. Grã.
8 Mios. Eras.
9 Ta! SS. Ag.
10 Ero. Sãs. At.
11 Mesclarias.

VERTICAIS:

1 Ecoas. TEM.
2 AMIGOS. Are.
3 Rios. Sim. Os.
4 Ir. Atais.
5 Cordeiros.
6 Io. Gas. Sa.
7 Trinos. Bar.
8 Quero. Si.
9 Ursos. Grã.
10 ER. Pragas.
11 Marmotas.

Provérbio: É RICO QUEM TEM AMIGOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9701

HORIZONTAIS:

1 Dallas. Edea.
2 Içais. Anota.
3 Au. Pró. Ar.
4 Nas. Sic.
5 Ar. Dio. Erro.
6 Ador. Alao.
7 Or. Avis.
8 Anis. Cm.
9 Mana. Ua. Cre.
10 Amar. Sois.
11 Sósias. Arão.

VERTICAIS:

1 Diana. Damas
2 Acuara. Amo.
3 La. Dornas.
4 Lis. Dor. Ari.
5 As. Sir.
6 Pio. Anuis.
7 Arc. Avia.
8Eno. Elis. Sa.
9 Dó. Tras. Cor.
10 Eta. Ro. Cria
11 Aarão. Eneso.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS
4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
E VIVA A LIBERDADE
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
12.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

15.30, 18.30, 21.30
– M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

14 - 16.30 - 19 - 21.30
Maiores 16 anos
A LUZ DA PAIXÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
A LEI DOS DUROS
N. ac. m 18 anos

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

14 - 16.30 - 21.30
O DESAFIO DO DESTINO
N. ac. m. 13 anos

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
SOLDADO AZUL
3.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

15.30 - 18.30 - 21.30
LADRÕES DO TEMPO
N. ac. m. 13 anos

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

14 - 16.30 - 19 - 21.30
O VINGADOR DA CIDADE
Um filme de Chang Cheh
Int. m. 18 anos

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
62.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. m. 18 anos
VIVER SEM AMANHÃ

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 13 a.
PATO COM LARANJA
c/ Monica Vitti e Ugo Tognazzi

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30, 21.30
Não acons men. 13 anos
OURO
Com Roger Moore, Susannah York e John Gielgud

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
VERÃO ASSASSINO
Com Isabelle Adjani e Alain Souchou
3.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

14.15, 16.30, 18.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
A VIDA É SEMPRE IGUAL

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
STARFLIGH ONE (PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O IMPERADOR DOS BÁRBAROS
c/Peter McCoy, David Jenkins e Marion Long

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
N. ac. m. 13 a.
c/ Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA
2.ª Semana

UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21
LOLA MONTES
23.30
TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM
– M. 18 anos

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21
SERENATA À CHUVA
23.15
A FILHA DO MINEIRO
– M. 18 anos

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 13 a.
LADRÕES DO TEMPO
23.30
A TERRA DAS 100 AVENTURAS
– M. 18 anos

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20, 21.45
AS IRMÃS
23.30
UM HOMEM NA SOMBRA
– M. 18 anos

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
STARLIGH ONE
(PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
VIVER SEM AMANHÃ
Int. m. 18 anos

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
c/Meryl Streep
6.ª Semana

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST
(Verão Indiano)
c/Julie Cristie
9.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
27.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS
5.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
–M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPARNASSE
6.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30
SUPERMAN III
Para todos
Com Christopher Reeve e Richard Prym

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackoford
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS CAVALOS DE VALVEZ
c/Charles Bronson
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO – «O Raid Relâmpago dos Comandos», 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Por Favor não mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Morte ao Sol», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Viciosa Laura», (18 anos) Sessões permanentes
CAPITÓLIO – «Paraíso Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ROYAL – «A Rapariga de Trieste», às 21.30 (16 anos)
PROMOTORA – «As Amazonas do Karate», às 21.30 (18 anos)
CINE ESTÚDIO A.C.D. – «Os Salteadores da Cobra de Ouro», 21.30 (13 anos)
COLISEU – «A Beira da Vergonha», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Academia: «A Grande Decisão» às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter: «A Corrida Mais Louca do Mundo» às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Os Gansos Selvagens», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza: «Tootsie» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido: «Verão Indiano» às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio: «Júlia e os Homens» às 21.15 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio: «Música no Coração» às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estudio Flores: «Ator a Águia Invencível» às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «O Gigante», às 21.30 (10 anos)
S. João do estoril – Cinelândia: «Fuga Para a Vitória» às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino: «O Senhor do Ferro» às 21.15 (12 anos)

Porto

BATALHA – «Piranha II», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «Do Fundo do Coração», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Superman III», às 21.30 (6 anos)
RAIONE – «O Senhor Doutor», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «O Rei da Comédia», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ – «Bairro da Lata», às 21.45 (13 anos)
TERÇO – «Brigada Anticrime», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Rainha dos Tártaros», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO – «A Grande Fuga», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Duelo no Arizona», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Perigo no Espaço», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «O Braço de Ferro», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Tentações Irresistíveis», às 21.30 (12 anos)
ÁGUIA – «Os Cinco Campeões», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA-SÃO TOMÉ – Ziler – Rua São Tomé 54-56 (Tel. 862835); **AREEIRO – Lusitana** – Av. Roma 18A (Tel. 885443); **AV. D. RODRIGO DA CUNHA – Aeroporto** – Av. Alm. Gago Coutinho 101D (Tel. 882384); **BENFICA 2.º CIRCULAR – Benfiluz** – Est. Benfica 444 (Tel. 782606); **BOA-HORA – AJUDA – Boa-Hora** – Rua dos Quartéis 25-27 (Tel. 637777); **CAMPOLIDE-ÁGUAS LIVRES – Rualto** – Rua Alto do Carvalhão 5B (Tel. 651721); **JARDIM CONSTANTINO – Portugal** – Rua Rebelo da Silva 11-13 (Tel. 543340); **JANELAS VERDES – Reis Garrido** – Rua das Janelas Verdes 90 (Tel. 662327); **LUMIAR-QT.º MOURAS – Matos Viegas** – Av. Rainha D. Amélia 34 B (Tel. 794174); **MADRE DEUS – Romana** – Rua Actor Augusto Melo 7A (Tel. 383800); **OLIVAIS SUL – Lemos** – Rua Cidade Beira lt 19 (Tel. 331692); **SALDANHA-HOTEL SHERATON – Oliveira Viegas** – Rua Viriato 29-29A (Tel. 548966); **ALGÉS – Miramar** – Rua Ernesto da Silva 83 (Tel. 2112048); **BRANDOA – Correia** – Est. Principal Lt 172 (Tel. 993148); **ODIVELAS – Joleni** – Rua dr. Alexandre Braga 3B (Tel. 910812).

REFORÇO

BAIXA – Americana – Calçada de Santana 1-3 (Tel. 863984); **CALVÁRIO – Monge** – Rua dos Lusíadas 30-32 (Tel. 636704); **C.º GRANDE-AV. BRASIL – Rainha Santa** – Rua Afonso Lopes Vieira 57B (Tel. 765262); **CHILE-ALTO SÃO JOÃO – Veral** – Rua Morais Soares 109-111 (Tel. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA-S. BENTO – São Marçal** – Rua São Marçal 100-102 (Tel. 325318); **EST. UNIDOS – À CX. PREV. 39 – Celta** – Rua Moura Girão 3B (Tel. 890621); **PICHELEIRA – Mariuz** – Cç da Picheleira 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **POÇO NEGROS – Modelar** – Lg. Dr. Ant.º Sousa Macedo 7 (Tel. 608896); **PRAZERES – União** – Rua Saraiva Carvalho 145 F (Tel. 663643); **REGO – Prates e Mota** – Rua Beneficência 91-93 (Tel. 773728); **SALDANHA – Avenidas** – Av. da República 27 A (Tel. 533688); **VALE SANTO ANTÓNIO – Santo António** – Rua Leite Vasconcelos 72 C (Tel. 862333); **BURACA – Vaz Martins** – Rua António Ferro 6A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores 11 A (Tel. 910305); **PONTINHA – Cruz Correia** – Est. Santo Eloi 41 A (Tel. 992453); **PRIOR VELHO – Matos** – Tv. Prioras (Tel. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA – Soares Correia – Est. Águas Livres. Carenque (Telef. 965517). Permanente; **Amadora** – P. 25 de Abril, 3-A (Telef. 935518). Até às 22 horas; **DAMAIA – Lemos** – R. de Goa, 21-A (Telef. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ – Vasconcelos** – Est. Part. Henrq. Pousão (Telef. 964649). Até às 22 horas; **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliv.ª, 5 (Telef. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM – Guerra Rico** – R. Com. G. Guerra (Telef. 924402). Permanente; **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. Mem Martins, 173 (Telef. 9214103). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Telef. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Telef. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA – Gomes da Silva** – L. D. Afonso, 3-A (Telef. 9232747). Permanente; **COLARES – Abreja** (Telef. 9290088).

MOSCAVIDE – Império – R. 1.º de Maio, 48-A (Telef. 2513234). Permanente; **SACAVÉM – Maria** – R. Salvador Allende, Lote 2 (Telef. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES – Sálvia** – Av. da República, 29 (Telef. 2531240). Até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA – Algarve – R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE – Morgado** – R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356). Até às 22 horas; **LARANJEIRO – Almeida Araújo** –R. D. Duarte, 7-B (Telef. 2292324). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA – Chai** – Av. General Humberto Delgado (Telef. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028); **BARREIRO – Piçarra** – Av. do Bocage, 65-A (Telef. 2074771). Permanente; **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (Telef. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO – Diogo** – R. Almirante Reis, 50 (Telef. 2310032); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Telef. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 234100); **SETÚBAL – Oliveira** – R. da Misericórdia. Permanente; **Alice** – P. do Quebedo, 6. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duarte, Lote A-r/c (Telef. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr., 40-B (Telef. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO-SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb. (Telef. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 ds Outubro, 25 (Telef. 2470037); **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B. (Telef. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058). Permanente; **PAREDE – Mendes-Junqueiro** – R. de Luanda, Lote 5 (Telef. 2477838). Permanente; **S. JOÃO DO ESTORIL – S. João** – Quinta da Carreira Lote 29-A (Telef. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOSEIROS – Amaral Semblano** – Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA – Madeira.** Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria Carlos Anj. (Telef. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS – Nova** – Est. de Alvide – Fontainhas. (Telef. 281044). Permanente.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

CORREIA DE ARAÚJO, R. de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO, LD.ª**, R. de Cedofeita, 125; **LOUSADA**, R. do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1473; **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367.

DE DIA E TODA A NOITE

FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B; **AMEAL**, R. do Ameal, 1227; **DA CRUZ**, R. Costa Cabral, 1082; **SÃO LÁZARO**, Av. Rodrigues de Freitas, 297; **PARENTE**, R. das Flores, 114.

Coimbra

SANTA CRUZ, R. das Padeiras, 94 (T. 23569).

teatros

Lisboa

CORNUCÓPIA – «Novas Perspectivas», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO – Mariana Espera Casamento», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (12 anos)
TEATRO ABERTO – «Comédia à Moda Antiga», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 21.30

Porto

CAMPO ALEGRE – Selva Trupe – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Há mas são Verdes», às 21.30 (18 anos)
TEP – «Florania ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacção. Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro. 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

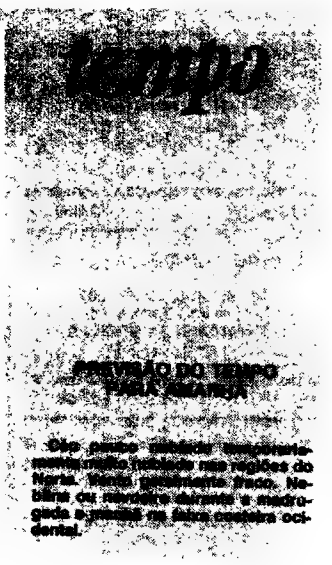
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1 º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
0.15 **3,6 m** 5.56 **1,4 m**
12.34 **3,9 m** 18.34 **1,0 m**

Dia 4
1 09 **3,9 m** 6.50 **1,1 m**
13 25 **4,2 m** 19.22 **0,8 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	13º
VILA REAL	–
PORTO	14º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	16º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	18º
ÉVORA	17º
BEJA	19º
FARO	20º
SAGRES	
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	19º



RIXAS ANTIGAS estarão numa agressão a tiro de arma caçadeira (furtada para o efeito) de que foi vítima o trabalhador Américo dos Santos Ferreira, de 44 anos, casado, residente em Cabanelas (Mirandela). O agressor, um indivíduo de nome José, conhecido pelo «Mudo de Cabanelas» anda agora a ser procurado pela GNR local. Também ficou ferida ligeiramente a esposa do Américo, Maria do Amparo Nscimento, de 36 anos, que foi socorrida no Hospital de Mirandela.

FECHADO NA MALA DE UM AUTOMÓVEL pelos indivíduos que assaltaram a garagem, teve de abrir um buraco no estofo do assento traseiro para não morrer asfixiado. Luís Fernando Ferreira, de 19 anos, foi agredido por dois indivíduos quando à uma hora desta madrugada fechava a garagem onde trabalha, na Avenida do Basil, 56-A. Desmaiou e só viria a acordar dentro da mala de um carro. Apenas pela manhã seria libertado por um cliente que o ouviu gritar. Verificou-se que os assaltantes levaram o cofre monobloco com 800 contos e utilizaram para o transporte um automóvel, «Toyota Hiace» de um outro cliente que ali o guardava. Aquela importância seria depositada hoje no banco por um dos sócios, José Costa, que no sábado conferira o dinheiro.

DOIS ASSALTOS NO MESMO LOCAL, frustrando-se um por falta de valores mas rendendo o segundo dois mil contos. Foi na Praceta 4 à Avenida dos Bombeiros Voluntários, em Algés, onde em duas residências em prédios contíguos se verificou a «visita» de estranhos. O rendoso furto visou especialmente jóias e dinheiro.

Situação em El Salvador

Líder da oposição "prudentemente optimista"

O líder da oposição salvadorenha, Guillermo Ungo, mostrou-se hoje, em Lisboa, «prudentemente optimista» acerca da evolução da situação no El Salvador.

Ungo, dirigentes da Frente Democrática Revolucionária – Frente Farabundo Marti (FDR-FMLN) dirigiu a delegação da guerrlha salvadorenha que se avistou com o embaixador extraordinário da Casa Branca para América Central, Richard Stone, assistiu como convidado ao Congresso do Partido Socialista Português. Inicia agora uma série de visitas a vários países europeus. Está prevista para terça-feira a sua chegada a Madrid.

Também Richard Stone visitará, nos próximos dias, diversas capitais da Europa Ocidental, entre as quais Londres e Roma.

Ungo considera que Stone, que se entrevistou por duas vezes com os governos centro-americanos e dos países do Grupo de Contadora (Colômbia, México, Panamá e Venezuela) «vêm agora à Europa para acalmar a preocupação dos aliados europeus dos Estados Unidos e dissuadi-los a tomar iniciativas relativas ao conflito salvadorenho».

O líder da oposição salvadorenha pensa que os governos democráticos europeus, que apoiaram as iniciativas do Grupo de Contadora não devem tomar estas diligências como «uma excusa, uma evasiva para dispensar-se de tomar iniciativas próprias em relação a El Salvador e outros países centro-americanos, cuja situação afecta a paz e segurança mundial» porque as pressões dos governos europeus tem grande importância junto da opinião do Congresso e da administração norte-americana, em vésperas do início da campanha presidencial.

Diálogo

Em declaração exclusivas à ANOP, o líder do FDR-FMLN disse: «a nossa posição é de cauteloso optimismo, porque a curto prazo o presidente Reagan vai ter de optar, na sua dupla via, entre agudizar a guerra, com custos lamentáveis, inclusivamente para os Estados Unidos, ou o diálogo sério e verdadeiro».

Ungo considera que se entrou numa nova etapa com os primeiros passos dados no sentido de um diálogo formal com o embaixador do presidente Reagan, Richard Stone, e com a comissão de paz nomeada pelo Governo do El Salvador. O diálogo tem aspectos positivos porque significa o reconhecimento da nossa qualidade de interlocutor válido e de força política real e importante no conflito salvadorenho».

No entanto, considera que a falta de respostas às propostas formuladas pela guerrilha salvadorenha mostra que se trata ainda de um «jogo táctico de aparências, sem vontade real de negociar».

Esta atitude, disse Ungo, «serve principalmente para tranquilizar a opinião pública e encobrir o instrumento mais importante e principal da estratégica de Washington, que é o militar, com uma acção armada que se aprofunda e regionaliza cada vez de forma mais perigosa.

Guillermo Ungo disse que «os governos de El Salvador e Washington julgam ainda que podem alterar o curso da guerra, embora tenham reconhecido publicamente não podem vencer a guerrilha, a curto prazo».

«Dizem agora – segundo Ungo – que o conflito salvadorenho vai durar ainda de dois a sete anos, o que nos parece uma monstruosa falta de consideração pelas dezenas de milhares de vidas humanas que foram já sacrificadas».

Sem negar alguns êxitos militares alcançados pelas tropas governamentais salvadorenhas Guillermo Ungo precisa que não tiveram a importância que Washington lhe atribui.

«A ocupação de San Miguel e muitas operações realizadas pela guerrilha em quatro departamentos que tinham sido «limpos» de guerrilheiros, mostram que estes «progressos» são precários – disse.

Os próximos meses – adiantou Ungo, tornarão mais evidente o fracasso das ovas tácticas ensinadas pelos conselheiros militares norte-americanos ao exército salvadorenho.

Apesa da incorporação na luta antiguerrilha de vários batalhões treinados em Honduras, Panama e no El Salvador por oficiais norte-americanos.

O comandante do exército salvadorenho reconheceu que teve nos últimos 12 meses dois mil mortos, e seis mil baixas, entre mortos e feridos.

Acrescentando a isto os mil soldados que se renderam a guerrilha e foram posteriormente libertados, é fácil calcular o número de armas recuperadas pela guerrilha» comenta Guillermo Ungo.

Paz «versus» eleições

O líder do FDR considera que a situação pode agravar-se nos próximos dias, pois, existe a tentação, por parte de Reagan, de conseguir e consolidar posições militares agora, por não ter que intevir mais a fundo, militarmente, na América Central em plena campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos.

O perigo da internacionalização do conflito é «maior que nunca» na opinião de Ungo, porque «a regionalização é já um facto. O território de Honduras e, em menor grau, de outros países centro-americanos está a ser utilizado para operações militares contra outros países.

Para a guerrilha salvadorenha, o objectivo principal do diálogo «deve ser a paz, não às eleições».

E na opinião de Ungo, a última reunião de Bogota, entre a guerrilha e a Comissão de Paz do Governo salvadorenho não permitiu nenhum progresso neste sentido: «consideramos que o diálogo para resolver um conflito nacional deve desenvolver-se em território nacional. Propusemos a Nunciatura Apostólica de São Salvador como sede do próximo encontro, por consideração pelo apelo da Igreja católica em promover a paz e o diálogo» precisa Ungo.

A proposta foi rejeitada e «se a Comissão de Paz diz que não há condições para que a negociações prossigam no El Salvador, muito menos pode afirmar que haverá eleições livres e democráticas e exigir a nossa participação no mal chamado processo democrático salvadorenho» constata Ungo.

BEM-VINDO VIAGENS · TURISMO TOURS

TAÇA DOS CAMPEÕES
BENFICA
Olympiakos (Pireu)
19 de Outubro
◆**Viagens especiais**◆

GRÉCIA

●3 MODALIDADES●
CRUZEIRO ÀS ILHAS
HYDRA/POROS/AEGINA
Informações e inscrições:

AGÊNCIA DE VIAGENS
BEM-VINDO TOURS
RUA DO SALITRE. 135
TEL: 541229/34/56 · 541160
TELEX: 43469 - 1200 LISBOA
COM ESTACIONAMENTO NO PARQUE DO SALITRE

Mais um português no "Guiness"

Esteve 200 horas a tocar discos em Figueira de Castelo Rodrigo

Figueira de Castelo Rodrigo veio no sábado em peso para a rua a fim de vitoriar o jovem Carlos Martins Ferreira, disco-jóquei, natural do Lobito, que ao conseguir difundir discos durante duzentas horas numa discoteca daquela vila do distrito, irá ter o seu nome inscrito no «Guiness Book». Carlos Martins Ferreira, que completou às 21 e 12 a maratona de duzentas horas consecutivas a difundir música com o objectivo, disse, «de fazer alguma publicidade sobre o seu desejo de ingressar na Rádio Portuguessa», percorreu as ruas da vila num carro aberto dos bombeiros, precedido de banda e majoretes. O proprietário do estabelecimento onde decorreu a prova referiu que «nunca tinha visto tal festa na vila».

O jovem disco-jóquei iniciou a prova às 14 horas do dia 23 e completou-a 12 minutos depois, das 21 horas de sábado para compensar quatro cortes de corrente eléctrica (dois de quatro minutos e outros tantos de dois minutos) que entretanto se registaram. De acordo com a exigência do regulamento do «Guiness Book» a prova foi fiscalizada por «duas pessoas idóneas da localidade», tendo para o efeito sido escolhidos o notário e o chefe dos Bombeiros de Figueira Castelo Rodrigo, que agora irão elaborar o seu relatório testemunhando a maratona de Carlos Martins Ferreira. A prova do disco-jóquei foi ainda testemunhada por um piquete permanente de bombeiros e milhares de pessoas que foram assinando um livro de registos, assinalando a hora e dia em que presenciaram a prova.

Carlos Martins Ferreira, durante o período da maratona, apenas teve intervalos de cinco minutos, de cinco em cinco horas, para necessidades fisiológicas e, segundo disse, o mais difícil da prova foi resistir ao sono. «Custou muito e o ponto principal contra o qual tive de lutar foi o sono, pois em todo este tempo eu não dormi» – afirmou, acrescentando que ver o seu nome no «Guiness Book» dá-lhe «um prazer muito grande», mas que o seu grande objectivo à obter a possibilidade de ingressar na Rádio. «Foi uma oportunidade que tive de fazer um pouco de publicidade em torno de mim mesmo ».

Governo vai pedir autorização à AR para apresentar nova lei penal

PORTO, 3 – O ministro da Justiça adiantou ontem em Vila Nova de Gaia que o Governo pedirá, a curto prazo, autorização legislativa à Assembleia da República para aprovar em Conselho de Ministros uma nova lei penal.

Rui Machete, que naquela cidade do lado sul do rio Douro presidiu à inauguração dos novos tribunais de Trabalho e da Polícia de Vila Nova de Gaia, anunciou ainda que o Executivo de que faz parte está a asnalisar projectos ligados à nova organização judiciária e aos estatutos dos magistrados e do Ministério Público. A curto prazo, acrescentou ainda o titular da pasta da Justiça, o Governo providenciará junto da Assembleia da República para legislar sobre o novo código das sociedades, quanto ao Registo Processual e ao Registo Fiscal.

O ministo da Justiça admitiu ainda que a informatização (em estudo) poderá constituir um factor de maior celeridade na aplicação da justiça, até agora muito demorada devido a peias burocráticas. O ministro recordou as dificuldades económicas e financeiras que o Governo enfrenta, mas não deixou de garantir que, mesmo assim, a acção do seu Ministério não pararia.

Por sua vez, o presidente da Assembleia Municipal gaiense, Alberto Andrade, referiu-se a exiguidade de recursos financeiros dos municípios que deriva da actual interpretação da aplicação da Lei das Finanças Locais.

Também o representante da ordem dos Advogados presente na sessão inaugural se pronunciou dizendo que «se a Ordem tivese sido consultada sobre o processo de criação destes tribunais, certamente teria discordado da sua implantação numa das artérias de maior movimento do país: a Avenida da República,

INGLÊS-FRANCÊS ALEMÃO

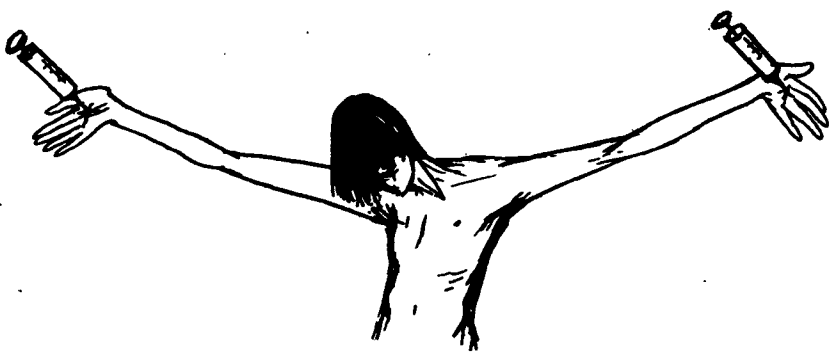
CURSOS EM CLASSES

MANHÃ-TARDE-NOITE
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

cial CENTRO DE LÍNGUAS
Av. República, 14
Tel. 533733

Sete Ponto Sete

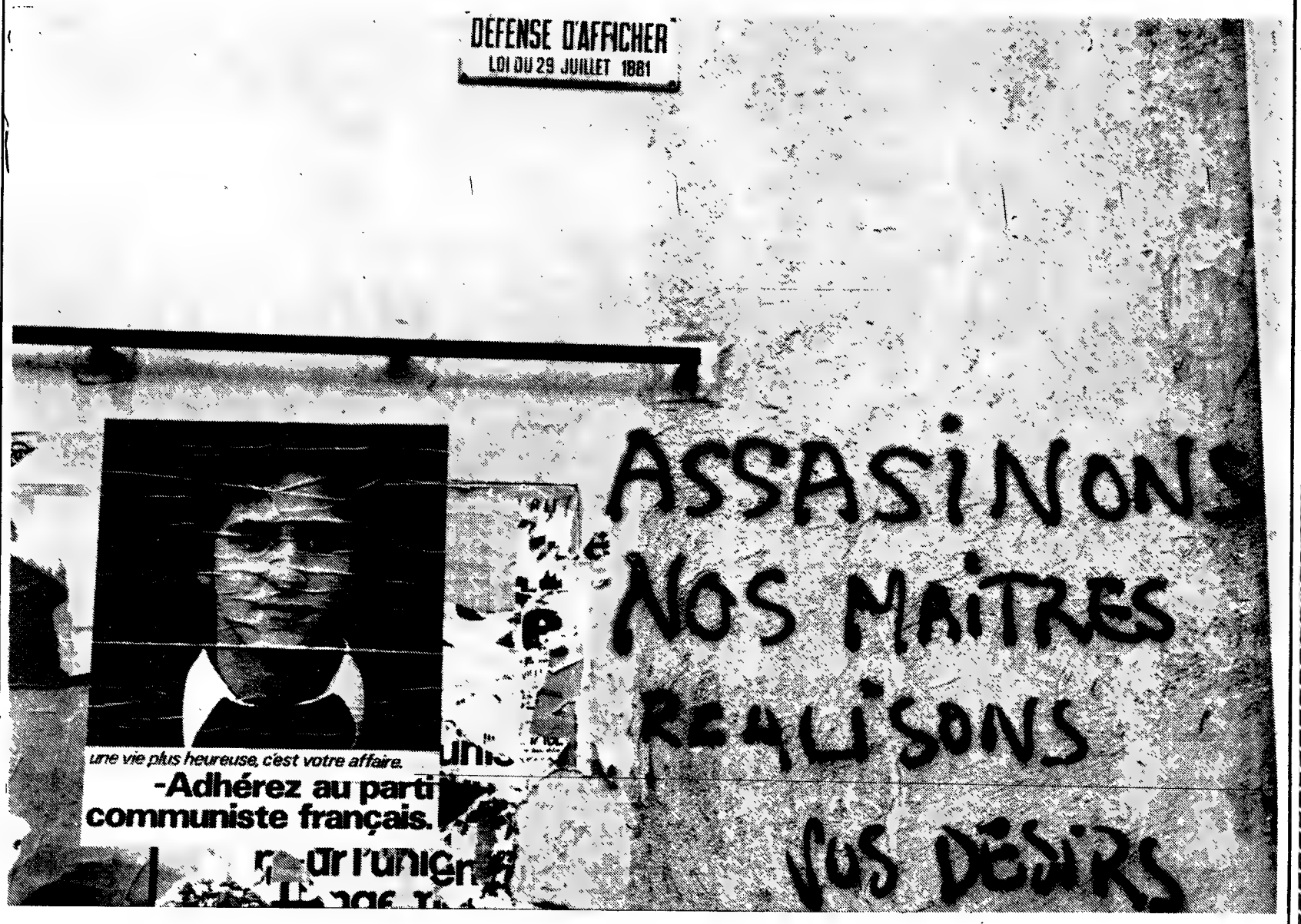
A nebulosa das depressões



Pág. 5

Actualidade de Descartes

Pág. 4



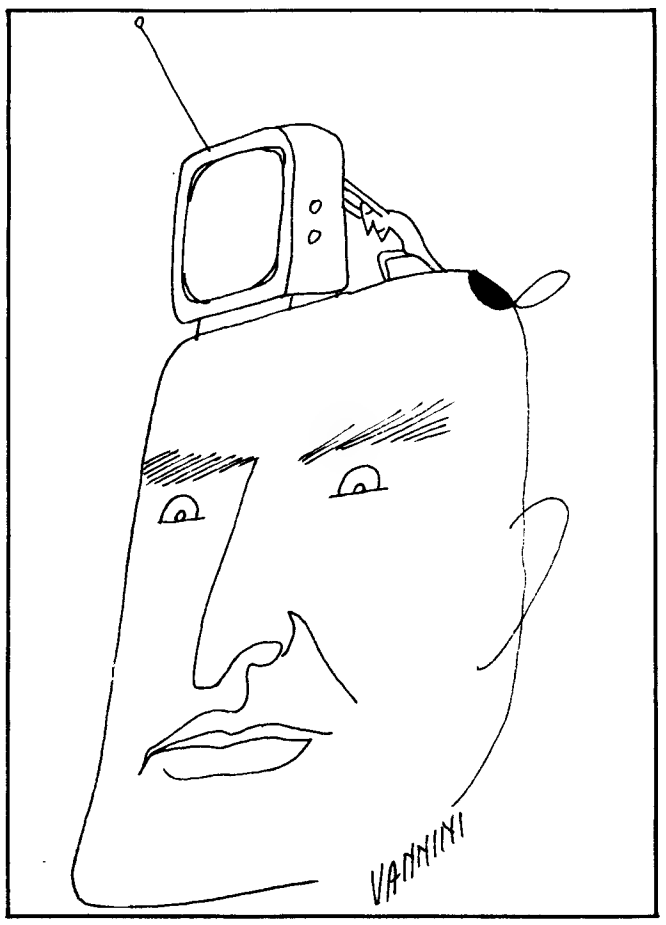
Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Limbos

"MASS-MEDIA" E CULTURA DE MASSAS? — III

Consumo cultural: massificação ou diferenciação?

Carlos Alberto Gomes



ALAIN Touraine, no seu texto «Tempos Livres, Participação Social, e Inovação Cultural» recorda que, «o tema dos tempos livres é quase sempre associado, no espírito dos sociólogos, ao da civilização de massa, seja porque os investigadores descrevem a submissão dos indivíduos aos modernos meios de difusão de mensagens, aos mass-media, seja porque observam os efeitos do trabalho moderno, trabalho parcelar, estreitamente regulado, realizado em empresas geralmente de grande envergadura e quase sempre geridas de tal maneira que o indvíduo só se sente ligado a elas por uma pertença funcional». (21).

Se assim é no plano da produção matertial que dizer (esperar) de um quotidiano obsesivamente marcado pelas suas exigências? para Raoul Vaneigem, a alienação instalou-se definitivamente impondo por toda a parte, a realidade de um homem desculturalizado,reduzido à função consumo que lhe é determinada pela paranóia produtivista do capitalismo industrial, sem possibilidade de participar activamente na criação cultural: «Numa sociedde industrailizada que confunde trabalho e produtividade, a necessidade de produzir foi sempre antagónica ao desejo de criar. O que sobra de centelha humana, ou seja de criatividade possível num ser arrancado do sono às seis horas da manhã, sacudido nos comboios suburbanos, ensurdecido pelo estrondo das máquinas, lixiviado, escorrido pelas cadências, pelos gestos privados de sentido, pelo controlo estatístico, e empurrado no fim do dia para os vestíbulos das estações, catedrais de partida para o inferno das semanas e para o íntimo paraíso dos week-ends, quando a multidão comunga na fadiga e no embrutecimento?». (22).

Da conjunção destes factores, resultaria a crise de todas as expressões culturais ligadas a uma categoria ou a um grupo social particular, facto que, segundo certas análises, prepararia o terreno não só para uma completa passividade dos indivíduos face aos meios de difusão maciça, «os massmedia penetram na vida familiar pela televisão, jornais, pelas revistas, mas sem modificar propriamente a relação com a cultura. A multiplicação dos espectáculo não transforma o espectador em actor» (23), como também se estabeleceria a partir desse condicionamento não um caos cultural, mas ao contrário, um domínio total e irreversível de determinado tipo de cosumo cultural.

Todavia, na visão de Touraine,tal «passividade» reflectiria afinal, não um modo específico de recepção das mensagens veiculadas pelos mass-media, mas sim a ausência de qualquer participação nos valores culturais da sociedade. Nesta, salienta o mesmo autor, «os grupos socio-económicos tendem cada vez mais para se diferenciarem pelo grande participação nos temas e nos produtos da cultura e já não pela posse de uma subcultura diferente das outras». (24).

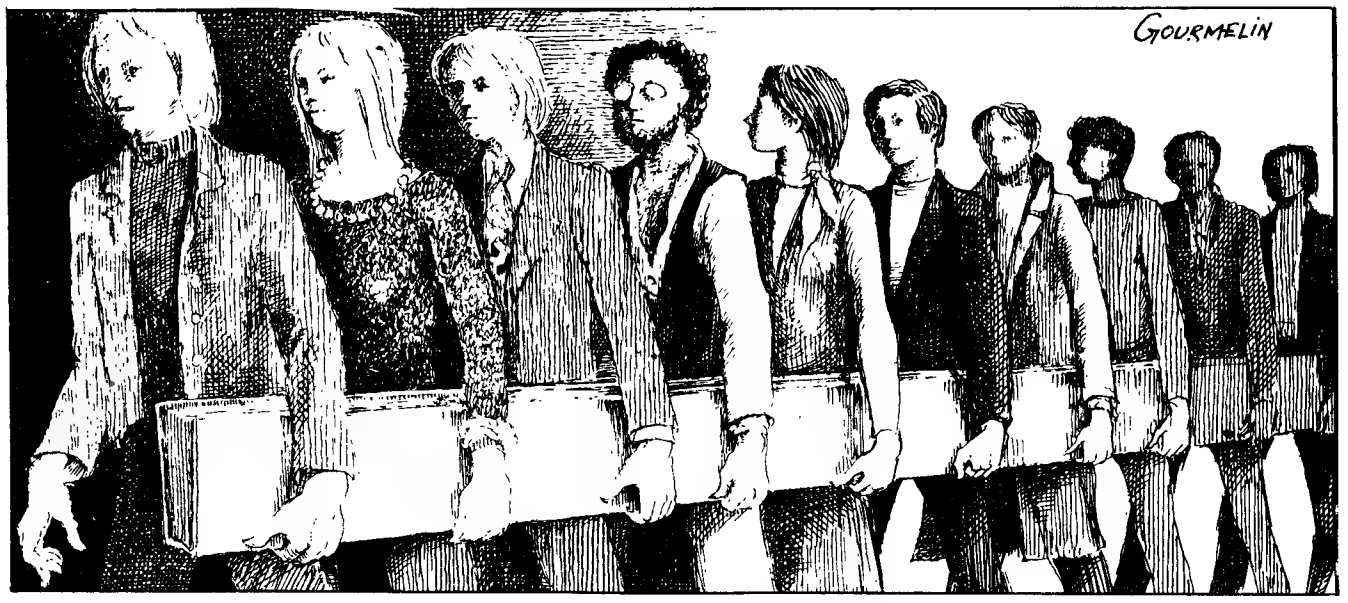
Constata-se, na sua estrutura interna, aquilo a que Touraine chama a «estratificação social dos ócios», cenário que, no seu quadro teórico,resume deste modo: «no plano mais baixo, — encontram-se — aquele que dispõem de receitas mais limitadas e que se encontram encerrados em zonas marginais, zona de decomposição dos anteriores meios culturais (trabalhadores imigrados vindos de países ou de regiões culturalmente diferentes, trabalhadores de zonas em declínio económico, velhos, assalariados com rendimentos muito fracos — que — se esforçam por se proteger por meio da conservação dos laços familiares; no plano acima, o importante número de trabalhadores de execução que só participam na cultura de massa pela aquisição de produtos e pelo consumo de espectáculos e que se protegem por um retraimento para grupos primários; mais acima ainda, aqueles cujo trabalho se define por um afunção e por uma posição numa organização. É a categoria mais acessível à influência das mensagens culturais (...) finalmente, no vértice, aqueles que têm tarefas de direcção e conhecimento». (25)

Para Touraine, esta estratificação mostra «que a cómoda expressão «cultura de massas» não singifica nem a igualização dos consumos culturais nem a formação de um universo de ócio, independente da actividade profissional». (26).

Também Bourdieu e Passeron sublinham a heterogeneidade do consumo cultural, embora o façam tentando demonstrar a inadequação metodológica de um conceito como o de «cultura de massas». Para estes autores, falar de uma cultura de massas supõe aceitar a ideia de uma homogeneidade socio-cultural que, de facto, é inexistente pois, «a pretendida massa não existe como tal em nenhum momento do processo de acçã dos mass-media, porque cada media recorta nessa massa o seu público de momento, que é o conjunto dos telespectadores diante do pequeno écran ou as pessoas que enchem as salas para ver um filme. E, mesmo no interior de cada media, é preciso, para ser mais exacto, distinguir o público própria a cada tipo de espectáculo ou de informação, ou ainda a cada emissão, a cada filme, a cada revista. Ora, os públicos assim delimitados são móveis, não correspondem a um grupo social determinado». (27)

Não surpreendem, pois, os frequentes equívocos que tendem a estabelecer uma identificação demasiado directa entre «mass» — media e massificação. A este propósito, esclarece Cazeneuve: «... quando se afirma que os novos meios de difusão são mass-media e constituem um sistema de comunicação de massa, subentende-se que tendem a homogeneizar os indivíduos que formam os seus públicos, a criar neles certas atitudes, gostos, comportamentos quase idênticos, relegando para uplano secundário os sinais distintitos e as diferenças que lhes podeiam confoerir, pelo contrário, a sua pertença a uma família, a uma classe social, a um profissão e atenuando ao máximo os traços específicos da sua personaldade. No limite, chega a imaginar-se ou a sugerir-se que, se a acção dos mass-media persistee a massificação resultante é prfeita, todos os indivíduos, sentados diante dos seus aparelhos de televisão, ingurgitarão o mesmo espectáculo a mesma hora e terão as mesmas reacções». (28).

Em síntese: é a heterogeneidade e não o seu contrário que melhor caracteriza o consumo cultural na pretendida «sociedade de massas». As sociedades industriais do capitalismo avançado (bem como aquelas em que o nível de desenvolvimento industrial é inferior, mas onde o fenómeno dos medida já exerce uma influência muito singificativa) são, afinal, sociedades em que a dinâmica potencialmente «massificadora» de certosmedia, etá objectivamente imitada por uma estrutura de classes, por uma complexa diferenciação sociocultural e profissional, que impõe, pela sua própria existência e reprodução afectada de constante alterações (basta pensar, por exemplo, nas novas profissões e decorrentes situações (basta pensar, por exemplo, nas novas profissões e decorrentes situações de classe e de estatuto socioprofissional e cultural, provocadas pelas inovações introduzidas nos aprelhos produtivo, comercial e administrativo, com a generalização da informática e progressiva automatização dos processos produtivos) a heterogeneidade reinante.



NOTAS

21. António Gramsci, «A Formação dos Intelectuais», Colecção 70, Segunda Parte, «Questões Preliminares de Filosofia», pág 46.
22. Alain Touraine, «A Sociédade Post-Industrial», pág 109, Morais Editores.
23. Raoul Vaneigem, «A Arte de Viver para a Geração Nova», pág. 51, Afrontamento/Porto, 1980.
24. Alain Touraine ob. cit. pág. 216.
25. Alain Touraine, ob. cit. pág. 213.
27. Alain Touraine, ob. cit, pág. 224. e 28. Alain Touraine, ob. cit., pág. 225.
29. Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, em «Sociologues des Mytologies et Mytologies des Sociologues», citados por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 205.
30. Jean Cazeneuve, em «Guia Alfabético das Comunicações de Massa», pág. 175, no artigo n.º 41, intitulado «Massa».

Nota: para a elaboração deste artigo, recorri a alguns dos cadernos da cadeira de Comunicação Social, do curso de Sociologia do ISCTE. As citações feitas a partir dos textos por essa via cosultados, têm, no presente artigo, esta enumeração por ordem crescente: 1; 2; 4; 5; 7; 8; 9; 12; 13; 14; 15; 18; 20; 29.

O nascimento dos Estados Unidos da América

Dominique Dhombres

A 3 de Setembro de 1783 Benjamin Franklin, John Adams e John Jay assinam com o enviado do rei de Inglaterra o tratado que põe fim à guerra da independência. Por esse texto a monarquia inglesa reconhece, a partir daí, a existência dos Estados Unidos da América.

A cena desenrolou-se, de manhã, num modesto quarto do hotel de York, que ainda hoje existe na rua Jacob em Paris. A seguir, toda a gente se amonto-a em carruagens em direcção ao cenário, antagonicamente imponente, do Castelo de Versailles, onde, na tarde do mesmo dia, em cerimónia grandiosa, a França e a Inglaterra assinam a paz entre si na presença dos americanos. O constraste entre a simplicidade do primeiro tratado e a solenidade do segundo revelam a importância relativa que, na época, desfrutavam os países interessados.

A França e a Inglaterra são as «superpotências» que criaram o hábito de, quer para a guerra quer para a paz, tratarem entre si. Os Estados Unidos não passam de uma longíqua colónia, ainda pouco povoada, que acaba de ascender à soberania de um grande território e que não há razão para tratar com demasiada consideração.

Abater a Inglaterra

Para a França é a vingança da guerra dos Sete Anos e do Tratado de Paris de 1763, que consagrara a ruína do império colonial francês, em particular do Canadá. Luís XVI, ao contrário de parte da nobreza francesa com La Fayette à cabeça, não apoiou os americanos por razões ideológicas. Tal como o seu ministro do Negócios Estrangeiros não nutria qualquer simpatia pelas colónias que se rebelavam contra o seu soberano. Mas, neste caso, tratava-se de rebaixar a Inglaterra... O rei ordenou assim um dia de festa e de acção de graças pela paz. Houve distribuição de vinho e salsichas pelo povo de Paris, que dançava nas ruas e levantou brindes sem fim a Benjamim Franklin.

Franklin tinha-se tornado com efeito o ídolo dos parisienses. O historiador Claude Manceron, que foi encarregado por Mitterrand de organizar as cerimónias do bicentenário dos tratados, nota que os habitantes da capital eram no conjunto dados a modas: num ano os mongolfieres, noutro o «magnetizador» Mesmer. O interesse por Franklin tinha-se no entanto mantido desde a sua aparição em Paris, em 1776, com vista a obter o apoio da França para os insurrectos.

Franklin vigiado pela Polícia

Este velhote, simplesmente vestido, tinha marcado a multidão porque correspondia exactamente à ideia então corrente desses estranhos «republicanos» do outro lado do Atlântico que queriam instaturar uma sociedade sem rei nem privilégios. O seu trajar austero — contrastava com as perucas polvilhadas e as cascatas de titinhos usados pela nobreza. Com os seus longos cabelos brancos, o seu boné de pele — que alternava com um grande chapéu de castor — e as suas meias tricotadas, Franklin oferecia a imagem perfeita do «virtuoso cidadão americano».

De entrada a Polícia vigiou-o. «O tumulto que a sua chegada gerou é inconcebível «refere um relatório enviado a Vergennes. E o ministro dos Negócios Estrangeiros pede ao prefeito da Polícia que proíba que se fale do «americano» nos cafés...

O seu colega John Adams, que não simpatiza grandemente com ele, é igualmente obrigado a reconhecer: «O seu nome é conhecido por toda a gente, quer do rei e dos nobres, quer do clero e do povo, de tal forma aue não há em França um camponês ou um burguês, um criado de quarto ou um cocheiro a quem a seu nome não seja familiar e que não o considere como um amigo da Humanidade (...) Fala-se dele, como se ele trouxesse consigo a idade do ouro (...) Dizem que as suas ideias e o seu exemplo vão abolir a realeza, a aristocracia e toda a hierarquia social no mundo inteiro».

De facto Franklin tinha a acabado de inventar a propoganda moderna. Considerava-se a si próprio como um enviado dos jovens Estados Unidos, não somente junto da corte como também em relação à nobreza, à burguesia e ao povo. Gostando de comer fora juntava assim o útil ao agradável. No final de um desses jantares oferecidos em sua honra, o abade Morellet compôs estes versos: «Eles querem a independência, Para beberem os vinhos de França, Esse é o fim, Do projecto de Benjamim».

Franklin é, acima de tudo, um excelente diplomata. Sabe manter boas relações com os franceses, mesmo — quando as peripécias dessas negociações a cinco — a Espanha e os Países Baixos preparam igualmente as suas tréguas com a Inglaterra — as tornam, por vezes, difíceis. Ele não demonstra a intransigência do seu colega Jay, que tinha querido impor como preliminar, uma condição inaceitável para o orgulho britânico: que a Inglaterra começasse por retirar as suas tropas do continente amercano.

Depois da vitória franco-americana de Yorkotwn sobre o exército inglês, em 19 de Outubro de 1781, a paz estava à vista. Os ingleses tinham tido 8000 prisioneiros e perdido 214 canhões e 22 bandeiras. Estes números são consideráveis, se se pensar na exiguidade dos efectivos empenhados, de um lado e doutro, nesta guerra da independência.

As tropas inglesas com a banda à frente foram obrigadas a desfilar entre alas de soldados americanos e franceses. E, humilhação suprema, o general britânico O'Hara, representando o seu superior Lord Cornwallis, oportunamente enfermo, teve de entregar a sua espada a George Washington. Ele ia apresentar-se na tenda de campanha do Marquês de Rochambeau, comandante do corpo expedicionário francês, quando um ajudante de campo deste último o impediu: «estais enganado. O comandante chefe do nosso exército é à direita», disse-lhe ele. Apresentar a sua rendição a um francês, não teria sido mais do que um acidente — assaz honroso — na luta secular entre as duas nações. Mas entregar a sua espada aos rebeldes era algo que alterava a ordem do mundo...

Um segundo acontecimento militar, inverso do primeiro, contribuiu também, paradoxalmente, para ajudar à Paz. A esquadra do Conde de Grasse tinha sido em parte destruída e o seu comandante aprisionado pelos ingleses na batalha dos Santos, perto de Guadalupe, nas Antilhas, em Abril de 1782. «Este choque moral será, no fim, benéfico», escreve Claude Manceron. «Os franceses, que começavam a armar em fanfarrões recuaram, e os ingleses que se concentravam serrando os dentes, distenderam-se. A partir daí vão poder começar as conversações». Era o que se esperava nos dois mundos, uns dois mil mortos para alimentar os diplomatas».

Gibraltar

As negociações foram lentas e difíceis. A Espanha, aliada da França desde 1779 mas não dos Estados Unidos, queria recuperar Gibraltar, coisa de que a Inglaterra não queria ouvir falar a nenhum preço, preferindo mesmo recomeçar a guerra. Os espanhóis mantinham-se firmes. «Duas coisas apenas subsistem, hoje em dia, dos tratados de 1983» escreve Richard Morris. «A amizade franco-americana e o embargo da Grã-Bretanha sobre Gibraltar»...

O tratado de Versailles incluia, com efeito, numerosas cláusulas territoriais. A Grã-Bretanha afirmava a sua propriedade sobre a Terra Nova e recuperava nas Antilhas, Granada, Dominique, São Cristovão e São Vicente. A França reavia Santa Lúcia e eram-lhe atribuídas, entre outras, a feitoria de Goree em África e a de Pondicyery nas Índias.

A guerra tinha custado muito caro ao Tesouro Francês. Turgot, contra a opinião de Vergennes, tinha aliás estimado que a França não possuía meios financeiros que lhe permitissem conduzir uma guerra tão longa. Estas despesas vieram enfraquecer a monarquia e foram uma das causas indirectas da Revolução. E, acima de tudo, a popularidade de Franklin e o testemunho dos soldados franceses regressados da América tinham grandemente servido a propagação das ideias republicanas.

(Le Monde)

Sete Pont

Ides

René Descartes

Ferdinand Alquié e a actualidade de Descartes

Christian Descamps

Reler Descartes com Ferdinand Alquié, é reencontrar um pensador contemporâneo, expurgado de todas as escórias, de todas as frases feitas.

Nascido em 1906, Ferdinand Alquié é membro de Instituto e professor honorário da universidada de Paris — Sorbonne. A sua obra, que trata profundamente do século dezassete, dá lugar á reflexão sobre a consciência afectiva e a consciência política. Férdinand Alquié editou as obras de Descartes (Garnier) e as de Kant que estão a sair na «Biblioteca de La Pleiade».

Escreveu, nomeadamente: «O Desejo de Eternidade», «A Descoberta Metafísica do Homem em Descartes», «A Nostalgia de Ser», «A Filosofia do Surrealismo», «O Significado da Filosofia», «O Cartesianismo de Malebranche», «O Racionalismo de Spinoza» e «A Consciência Afectiva»

Apar do seu interesse pelos grandes sistemas filosóficos, deixou sempre um largo espaço para o conhecimento afectivo.

— Desde muito cedo que fui seduzido por Leibniz. Como todos os adolescentes estava apaixonado e procurava nos autores românticos alguma coisa que respondesse ao que eu sentia então. Experimentava uma separação racial como ser amado mas, por outro lado, tinha o sentimento profundo de que eu só existia em função do outro. Tinha entretanto lido «Werther», mas as suas declarações patéticas não me satisfaziam. Quando li Leibniz descobri que as mónadas não têm janelas e que não estabelecem quaisquer ligações entre si. E, no entanto, tudo o que se passava numa delas era função do que se passava naoutra porque Deus as tinha pensado por um só e mesmo acto. Havia ali uma separação radical e uma união profunda...

Nesse tempo, Leon Brunschvieg era uma das glórias da Sorbonne.

— Ele foi de facto meu professor, mas, desde muito cedo, eu tinha sido atraído pelos grandes filósofos clássicos. Brunschiveg amava-os muito, mas entretanto ia-os alterando de acordo com a sua própria filosofia. Chegou até a declarar: «Nada será menos cartesiano do que dizer: eu penso; logo existo». Eu fui muito mais influenciado pelas pessoas que me ensinavam a história da filosofia tais como Brehier, gilson ou Laporte.

Acredita, num certo sentido, numa filosofia eterna. Já afirmou que todos os grandes filósofos, apesar das suas diferenças notórias, acabam todos por dizer um pouco a mesma coisa.

— Passei a minha vida inteira a ensinar essas diferenças e não vou agora dizer que Descartes é semelhante a Kant. Mas de facto penso que se considerarmos os esforços feitos no campo da filosofia no que ela tem de essencial, acabaremos por verificar que todos os grandes filósofos tecem uma crítica do objecto em função do ser. Isto, para mim, quer dizer que eles criticam a aparência em nome da essêncial Na verdade, cada filósofo faz isto,mas à sua maneira...

Já consagrou diversos trabalhos a Descartes. Lê-los é, de certa maneira, assistir a um grande Western metafísico. A linha que desenvolve é fora do comum. É posssível, para entrar em Descartes, escolher a via metafísica, a física ou a Matemática...

— Na época da grande edição de Adam e Tannery havia um grande interesse pelo Descartes sábio; o Descartes metafísico parecia secundário. Esta a atitude fazia parte do cientismo da época. Ora eu penso que a metafísica de Descartes continua a ser válida, o que não quer dizer que seja verdadeira. Ora a sua ciência — se deixarmos de fora a sua lei dos senos e a geometria analítica — está, em grande parte, ultrapassada. É certo que ele encontrou ao mesmo tempo que Harvey, o sistema da circulação do sangue; mas acreditava que isso se devia ao coração se tornar mais quente do que os outros órgãos quando o sangue ali fervilhava. Por outro lado, explicava que gravidade aparecia por causa da matéria subtil que rodava a toda a velocidade em redor da Terra e que repelia todos os corpos. Mas isto não retira nada ao seu génio. No entanto a sua metafísica continua inteiramente irrefutável. Posso-lhe ainda dizer que o mundo exterior, tanto quanto posso saber, não é absolutamente certo.

A sua metafísica será então absolutamente actual. Mas, em França, nós somos muito históricos. Continuamos a situar os diversos autores em relação ao seu tempo.

— Quando dei uns cursos sobre Descartes nos Estados Unidos fui encontrar estudantes que ignoravam tudo sobre o século XVII. Discutiam as diferentes «Meditações» como se se tratasse de uma obra acabada de publicar. Inicialmente isso chocou-me, mas depois senti-me seduzido por essa espécie de frescura de quem não tinha necessidade de se desembaraçar de uma cultura porque a não tinha.

Para nos mantermos históricos, parece hoje estranho que certos homens da Igreja — estou a pensar no Cardeal Berulle — tenham sido fervorosos defensores do mecanismo.

— A totalidade da Igreja não era favorável ao mecanicismo. Descartes foi mesmo posto no Index e condenado pela Sorbonne, mas é verdade que também tinha gervorosos adeptos no seio da Companhia de Jesus. Aliás Descartes aderiu ao mecanicismo, mas não foi o seu fundador.

De facto, o mecanicismo vai combater uma Renascença que espalhara forças naturais e misteriosas um pouco por toda a parte.

— A Igreja via nesse movimento um regresso ao paganismo, aos deuses das origens. Ora o Padre Mersenne, e Malebranche a seguir, pensavam que para estabelecer entre o homem e Deus uma relação verdadeira, era essencial desebaraçar a natureza de todas as forças sobrenaturais. Mas ninguém mais do que Descartes negou a divinização da natureza. Não cessa de repetir que ela não é nenhuma deusa. Quando escreve os «Meteoros» assinala que a nossa admiração se dirige espontaneamente para a natureza; mas que é necessário reduzir esse fenómeno a simples movimentos da matéria. O que é verdadeiramente admirável é a liberdade. Ora com uma natureza mecânicafabricada por Deus, deixa de haver Deus e o homem livre.

A corrente cartesiana que daí deriva é rigorosamente antitomista. Ele disse que a Idade Média teve uma filosofia pagã.

— Está certo. Malebranche, mais tarde, separará de forma estrita as verdades reveladas; tudo o que a escolástica tinha aí introduzido passou a ser tido como pagão. Descartes afirma o primado do sujeito sobre o conhecimento; é a sua ideia essencial. Ele é o pai espiritual de Leibnjiz, de Berkeley... Quando Hegel diz que o absoluto é sujeito, mantém-se ainda nesta linha. Husserl intitulou uma das suas obras «Meditações Cartesianas». Historicamente as «Meditações» afirmam o primado do sujeito para voltar em seguida a uma ontologia humanodeísta.

Descartes valoriza a dúvida; mas, dentro dele, esse momento foi ultrapassado.

— Descartes duvida de tudo: do mundo e das verdades matemáticas. Na sua primeira «Meditação» afirma «eu não estou seguro de não estar a sonhar». Começa por dizer que as pessoas que pensam ter o corpo de vidro são os loucos; «mas eu próprio sou louco todas as noites quando creio estar numa floresta e estou nu no meu leito». Resumidamente; ele anda à procura de uma verdade que resiste a tudo.

Descartes avança que Deus pode mesmo ser enganador. Nesse ponto da dúvida total, ele quer viver na dúvida e supõe-se um Génio do Mal.

— É uma hipótese voluntária; este procedimento permite-lhe duvidar. Esse Génio aferra-se à ideia de me enganar. Torna-se então necessário distinguir o Deus, que pode ser enganador e o Génio do Mal que é o processo metodológico para duvidar.

Eu posso assim duvidar de tudo; mas há no entanto algo que é meso uma rocha:o «Eu penso logo existo». A certeza do sujeito pensante é então superior à do objecto pensado. Esta asserção mantém toda a sua frescura inicial. Gostaria de lhe perguntar o que é que mais lhe interessa entre «Eu penso», o «Eu sou » e o «Para pensar é preciso ser»?

— Comecemos por sublinhar que essa frase se encontra no «Discurso do Método» e torna a aparecer nos «Princípios», mas está ausente das «Meditações». Na realidade trata-se de saber o que se quer dizer quando se diz: «Eu sou». Nas «Meditações» Descartes interessa-se pelo eu sou; mas no «Discurso» ele privilegia o facto de não se poder pensar sem ser...

O «Discurso do Método» — esse texto em francês — é um livro estranhamente composto.

— É o próprio Descartes que o diz; esclarece quem o construiu «para que as próprias mulheres possam compreendê-lo, em parte».

E no entanto, ele dialogava bastante com a Princesa Elisabeth, uma das mulheres da filosofia ocidental.

— Por vezes ele é um pouco lisonjeador; assim afirma que a primeira vez que a viu julgou ter visto anjos. Mas quando ele lhe apresenta questões ele responde-lhe com todo o cuidado. Elisabeth, que de facto inteligente, nota que a teoria de Descartes ao separar a alma do corpo deixa a sua relação em parte inexplicada. Se o corpo é pura extensão e a alma é puro pensamento não se compreende facilmente porque é que eu sinto uma dor quando espeto um alfinete num dedo. Para lhe responder, Descartes remete-a para a experiência. Confessa então que a própria razão tem os seus limites.

Ler Descartes com cuidado é estar bem longe do racionalismo banal.

— Descartes, como a maior parte dos grandes filósofos, tem sido traído e simplificado. Mas não o único! Malebranche foi a origem do pensamento ateu; e olhe para o que se tem dito de Marx! E no fundo, como resumir um filósofo em algumas linhas para um dicionário... Hoje em dia todos os franceses, mesmo os que nunca leram uma linha de Descartes, julgam-se cartesianos!

Afirma que Descartes inventa, com a criação de verdades eternas, um pensamento inteiramente único...

— Ele foi o único filósofo a ter dito isto; nunca antes tinha sido dito e nunca depois o voltou a ser desta forma. Ora afirmar que Deus criou livremente as verdades eternas que construiu — o que nos parece lógico e

Sai de uma só vez em

matematicamente evidente — é atribuir ao racionalismo limites muito bem definidos. Porque, uma vez admitido que Deus criou essas verdades — e que pôs a nossa razão de acordo com elas — o racionalismo funciona na perfeição. Mas à partida Deus poderia ter feito qualquer coisa totalmente diferente. Teria podido fazer com que 2 mais 2 fossem 5 ou que a soma dos ângulos do triângulo não fosse igual a dois ângulos rectos. De aqui que o que nos aparece como logicamente necessário é metafisicamente contingente.

Estamos aqui muito próximos da teoria dos mundos possíveis.

— Absolutamente. Mesmo a nossa matemática ou a nossa estrutura mental são produto de uma livre escolha divina. Mas o Ser está muito para além disso.

Descartes, a quem já dedicou tantas páginas, muitas vezes é dissimulado. Ele dava grande importância à sua segurança.

— De facto, não gostava de ser incomodado. Muitas das suas cartas são datadas de sítios onde, na ocasião, não se encontrava. Na Holanda o número de casas de Descartes é incontável. Por vezes reprovaram-lhe a falta de coragem que revelou no caso de Galieu. Entretanto na Holanda nem risco corria, uma vez que a Inquisição não existia aí. Eu penso que o que ele não queria era dizer algo que pudesse vir a ser condenado pela Igreja.

A par do interesse que demonstrou pelos grandes filósofos clássicos é certo que já consagrou também uma obra à filosofia do surrealismo.

— Eu fui atraído pelos escritos de Breton; muito novo pratiquei a escrita automática; em 1924 encontrei-me com os surrealistas. Fui amigo de Breton, de Eluard, de Tanguy. É certo que interpretava o surrealismo de uma forma diferente da dos próprios surrealistas. Por exemplo: eles diziam-se hegelianos, mas eu nunca pude acreditar que o fossem. Procurei no surrealismo também uma diferença entre o objecto e o ser. Breton afirma que o surrealismo assenta na convicção de que há qualquer coisa escondida por detrás de qualquer objecto visível. Creio que está bastante perto do que Descartes chamava a substância e que Kant definia como a coisa em si. Esta vontade de passar além do objecto para encontrar algo que o identifique, marca para mim o centro do processo filosófico.

Filósofo, mas dando uma grande importância ao conhecimento poético.

— Estou permanentemente a ler poetas e não vejo nisso a menor contradição com o meu amor à filosofia. Se se está convencido que o conjunto dos objectos do mundo não é o Ser, pode-se argumentar em temos filosóficos. Mas pode-se, igualmente faz-lo em forma poética. Penso que a poesia tem dito muitas verdades. Quando Eluard escreve: «Nós estamos reunidos do outro lado do passado», aproxima-se muito de Leibniz quando afirma que «as mónadas têm relações mútuas, porque foram pensadas na origem por um acto único».

(«Le Monde»)

Psiquiatria e sociedade

A nebulosa das depressões

Claire Brisset

FALAR de depressão é referir um flagelo tão velho como a humanidade, como o testemunha a Bíblia — Job e Saul — ou os escritos do antigo Egipto, ou será antes abordar um mal desta época moderna, precipitada, e agravada pela rapidez de movimento das sociedades contemporâneas? — perguntava o Porfessor André Haynal, de Genebra Parece que, concordavam os congressitas, a realidade da depressão, não variou substancialmente ao longo da história, enquanto que a sua percepção, a sua imagem e a sua terapêutica, essas sim, foram profundamente modificadas.

Será possível avençar com estimativas quantificadas? De acordo com os últimos dados (1982) citados pelo professor Haynal, 3 a 5% da população mundial sofre de uma forma de depressão, ou seja, 120 a 200 milhões de pessoas. Mas segundo as astimativas britânicas apresentadas pelo doutor Raymond Sadoun » Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica de Paris — este número subiria para os 15% entre a população do outro lado da Mancha e, em função das estimativas estabelecidas em Nova Iorque — como o refere o Doutor Norman Sartorius da Organização Mundial de Saúde — esta percentagem poderia atingir os 20% da população urbana da grande metrópole americana.

Divergências de avalaiação desta amplitude só podem explicar-se pela existência de uma imensa incerteza nosográgica. Nem os esquemas conceptuais herdados do final do século XIX, nem as terapêuticas aparecidas nos últimos trinta anos permitiram anular, antes pelo contrário, estas interrogações.

Desta incerteza emergem no entanto situações extremas sobre as quais a grande maioria dos especialistas estão de acordo. Num dos extremos situa-se a psicose maníaco-depressiva, a respeito da qual foi acumulado um vasto capital de conhecimentos. Afecção cíclica ou «ciclotímica», ela aparece, na sua forma mais característica, por impulsos onde alternam as fases de excitação aguda — ou de mania — com os períodos de depressão profunda — ou de melancolia — a «doença da bílis negra» descrita por Hipócrates.

Hoje em dia é quase unanimemente aceite que esta doença comporta, de certeza, uma forte componente genética, familiar, que desencadeia desordens neuroquímicas que respondem positivamente às terapêuticas médico-simuladas, em especial, à da tomada de lítio: prevenindo os períodos maníacos, o lítio evita a maioria das depressões «de retorno» e permite uma notável estabelelização do humor.

Lutos e Separações

No outro extremo encontram-se as depressões «de reacção», consecutivas a um acontecimento negativo marcante — um luto, uma separação, uma doença orgânica grave, etc — e que, lógicamente, reduz a força vital, o espírito de iniciativa e confere uma vulnerabilidade momentânea.

Mas o que é uma resposta «depressiva» a um acontecimento desfavorável? Qual é o patamar da «normalidade»? A partir de que momento, de que duração, de que nível de gravidade, a resposta depressiva ao fenómeno causal, se torna patológica, «neurótica»? É aqui que se localiza toda a incerteza porque um traumatismo só assume o seu verdadeiro valor quando colocado em relação com a personalidade atingida.

Além destes, numerosos outros estados depressivos se manifestam sem que exista o elemento causal, ou pelo menos, que este se revele como aparentemente significativo, ou em seguida a um incidente de aparência mínima. Podem aparecer por fim neste quadro umas quantas afecções orgânicas que são meros «equivalentes» depressivos muitas vezes insuspeitadas, sob este aspecto, do doente e do médico e que assim acabam por ser tratadas apenas sob seu o ângulo somático.

As teorias psicanalíticas trouxeram, desde as suas origens até aos trabalhos mais recentes da escola inglesa, elementos de interpretação sobre os fenómenos que aqui intervêm. A depressão, explica o Professor René Datkine, de País, è um estado «natural» do ser humano em seguida à separação dos seus objectos de amor originais. Toda a sua actividade, nomeadamente a obra de criação, é luta contra essa depressão das origens. A depressão do adulto assinala um abrandamento nesta capacidade para compensar uma insegurança devida às primeiras falhas na relação com a mãe. Assim pôde ser descrita a depressão «analítica», ultraprecoce, verificada nos bébes separados muito cedo da mãe — seis/oito meses. Na idade adulta a depressão centra-se sobre o sentimento de importância, acompanhado de angústia — a companheira mais frequente dos estados depressivos.

Formas de atacar o problema

Face a um quadro nosológico tão vasto como deve intervir a decisão médica? Parece, como foi sublinhado em Genebra, que a imensa maioria dos deprimidos — mais de 90% — são tratados por médicos de clínica geral. A intervenção do psiquiatra aparece aqui como uma raridade, reflectindo assim, como o sublinhou o doutor Schneider (Lausanne), a apreenção, mesmo a rejeição, que entre os doentes, como entre os médicos, tem o recurso a este tipo de tratamento.

Ora os clínicos gerais, formados a maioria das vezes no molde das técnicas orgânicas, estão, salvo raras excepções, pouco preparados para enfrentar problemas deste tipo, cuja importância não lhe foi referida quer durante os seus estudos normais quer no decorrer dos estudos pós-graduação. Daí o recurso maciço, e tendente a cescer, às drogas psicotrópocas, remédio contra a angústia do paciente e também do terapeuta. Enquanto que a maioria das depressões, sublinha o conjunto dos especialistas, revela uma terapêutica «mista», aliando a psicoterapia à quimioterapia, a primeira julgada pesada, longa e dispendiosa, é muitas vezes negligenciada em favor da utilização exclusiva da segunda.

A corrida aos antidepressores

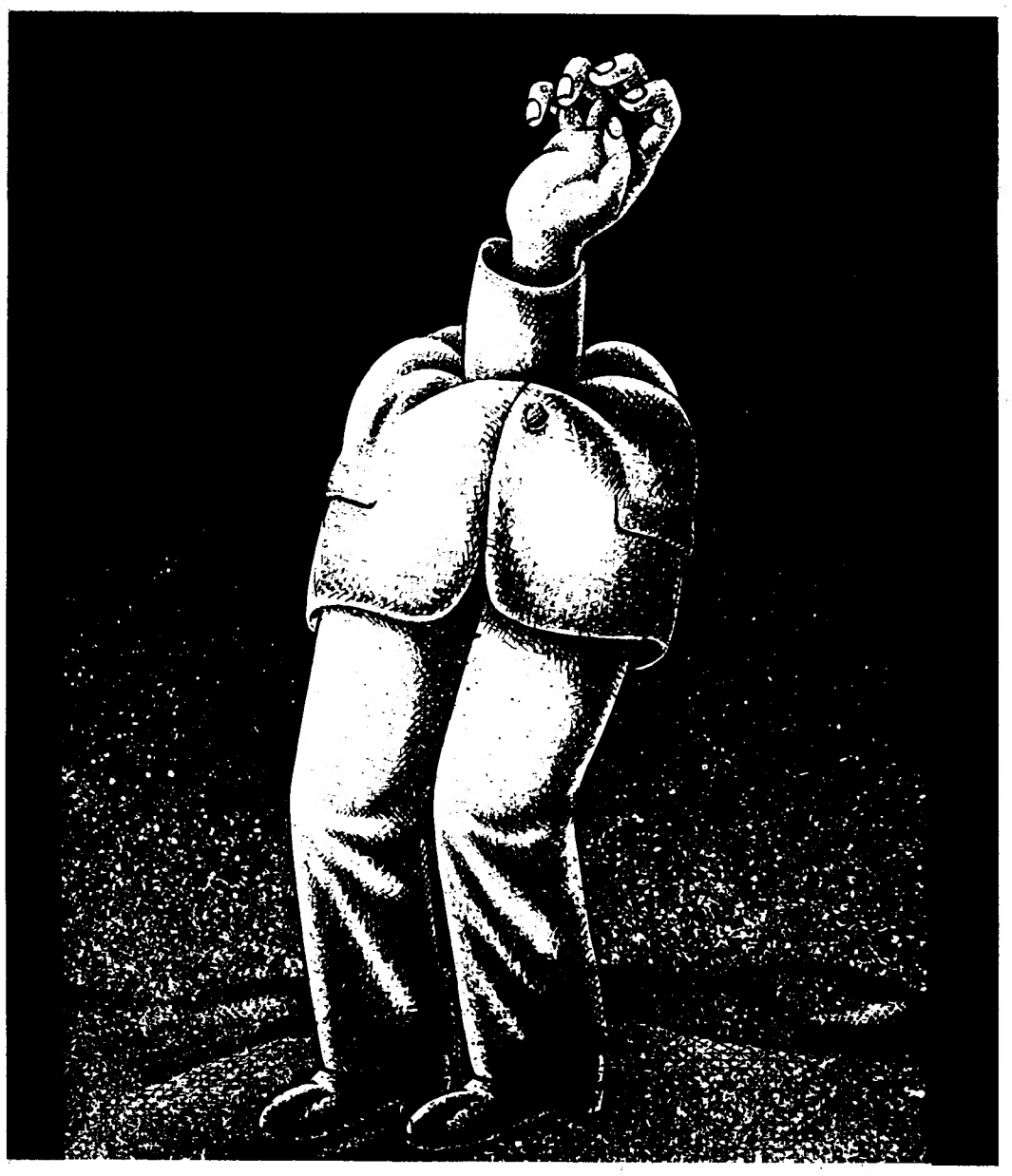
Daí que, como referiu o doutor Guy Maruani — Paris — o aumento das vendas de medicamentos antidepressivos em França esteja a crescer vertiginosamente nestes últimos cinco anos, passando dos 4 300 000 de receitas em 1977 para 7 300 000 em 1982 — três quartos destas últimas eram passadas por clínicos gerais e destinavam-se a mulheres. No total, sublinha o doutor Maruani, 19 000 000 de embalagens de antidepressores foram vendidos em França em 1982, ou seja, cerca de uma caixa para cada três franceses. Este número mantém-se em cerca de um terço do da venda dos tranquilizantes — mais de 23 000 000 de receitas em 1982 — mas a sua progressão torna-se alarmante e significativa.

Estas afirmações são corroboradas pelo professor Leonard Singer e pelo doutor Jean Marie Danion de Estrasburgo, segundo os quais, o aumento do número de receitas de antidepressivos é de longe superior ao dos estados depressivos em si mesmos; por outro lado, continuam eles, o clínico geral que receia os efeitos secundários — e com razão — destes medicamentos receita-os muitas vezes em doses muito fracas. Torna-se assim impossível saber «qual a proporção destas enormes quantidades que acaba efectivamente por ser consumida», como nota o Professor Singer. O que é indiscutível em qualquer dos casos é «a discordância entre a procura, que se situa a um nível psicosocial, e a resposta que é realizada através de um esquema biomedicinal».

Continua a ser desejável que os clínicos gerais possam tratar, «no futuro», os deprimidos, por um lado porque eles represetam uma franja importante da sua clientela e, por outro, porque não seria oportuno «psiquiatrizar» toda esta parte da medicina. Para que isto possa realizar-se e para que a resposta à depressão deixe de estar estritamente fechada na quimioterapêutica será necessário desenvolver consideravelmente a informação dos médicos e a sua formação e receptividade a estes problemas, como o assinalou o professor Jean Guyotat, de Lion.

A esta necessidade vem juntar-se esta outra: definir melhor o quadro nosológico da depressão, o que se torna imperativo pois a sua caracterização, vaga, implica uma certa demora na sua identificação quer pelo médico, quer pelo doente ou pelas pessoas que os rodeiam todos os dias. Sem isto, os pacientes continuarão, como o sublinhava um dos participantes no congresso, «as intermináveis excursões aos especialistas de órgãos», da linha das «doenças das paixões tristes» de que falava Laennec a propósito da tuberculose.

(Le Monde)



Sociedade

Desmontagens do quotidiano

Luís Baptista Sílvia Camilo

(a) PASSIVIDADE
(em) PORTUGAL
(no) PRESENTE

Estas são as coordenadas do nosso problema. Dum problema que, como tantos outros aqui, não se discute. Utilizaremos três expressões correntes e vulgarizadas, entre nós, — reflexo de vários níveis de vivência — de modo a ilustrar a questão que agora levantamos.

I — «... Eu cá não me meto nisso!»

Perante as mais diversas solicitações, esta resposta parece-nos manifestar desinteresse e demarcação face a um hipotético empenhamento conducente a um compromisso de acção ou, simplesmente, de participação ou apoio. Mesmo apoiar parece revestir-se de um eminente risco, ao qual há que fugir, seja a preocupação dos solicitantes política, ética, cultural ou social. Note-se, no entanto, que a recusa a solicitações não define, necessariamente, o ser passivo. É antes a frequência dessas atitudes mais a inexistência de capacidade de concretização de alternativas que o marcam.

Por outro lado, a imagem do «activo» não é das mais estimulantes: são poucos, «os mesmos», e, tornando-se públicos, gastam a sua imagem alvo da continuada apreciação alheia. Deste modo, não só se vão «queimando», como ainda, pelo cansaço inerente às actividades, não lhes resta disponibilidade para se «divertirem normalmente». Todos são rotulados da mesma maneira: *«Eles!... Não fazem é nada, estão lá a apanhar o deles»*.

Na maioria dos casos, interessam-se as pessoas mais pelas vantagens imediatas que advirão do desempenho de um determinado tipo de actividade do que pelo prazer de agir; quanto mais por preocupações do valor social que essas acções possam vir a ter. Entre nós, indivíduos há que se chegam a evidenciar pela permanente usura que fazem de lemas como *«Não me comprometam»*, *«Trabalhar para aquecer mais vale morrer de frio»*.

As conhecidas situaçõs de desinteresse e a sistemática negação podem ser fruto do medo: o medo de se comprometer que parece, ainda hoje, aterrorizar tanta gente pouco habituada à liberdade de usufruir dos seus direitos. Comprometer-se é, também, assumir o estatuto de cidadão. No entanto, a proclamada participação das populações na resolução dos seus problemas surge, neste momento, no entender de muitas pessoas como demagógica: isto porque a sua prática não é efectiva, embora o seu sentido não seja vão e constitua um dos fundamentos da sociedade em que os homens decidem do seu viver.

II — «Eles fazem o que querem... Eles é que sabem!»

Da posição individual face às solicitações à participação passamos agora à posição do observador das modificações por outros levadas a cabo — como se um amplo cenário tivesse sido montado e os espectadores comentassem o país que, ao largo, no palco passa...

Deste modo, aqueles que decidem usar do seu direito à participação na solução dos problemas deparam-se com um vasto público espectador, que apenas reage esporádica e desorganizadamente. Este dá aos protagonistas em cena a distante classificação de «eles», como se «eles» tivessem os rostos tapados, fossem entidades não identificadas, enfim, desconhecidos. Na realidade quem são «eles»? São um conjunto indefinido, à parte, onde desde os poderes públicos aos parceiros sociais, tudo cabe.

O pretexto dum desconhecimento de a quem atribuir responsabilidades, em parte justificável pelo funcionamento do aparelho burocrático estatal, é, no entanto, levado pelos cidadãos aos limites de exagero, ladeando-se a solução dos problemas por soluções individuais (particulares).

III — «... Se tivesse que haver um partido para os portugueses, era o CCA: Cada Qual Amanha-se»

Da posição passiva face às solicitações à posição de espectador (de novo passivo) perante o que se decide sobre si, à sua margem, já falámos. Mas então como soluciona o nosso concidadão os seus problemas?

Passivo ou activo, da maneira que considera mais eficaz, cada qual procura solucionar as situações com que se defronta — e que considera particulares, quase lhes atribuindo um significado de exclusividade. É que, ainda recheada de elementos de uma sociedade tradicional, marcada pelo peso da servidão e da força de circunstância de ser súbdito, e já preocupada em se tornar rapidamente desenvolvida, equipada das redes mais seguras de controlo e rápidas de decisão, a sociedade portuguesa conhece actualmente uma situação de distorção e de desajustamento que, no entanto, não altera a afirmação de que a lei do menor esforço se confirma enquanto solução individual e remédio para os males de cada um. Para este estado de coisas parecem ter contribuído também as imposições de cariz autoritário características de certos períodos da governação do nosso país.

A consciência de que certas situações possam ser comuns, e daí também as soluções, existe. Todavia, os indivíduos raramente recorrem a tentativas colectivas de resolução dos seus problemas quotidianos, antes procurando resolvê-los através de expedientes mais ou menos lícitos, mais ou menos tortuosos mas bem enraizados nos hábitos de todo o português, o Facto é que esse poderoso «sistema de favor» — cunhas, «caldos»... — funciona e mesmo se desenvolve em esquemas crescentemente subtis. É uma teia de relações mais ou menos camuflada, forma de resistência ao circuito burocrático, mas também forma de reprodução das situações de classe/grupo existentes.

Estaremos perante uma contradição entre a aparente rigidez dos valores morais dominantes — advogados em certas ocasiões — e os laços tradicionais de dependência pessoal e de apadrinhamento? (Se as próprias instituições regulam dentro de si o grau de liberdade das acções anómalas a permitir!). Admitindo que outras formas de relacionamento para a resolução de problemas fortifiquem, terão elas condições de enraizamento nos nossos costumes, antes que o germen do «pedido» tudo deite por terra?

Não parece ser factor de modificação do actual estado de coisas, a forma como os canais veiculadores da Informação fazem chegar até nós essa mesma informação. Antes leva a pensar que contribuem para a manutenção de um elevado grau de passividade, não só face ao que nos diz directamente respeito como ao conhecimento do mundo que nos rodeia. A Informação surge-nos, aparentemente, paradoxal e contraditória no seu papel de «dar a saber» e anestesiante, nos distanciando do conteúdo das mensagens transmitidas pela forma pouco criteriosa e «isenta» como aborda as realidades do quotidiano colectivo.

A estas ideias não podemos deixar de ligar, necessariamente, a fraca formação-base da maioria dos portugueses (analfabetos, semi e para-analfabetos) a quem as redes de Informação organizadas — não no sentido exclusivo dos mass media — não conseguem motivar para uma preocupação de labor colectivo na resolução de dificuldades comuns. Mantém-se, apesar de periódicas tentativas de dinamização e de animação, uma situação de impotência: por parte de quem promove e não se sente correspondido, assim como de quem se distancia das acções e torce o nariz às suas vantagens, muitas das vezes fazendo-o por medo de continuar a ser, «como sempre», enganado. — *«Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão»*. Então, não se poderá relacionar este medo de quem se sente marginalizado e afastado da decisão com questões ainda hoje prementes como o analfabetismo e até a fobia de assegurar, no imediato, uma boa colocação vitalícia numa qualquer hierarquia, para nunca conhecer o pânico de um desconhecido que é necessário enfrentar? E será que quem se safa de situações menos desejadas acaba por decidir alguma coisa de si ou apenas entra num dos rumos predeterminados socialmente para a sua pessoa?

Ora, um exemplo flagrante do tipo de soluções referidas é a emigração: fenómeno estrutural e castrador, traço indissociável do ser português e da busca externa e individual da solução, corroborado ao longo dos tempos pelo poder. Mas, lá como cá, a contenção da revolta, o hábito quase sagrado da resignação, o pudor de dar a conhecer a miséria vivida — miséria num sentido amplo e não estritamente material — são testemunho de um estado de aceitação passiva do destino, de um fado eterno e predeterminado.

Exceptuando raros períodos de explosão e efervescência colectivas, a vivência quotidiana é amorfa, como se se tivesse esgotado a sede de agir e a enrgia para o fazer. A vontade de mudança, apaga-se?

P.S. Nem sempre a poesia dos homens está tão longe da realidade que nos envolve como alguns ironicamente pretendem. É deste modo que, no seguimento desta reflexão aqui esboçada acerca da passividade, nos pareceu ter cabimento, a seguinte passagem do poema de A. O'Neil «Perfilados de medo»:

«Perfilados de medo agradecemos
O medo que nos salva da loucura
Decisão e coragem valem menos
E a vida sem viver é mais segura
. . . . . .»

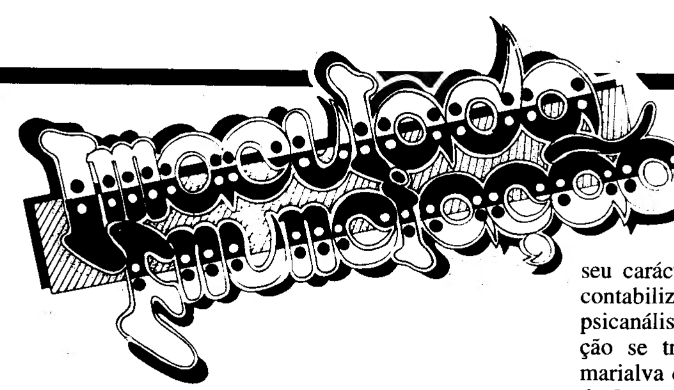
Stanislavski, actor e encenador russo, é autor da teoria sobre a interpretação dramática, exposta nas suas obras «A Minha Vida na Arte» (1924) e «A Formação do Actor» (1926), adoptada por homens de teatro de todo o mundo. Foi um dos organizadores da Sociedade Literária e Artística, em Moscovo, em 1928. Nove anos mais tarde, o seu encontro com Namirovitch-Danchenko, naquela cidade, no «Café dos Artistas», entraria na história do teatro russo. Nessa reunião, que parece ter durado mais ou menos doze horas, ficaram assentes os princípios que iriam proporcionar a grande renovação do teatro na Rússia fazendo-o passar da quase pré-história técnica às mais audazes formas interpretativas e foi redigido um manifesto que distribuiram, pessoalmente, pelos meios teatrais onde se lia:

«Protestamos contra a maneira arcaica de apresenntar a teatralidade, contra o falso patetismo, o estilo declamatório, o convencionalismo das decorações e da encenação, contra o favoritismo e a mediocridade do reportório. Em suma: contra toda a organização teatral».

Nesse ano de 1897, pouco tempo depois do célebre encontro, foi fundado o «Teatro de Arte» e nascia, assim, a escola psicotécnica de interpretação preconizada por Stanislavski, assim, a escola psicotécnica de interpretação preconizada por Stanislavski. Tinha como objectivos conseguir, em primeiro lugar, um ambiente adequado para cada obra; o cenógrafo devia identificar-se com o clima espiritual em que o drama se desenrolava, reflecti-lo nos panos de fundo e a os quais a cor acabaria por dar as últimas dimensões expressivas; aos actores era necessária uma preparação psicotécnica que lhes permitisse identificar-se por completo com a psicologia dos personagens e que deveria ir até à anulação da sua própria personalidade a fim de poder viver o que Stanislavski chamava «solidão pública», única maneira de possibilidar «a intercomunicação psíquica entre os diversos actores». No entanto o encenador afirmava: «Ninguém deve esquecer-se nunca que estar em cena é ser actor».

Viver o «papel»

Tudo devia sujeitar-se «à con-



Luís Andrade de Sá

A palavra «transeunte» é, segundo a opinião dos maiores especialistas na leitura fónica dos dicionários, aquela que no nosso léxico pior soa. Agora, imagine-se um transeunte, já de si estigmatizado pela fonética que o sustenta, empoleirado num autocarro ou passeando-se a pé a quem, de repente dá aquilo a que o novo dicionário ilustrado de língua portuguesa, Lello Popular, chama de caganeira, uma valente caganeira.

Consequência de alguma digestão não acasalada ou de um qualquer nervoso miudinho, a diarreia indicia-se cerca de cinco minutos antes de explodir pelo aparecimento de bagas de suor frio e por uma vontade irreprimível de fechar as pernas, desaparecendo simultaneamente qualquer disposição para os movimentos bruscos, para a conversa ou para o livre trabalhar do cérebro. A mente concentra-se unicamente na tentativa, vã, diga-se de passagem, de reprimir os gases que se vão formando no baixo ventre e que auguram uma manifestação ruidosa e fluida de nada compatível com a situação longínqua de qualquer porto de abrigo, que é como quem diz, de qualquer casa de banho, em que se encontra o infeliz.

Situação terrível que gera todo um código de tiques que vão desde o assobiar baixinho, como quem encanta as tripas, ao caminhar como o fazem os corredores da marcha e que traduz uma aflição idêntica à de quem cai à água sem saber nadar. Todavia, contrariando o adágio que diz agarrar-se o desesperado à primeira bóia de salvação que lhe lancem, há que, criteriosamente, escolher o local merecedor de ser o fiel depositário do acto de defecar que, neste caso, promete ser demorado e abundante. Ou antes, mais do que largar alarvemente e onde calhar o produto dos intestinos, torna-se necessário satisfazer com distinção e qualidade um capricho do organismo. Ainda que a vontade de fazer seja muito forte, ameaçando concretizar-se a qualquer momento, não há, mesmo assim, motivos reais ou aparentes que impeçam o saciar com classe e nobreza dessa máquina que é o ânus, e que o é ainda mais porque já antes de o seu carácter mecânico ter sido contabilizado pelos teóricos da psicanálise, essa mesma vocação se traduzia na expressão marialva de «**grande máquina de fazer cocó**» ou na constatação economicista de que «**se a merda valesse dinheiro, os pobres nasciam sem cu**». É uma máquina que tem desejos os quais, neste caso, se limitam ao expulsar do que está a mais no corpo, exteriorizando hedonisticamente um interior numa catarse prazenteira, memória de um cagar infantil e libidinal.

Daí que não passe pela cabeça de alguém minimamente preocupado com o seu bem-estar quando acometido da dor, na zona do Rego — Praça de Espanha — Av. de Berna, o defecar em outro sítio que não nas casas de banho da Gulbenkian, porventura as melhores da cidade, valendo até a pena quando não se está na área, o prolongar o desejo tanto, tanto, que dê para lá chegar. Afinal de contas, e citando Chesterton, o disparate é nós não pedirmos o que é certo: quer-se ir à casa de banho? Então não se vá às dos Metro (porque estão fechadas) nem às da CML nem a uma casa de banho qualquer. Há que exigir o melhor e assim surge a necessidade de o caminhante ter uma relação de casas de banho seguras, boas, que não deixem lugar ao imprevisto, que reduza ao mínimo as contrariedades do defecar.

Assim, e limitando-se a procura ao eixo da cidade, porque é aí que corre o Metro e desse modo será mais fácil e rápido o acesso às sentinas, sempre se dirá que na zona do **Campo Grande** há três óptimas casas de banho: Caleidoscópio, Biblioteca Nacional e Faculdade de Economia, sendo que esta última tem dias, ora está limpa, ora suja, permanecendo catalogável em virtude das inscrições que tem nas portas.

Entrecampos/Campo Pequeno: há que evitar a todo o custo as casas de banho das pastelarias, autênticos lodaçais e preferir as dos centros comerciais e, sobretudo, a da cervejaria Bierhause, que é a melhor coisa que lá há.

Saldanha: em calão desportivo, dir-se-ia que os WC do Galeto, da Versailles e do Monte Carlo passaram ao lado de uma grande carreira, aconselhando-se vivamente o uso das casas de banho do c.c. 222 e do Convés, esta com uma frase graciosa gravada na porta: **«Tótó o cagão largou aqui um soberbo»**, pese embora a ausência de ventilação que dá ao cubículo uma atmosfera bem pesada.

Do Saldanha ao Marquês, as únicas casas de banho que existem são as do Hotel Sheraton, quase tão boas como as da Gulbenkian, muito cosmopolitas e internacionais e, **para lá da Rotunda, descendo a Avenisa**, contabilizando-se quatro: Sociedade Nacional de Belas-Artes, com uma faiança como já não há e suficiente espaço e iluminação; Terminal do Rossio, as menos más dos centros comerciais da zona; Gambrinus, de um luxo confortável, que não inibe e, apenas para sócios, as da sede do S.L. Benfica, monumentos de fé e dedicação clubista.

Continuando o percusro metropolitano e até chegar a **Arroios, o melhor é não se perder tempo à procura de casas de banho, porque não as há, com uma ou outra excepção, como é o caso do Restaurante «Sbe Bem na Rua Andrade; cujas casas de banho não ficam muito a dever às da Portugália, de longe as melhores sentinas do Martim Moniz à Praça de Londres.**

Praça de Londres e Avenida de Roma: quando em funcionamento, os WC da Igreja de S. João de Deus fazem esquecer os da Mexicana, se nos abstrairmos das duas qualidades de odores inerentes a uma e a outra: incenso versus Moonwid da Avon, fragâncias que auxiliam o obrar. Mais à frente, e os privilégios da Av.de Roma também incluem a quantidade de boas casas de banho, tome-se nota das do Hotel Lutécia, Cinema Quarteto, sempre festejadas mas cada vez piores, Centro Comercial de Alvalade e Max Burger.

Com este roteiro o transeunte ficará, de certa forma, habilitado a fazer as suas necessidades como elas devem ser feiras — na paz do Senhor e no Reino dos desifectantes, evitando recorrer a posições de todo desaconselháveis, como aquela de pôr os pés na borda da retrete ou servir-se de sanitas sem assento, um mero buraco no chão com dois sítios para se porem os pés.

Contudo, e qualquer sondagem de opinião pública o confirmará, o melhor sítio de todos ainda é em casa, de preferência lendo o jornal desportivo ou um livro de cowboys, a literatura que mais é consumida nas casas de banho e que tanto irritava Henry Miller que não queria nem ouvir falar de ler na retrete. Para quem quiser fazê-lo e, melhor, aproveitar o tempo que se passa na sanita dedicando-se à leitura de obras que de uma forma ou de outra têm algo em comum com o acto, aqui se deixa uma relação, não exaustiva, de livros a consultar:

«Ler na Retrete», H.Miller, & etc.

«De Dieppe a Newhaven», H.Miller, incluido em «Sexo em Clichy» ed. Gf. Gráfica record..

«O guardador de retretes», P.Barbosa, & etc.

«A arte de peidar» Conde de la Trompete, & etc.

«Graças e desgraças do olho do cu», Quevedo, & etc.

«Como funciona o nosso corpo» Shneider, ed. Noticias.

«Da dieta ao jejum» ed. Verbo.

«As perturbações digestivas» ed. Itau.

Stanislavski nasceu há 120 anos

centração de esforços conscientes destinados a despertar a criação inconsciente». Pedia-se ao actor não que representasse mas para «viver o papel». Cada gesto, cada movimento, deveriam estar justificados, nada podia surgir fruto da fantasia do actor ou da improvisação.

O encenador tinha que ter em conta o ambiente de cada obra, o adequado fundo sonoro, «a música humana» — sussuro do vento, murmúrio da chuva, etc., para alcançar a meta ideal do «realismo espiritualizado».

A realização de tais objectivos exigia aos actores um período duro de ensaios e ao encenador um estudo aprofundado do drama. Como o teatro russo se encontrava, em 1897, a empresa parecia irrealizável. No entanto, Stanislavski atingiu a meta que se tinha proposto alcançar num breve espaço de tempo inverosivelmente.

Na encenação de «O Czar Fedor», de Alexei Tolstoi, foram utilizadas, em parte, as novas técnicas interpretativas. A adaptação de «Os Irmãos Karamazov», de Tostoievski, representou mais um passo em frente. Mas as ideias de Stanislavski só foram expressas em toda a plenitude, com as obras de carácter simples, íntimo e poético de Tchekov. Os seus valores ressaltavam, de tal modo, que a criação teatral de Anton Tchekov e a teoria de Stanislav «preciam ter nascido uma para outra», salienta José Hesse na sua «Breve História del Teatro Soviético». «Stanislavski consolidou o seu nome como encenador com as obras de Tchekov e Tchekov viu os seus méritos de dramaturgo reconhecidos graças às novas técnicas de Stanislavski» diz Hesse.

Os Estúdios

A morte do escritor, em 1904, representou uma grande perda para Stanislavski e para o «Teatro de Arte». Após um breve período de desorientação, continua a busca de novas formas que abram novos caminhos. Ao encenador surge então a ideia de criar os «estúdios». Não se tratava de escolas teatrais mas laboratórios onde podia realizar-se toda a espécie de experiências artísticas que levassem a «acentuar, cada vez mais, as notas íntimas dos dramas a representar».

«o drama da Vida», de Knut Hamsun, foi o primeiro trabalho resultante das experiências. Stanislavski queria fazer sobressair os elementos alegóricos da obra e produzir um «caos sensual». Utilizou decorações de cores violentas, uma expressão gestual dos actores desmesurada, música de fundo estridente.

A representação parecia confusa, não mostrando o costumado equilíbrio do encenador e a reacção do público desconcertante; uma parte aplaudia freneticamente, outra mostrava a sua indignação gritando «abaixo os decadentes», «abaixo os truques», «é uma vergonha para o Teatro de Arte»...

A montagem de um dos melhores dramas de Andreiev «O Homem e a Vida» é mais um passo de Stanislavski no caminho da renovação e no esforço de transferir para o palco não apenas o espírito da obra e a psicologia dos autores mas o confuso mundo do subconsciente. O personagem principal é uma espécie de esboço humano, é «Alguém» que nasce, cresce, casa-se, torna-se rico e acaba por morrer bêbado, numa taberna. «Esse trabalho de Stanislavski ultrapassa, de longe, todas as suas anteriores tentativas cénicas. Os métodos interpretativos e cénicos da escola psicotécnica atingem com «A Vida do Homem» a sua última dimensão — esceve José Hesse.

Um «pecado mortal»

A revolução de 1917 surpreende Stanislavski em pleno êxito. Mas uma série de circunstâncias iriam conjugar-se para o seu declíneo. Diz Hesse: «Em primeiro lugaur, o público que enchia, a abarrotar, os teatros, nos anos imediatos à revolução, era formado sobretudo por operários, soldados e camponeses analfabetos que era preciso educar em «marcha forçada» e para o que era necessário empregar métodos mais directos e populares que os da escola psicotécnica. Além disso, durante uma tournée pelas cidades do sul da Rússia, a companhia do «Teatro de Arte» ficou atrás das linhas brancas e sem possibilidades de regressar a Moscovo, privando Stanislavski do grupo de excelentes actores tanto tempo tinha levado a formar. Finalmente, caiu no erro de pensar que o teatro da revolução devia adoptar um stilo grandiloquente e montou a tragédia bíblica «Caim», de tristeza angustiante que, segundo Nina Gurginkel «tinha constituído o pecado da intelectualidade russa...»

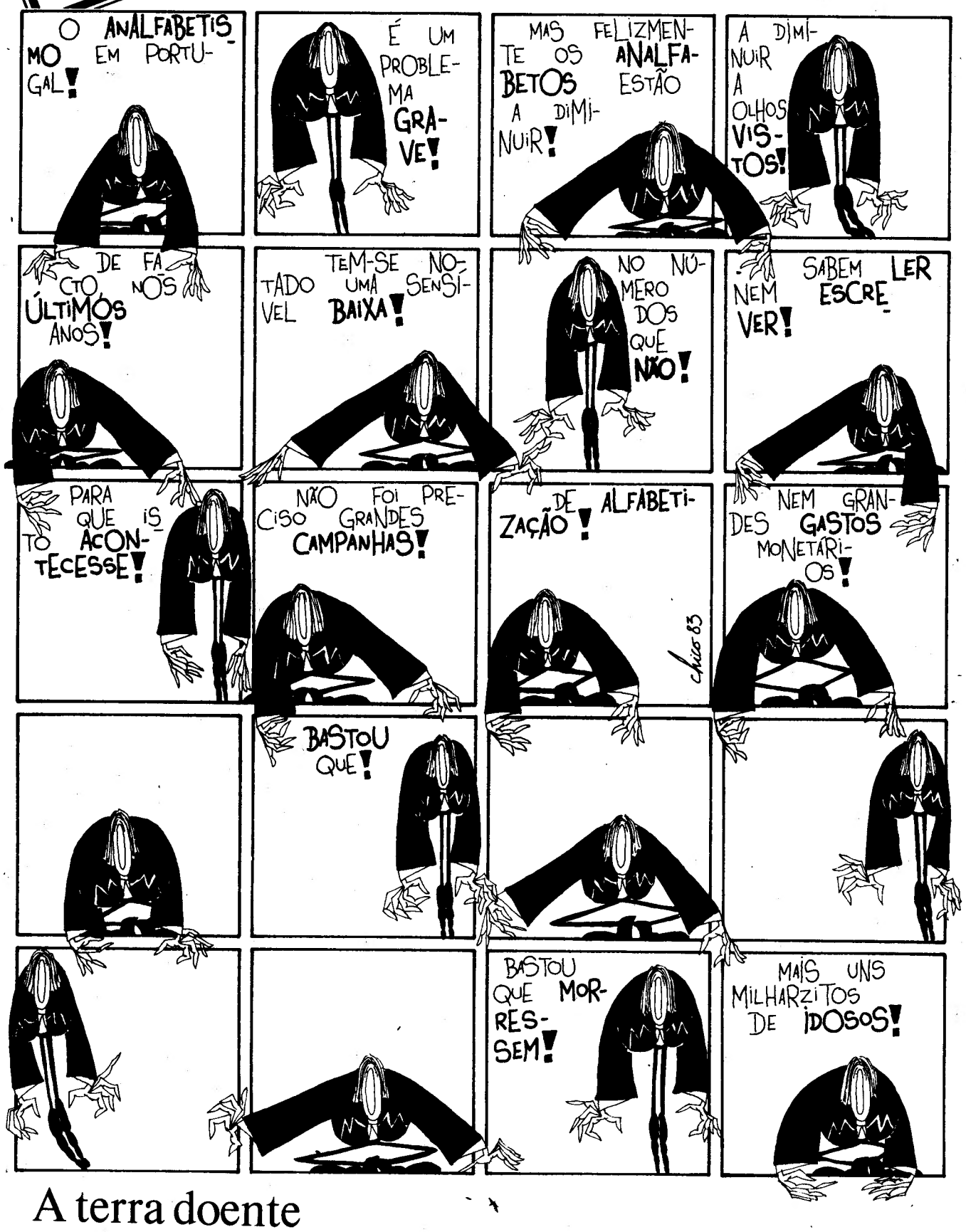
Compreende o equívoco, Stanislavski procura encontrar um drama capaz de adaptar-se à nova situação mas o desânimo apodera-se dele. «A tragédia da nossa revolução — escreveu — é que os seus dramaturgos ainda não nasceram e sem a colaboração de um dramaturgo os actores e o encenador nada podem fazer...»

«Como se fosse pouco — sublinha ainda Hesse — é encarregado de realizar, com a sua companhia, tournée ao estrangeiro e quando regressa, Meyerhld já havia imposto ao teatro soviético direcções completamente opostas às que a escola psicotécnica preconizava».

Os anos seguintes são de terríveis dificuldades. A influência de Stanislavski é praticamente nula. Com o surgir do realismo socialista regressa ao teatro com todas as honras. Recebe a homenagem nacional em 1937, um ano antes da sua morte. (Novosti)

Sete Ponto Sete

doces crónicas



A terra doente

NAS condições de uma economia altamente desenvolvida e de uma grande densidade populacional — 155 pessoas por quilómetro quadrado — o problema da protecção do meio ambiente tem um significado importante para a República Democrática da Alemanha. A base da acção do Estado neste campo são as medidas tomadas no quadro da Lei sobre o Desenvolvimento Planeado da Protecção da Natureza, aprovada há 11 anos.

Uma das direcções fundamentais é a preocupação pela recuperação da riqueza florestal da República e melhoramneto da sua natureza, atendendo ao facto de os bosques do território do país terem sido barbaramente destrudos durante a guerra e, consequentemente, alterada a sua composição.

Os bosques, é sabido, são o principal «produtor» de oxigénio. Os cientistas calcularam que um só hectare de bosque (e 27 por cento do território da RDA está coberto de bosques) dá até 40 toneladas de oxigénio por ano, absorvendo ainda muitas substâncias prejudiciais do ar. Segundo os dados científicos, um hectare de bosque assimila de 30 a 35 toneladas de poeiras, enquanto um de faia duas vezes mais. Por essa razão, foram significativamente aumentadas as plantações da faia e de outras espécies de árvores igualmente valiosas sobretudo nas zonas industrialmente desenvolvidas.

As zonas verdes das cidades são tratadas também com cuidado especial. Aqui, é impossível encontrar uma única árvore que tenha sido cortada inutilmente, pois é rigorosamente respeitado o princípio segundo o qual «árvore derrubada, árvore plantada». As proporções deste trabalho podem ser avaliadas pela dinâmica da empresa de exploração das florestas de Wernigerod, que planta cerca de 200 mil árvores por ano, não necessáriamente de espécies «rentáveis», já que a Lei sobre a Protecção da Natureza preconiza que se deve conservar em zonas particulares do país a imagem tradicional dos bosques que lhes é característica. Ao todo, existem na RDA 70 empresas deste tipo.

Não é menor a atenção que se presta ao problema da recultivação das terras, em especial aquelas que foram aproveitadas pela indústria de extracção. A recuperação dessas « terras abandonadas» para a actividade económica trará grandes vantagens, tais como a melhoria do equilíbrio das águas e a criação de novas riquezas agrícolas e de zonas de descanso.

Todo este trabalho se tornou possível graças à integração das empresas industriais na resolução dos problemas de protecção da natureza. Presentemente, funcionam em todas as empresas do país órgãos especiais, cuja única função é tratar das questões da defesa do meio ambiente, traçando os programas de investigação, determinando as despesas necessárias e controlando a execução das decisões tomadas. Estes organismos trabalham em contacto estreito com os órgãos de poder local e as organizações sociais.

Clip

Um dos grandes truques do diabo é fazer crer que não existe, mas o papa João Paulo II católico, apostólico, romano e cracoviano, não vai nisso. Inimigo, como é, da chamada «dissensão» ou apaziguamento entre o Leste e o Oeste, no seu afã de acentuar o confronto entre o Bem e o Mal na terra acaba de defender a existência de anjos e de demónios no mundo real e visível. Comentando os textos do Apocalipse, durante a missa inaugural do Sínodo Mundial de Bispos, o Papa recordou que «toda a vida humana, a individual e a colectiva, se apresenta como luta dramática entre o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas. Esse confronto é o impedimento principal na formação do Reino de Deus, tanto na vida da pessoa como na vida da sociedade». Não se pode ser mais explícito quanto à necessidade de dar cabo de tudo quanto impeça essa «formação». A sexta sessão ordinária do Sínodo dos Bispos celebra-se sob o lema «Reconciliação e Penitência na Missão da Igreja». Entretanto, o célebre restaurante romano «Afredo's», nas imediações do Vaticano, pôs na porta o seguinte letreiro: «Pedimos desculpa aos nossos estimados clientes, mas enquanto durar o Sínodo as salas do restaurante estão reservadas».

O Siabra da educaçon fuoi ralhar à telebison: cus partidos da oposiçon ton in casas do Mistério da Educaçon, quisto assim num puode ser cum tanta criancinha (e bélhinhas!) sim letras, mas cu goberno — canudo! — cusmete na horda, quisté pós democratas, num é pós totalitários. Pôçara: dênes que lebaram «Os Canhões de Nabaruone» ca g ente num bia na telebison uma fita tan voa.

Armand Mattelard, no breve ensaio que encerra o volume «Multinacionais e Comunicações de Massa», afirma que a tecnologia electrónica matou o *Super-homem*. já não haveria necessidade dele na luta contra as adversidades porque os superpoderes estariam agora nas mãos da ciência, com os satélites televisivos, o raio laser, os computadores, isto pelo menos segundo a mesma ideologia que fez nascer o super-herói defensor dos fracos. Ao certo, sabemos apenas que a tecnologia electrónica matou o cinema, o imaginário que o cinematografo produzia. Terá morto também o *Super-homem* das histórias aos quadradinhos? Este que o cinema agora nos traz assemelha-se terrivelmente a um Beaubourg invadido por japoneses com máquinas Nikon. Conseguirá o Super-homem partir as correntes que nos tolhem antes deste universo nikónico explodir?